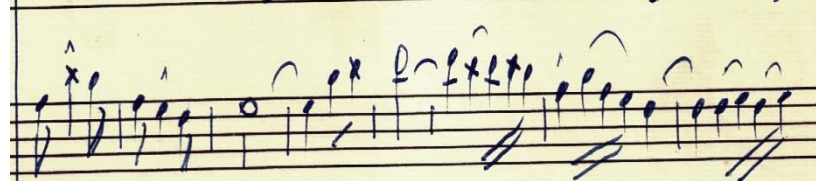
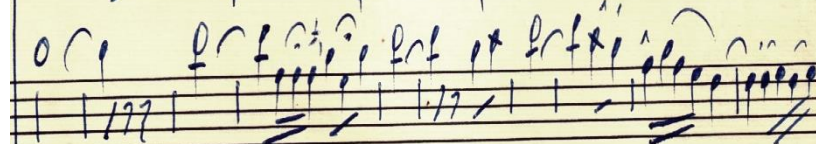
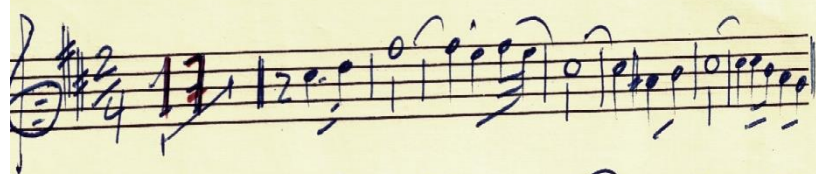


ESPAÑA = CAN = Piston solo sib  
- Passa Doble =



**MAESTRO VILO:**

**uma vida entre partituras e batuta.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

NAÍMA GOMES VILÔR

MAESTRO VILÔ: uma vida entre partituras e batuta

João Pessoa, PB.  
2013

NAÍMA GOMES VILÔR

## MAESTRO VILÔ: uma vida entre partituras e batuta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em biblioteconomia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

João Pessoa, PB  
2013

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

V762m Vilôr, Naíma Gomes.

Maestro Vilô: uma vida entre partituras e batuta./ Naíma Gomes Vilô.  
João Pessoa: UFPB, 2015  
134f.: il.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.  
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Narrativas autobiográficas – Maestro Vilô. 2. Memória. 3. Frevo -  
Paraíba. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU (2. ed.): 02(043.2)



NAÍMA GOMES VILÔR

## MAESTRO VILÔ: uma vida entre partituras e batuta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em biblioteconomia.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2013.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
(Orientadora - DCI/UFPB)

---

Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Ana Cláudia Medeiros

Às pessoas que sempre estarão gravadas nas minhas primeiras memórias, dedico a elas todo meu ensinamento e a minha educação. São elas Vovó Neuta, pela sua imensa SABEDORIA, Vovó Sucesso, pela sua imensa DOÇURA, Vovô Gildásio, por ser um exemplo de ESTUDO, e por último e não menos importante Vovô Vilô minha INSPIRAÇÃO para esse trabalho. A essas pessoas que não mais entre nós, mais que em meu coração sempre estarão, dedico o meu eterno AMOR.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido o dom da vida e da sabedoria.

Agradeço também a meus pais Geisa e Marcelo Vilôr por terem me amado, criado, educado, e por terem sido responsáveis pela maior parte de tudo isso que eu sou.

Agradeço a minha irmã Naiana Vilôr pelo apoio, mesmo às vezes forçado, mais sei que sempre estará ao meu lado para o que der e vier, minha melhor amiga.

Agradeço a meus familiares e amigos, que estiveram comigo em todos os momentos bons pelo divertimento e pelas alegrias, e também nas tristezas duvidas e apreensões, pois foi com tropeços, erros e acertos que me tornei essa mulher de hoje.

Agradeço por todas aquelas pessoas que passaram na minha vida, as vezes como estrelas as vezes como cometas, mais que deixando sempre marcado algo em meu olhar ou em pensamento.

Agradeço a essa nova família que adquiri nesses cinco anos e meio que passei na UFPB, essa Bibliofamília que é composta de amigos como irmãos, funcionário como tios e tias e Professores como figuras de pais Acadêmicos.

Agradeço em especial a minha Orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, para mim e acredito que para todos os seus alunos e orientandos, é considerada carinhosamente a nossa Mãe Intelectual, ou apenas na nossa querida Bernardina, essa pessoa com o coração imenso e palavras doces de sabedoria e conhecimento, que desde a primeira vez que me atendeu soube escutar e me orientar para construir esse trabalho, sempre lembrarei do modo que falava de mim, e que ficava feliz quando eu cantava as vezes tímida, mais cantando com o coração.

Agradeço a todos os entrevistados essas pessoas que passaram toda essa emoção e essência que envolve a história do meu Querido Vovô Vilô que sua história perpetue ainda por muitos carnavais.

Assim, sigo meu caminho ainda não sei como, apenas me inspiro no mestre Capiba:

*“De chapéu de sol aberto pelas ruas eu vou.  
A multidão me acompanha eu vou.  
Eu vou e venho pra onde não sei.  
Só sei que carrego alegria pra dar e vender”*

### **Poema do Oralista**

*Empresta-me sua voz...  
Dá-me pela palavra, que é sua, o direito de ser eu;  
Permita-me contar como foi como vejo, ou pelo menos  
como vi.  
Deixe-me dizer,  
Não como aquele que faz da saudade um projeto de vida  
Nem da memória um exercício.*

*Tenho uma história minha pequena, mas única.  
Pergunte-me o que quiser, mas deixe-me falar o que sinto.  
Dir-lhe-ei minha verdade como quem talha o passado  
Flanando sobre dores e alegrias  
Cantar-lhe-ei o que preciso como alguém que anoitece  
depois  
da aventura de auroras e tempestades  
como de alguém que destila a emoção de ter estado.  
Farei de meu relato mais que uma oração, um registro.  
Oração e registro simples, de indivíduo coletividade que  
nos une.*

*Empresta-me sua voz e letra para dizer que provei o  
sentido da luta,  
Para responder ao poeta que “sim”, que valeu a pena e  
que a alma é enorme.  
Empresta-me o que for preciso:  
A voz, a letra e o livro.  
Para dizer que experimentei a vida e que, apesar de tudo,  
Também sou história.*

**José Carlos Sebe Bom Meihy**



## RESUMO

A pesquisa tomando como pressuposto teórico os aspectos da memória sob a perspectiva da Ciência da Informação, a partir do tratamento de conjuntos documentais, objetivou (res)significar a memória e (re)construir a trajetória pessoal e profissional do Maestro Vilô, privilegiando sua relação com música e a cultura do frevo na Paraíba, associando teórica e metodologicamente a Escrita de Si, História Oral e a pesquisa documental, com vistas a (re)construir narrativas autobiográfica a partir das memórias e dos documentos coletados. Os dados coletados descortinaram o Maestro Vilô sob a perspectiva administrativa, artística e pessoal. Descortinando o sujeito em suas múltiplas trajetórias.

**Palavras-chave:** Escrita de si. Frevo na Paraíba. Orquestra Vilô. Narrativas autobiográficas. Maestro Vilô.

## ABSTRACT

The research taking for granted theoretical aspects of memory under the perspectives of Information Science, from treatment of sets of documents, aimed to (re)signify the memory and to (re)construct the personal and professional trajectory of Maestro Vilo, emphasizing his relationship with the music and the culture of the “frevo” in Paraiba, associating theoretically and methodologically of himself writing, Oral History and documentary research, in order to (re)construct autobiographical narratives from the memories and collected documents, artistic and personal perspective, unveiling the fellow in his multiple trajectories.

**Key-words:** Himself writing. Frevo in Paraiba. Vilo Orchestra. Autobiographical narratives. Maestro Vilo.

## SUMÁRIO

1	<b>INSPIRAÇÃO</b>	13
2	<b>ESCRITA DE SI, tocando os primeiros compassos da melodia Viloriana</b>	20
2.1	A Harmonia	20
2.2	A História Oral	23
2.3	A Escrita de Si	23
2.4	As Diversas nomenclaturas da Escrita de Si	25
2.5	O Grande Arranjo Metodológico	26
2.5.1	Os Naipes da Orquestra	27
2.5.1.1	<i>Base</i>	27
2.5.1.2	<i>Percussão</i>	27
2.5.1.3	<i>Sopro</i>	28
3	<b>(RE)COMPONDO A MEMÓRIA DO MAESTRO VILÔ</b>	30
3.1	<b>MAESTRO VILÔ NA BASE DO DISCURSO FAMILIAR</b>	30
3.1.1	Nas notas de Marcelo Vilô	30
3.1.2	No Ritmo Percussionista de Márcia Nascimento	38
3.1.3	A doce salgada convivência de uma nora	44
3.2	<b>MAESTRO VILÔ NA BASE DO DISCURSO MUSICISTA</b>	51
3.2.1	Travanquinha, rufando os as baquetas com Vilô	51
3.2.2	Dílson Meneses, no anúncio dos trompetes	55
3.2.3	Adelson Machado na palheta do sax com Vilô	63
3.3	<b>MAESTRO VILÔ NA COMPOSIÇÃO E INTERPRETAÇÃO MUSICISTA</b>	68
3.3.1	Vilô nas composições de Benedito Honório	68
3.3.2	Maestro Vilô na voz de Jadir Camargo	71
3.3.3	Maestro Vilô, na partitura do Maestro Chiquito	76
4	<b>FOTOAUBIOGRAFIA: Maestro Vilô em documentos</b>	82
4.1	Documentos Pessoais	83
4.2	Fotos Familiares	86
4.3	Fotos da Orquestra	97
4.4	Discografia	108
4.5	Homenagens e Jornais	116
5	<b>ACORDES FINAIS. . .</b>	131
6	<b>REFERÊNCIAS</b>	133





## 1 INSPIRAÇÃO

E aprendi que se depende sempre  
De tanta muita diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas  
É tão bonito quando a gente entende  
Que gente é tanta gente  
Onde que a gente vá  
É tão bonito quando a gente sente que  
Nunca está sozinho por mais que pense estar.  
(Gonzaguinha, Caminhos do Coração)

---

Ao ouvir a música de Gonzaguinha, Caminhos do Coração, nos lembramos de uma figura ímpar, Maestro Vilô, quando seu falecimento em 03 de fevereiro 2009. Sua saída da cena da vida real surge como um vazio para todos nós que com ele convivíamos. Por outro lado, sua arte parece preencher esse mesmo vácuo. É um sentimento misto de saudade e prazer, ele continua vivo em nossas memórias, no canto, no seu melódico ritmo de frevo. Suas interpretações musicais e, sobretudo, na insistente perspicácia para que aperfeiçoássemos a cada dia nossa voz.

De modo que o Maestro Vilô, deixou-nos fisicamente, porém permanece vivo em sua arte, nas orquestras de frevo, no ritmo quente e ao mesmo tempo melódico. Cresci, ouvindo e sendo instigada por esse artista a abarcar a arte musical, como se dela não pudesse escapar, foi e é assim, transformei-me em cantora de frevo. Com ensaios exaustivos, porém gratificantes. No carnaval, não dá nem mesmo tempo para descansar, toca-se, canta-se e novamente a recordação vem à porta do coração.

Maestro Vilô, bem que gostaria de estar aqui. Ele vive em sua arte! Por intermédio de muita gente, não nos transformamos em pessoas solitárias, são tantos artistas e instrumentos que a gente sente que nunca está só.

Por outro lado, a convivência diária com o Maestro Vilô, veio nos mostrar seu legado cultural quando testemunhamos tantas homenagens a ele dirigidas desde seu falecimento, tantos arranjos e partituras musicais interpretadas por ele. Mexida com tantos vestígios de lembrança, observamos, sob a ótica acadêmica, suas paradas com tantos foliões que brincaram embalados ao som de sua orquestra por entre as ruas da capital da Paraíba, como também nos salões dos grandes Clubes da cidade, a exemplo do Cabo Branco, Astréa, e tocatas nas praças e apresentações públicas.

Vivemos sob a égide do Frevo, das composições musicais, dos arranjos e da música. Podemos dizer que este é o cotidiano de nossa casa, desde a tenra idade. Todavia, a vida nos conduziu a outros territórios, e fizemos parada na Biblioteconomia como escolha profissional.

Ao longo do Curso nos deparamos com algumas disciplinas que nos remeteram à memória e a história, apesar de serem em menor número frente às de formação técnica, nos fizeram retornar ao passado e compreender que a memória é um cabedal infinito do qual só registramos alguns fragmentos (BOSI, 1994). São elas História da Leitura e dos Registros do Conhecimento, Informação Memória e Sociedade, ambas ministradas pelo Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto. Foram tantos textos, conceitos e ao mesmo tempo evocação do tempo passado. Somamos ainda as disciplinas anteriores Evolução do Pensamento Filosófico, ministrada pelo professor Dr. Gutembergue, e já as vésperas de concluir o curso a disciplina intitulada Preservação e Conservação de Unidades de Informação, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, com a participação ativa das estagiárias docentes Karlene Roberto Braga de Medeiros e Sandra Valeria Felix de Santana.

Esta última pareceu retomar alguns conceitos significativos ao exercício da profissão de Bibliotecário, qual seja repensar o papel da preservação dos artefatos de memória enquanto patrimônio social e cultural, trazendo-nos a concepção da cultura material e imaterial acrescido ainda da compreensão de memória individual e coletiva.

Foi então que nos deparamos com o desejo de estudar sob a ótica do conhecimento biblioteconômico questões memorialísticas, e em especial da Memória sob o enfoque da Ciência da Informação que consiste também na identificação e tratamento de conjuntos documentais que podem ser ressignificados. Foi então que nós voltamos para o pequeno acervo do Maestro Vilô, composto de início por três gêneros documentais:

- a) **Impressos** na forma de jornais, encartes de eventos, e certificados de posses;
- b) **Iconográfico** como fotos, prêmios, e homenagens, e os
- c) **Fonográficos**: CDs, DVDs, Vinis e entrevistas gravadas em Vídeo e Áudio.

Todo esse acervo remonta a fragmentos sobre a vida e obra do maestro Vilô, e aqui vale confessar, enquanto neta do artista, ao vasculhar atentamente cada fragmento desses papéis alguns velhos, outros amarelados, embolorados pelo tempo, conclui que desse pequeno acervo aliado a outros documentos e relatos de história oral, originaria o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que estava sendo-me exigido por ocasião da Conclusão do Curso de Graduação em Biblioteconomia. Relação que de início nos deixou apreensiva, o que nos instigou a percorrer caminhos em busca de encontrar o elo que justificasse nossa escolha e consequentemente nossa opção temática.

No curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB, outras experiências semelhantes já foram concretizadas, a exemplo dos estudos e pesquisas realizadas por Sandra Maria Barbosa Lima intitulado “Fontes de Informação na construção da memória da Prof<sup>a</sup> Antônia do Socorro Silva Machado: uma pessoa, uma escola dentro da comunidade”, defendida em 2010; a Monografia de Liliana Braga Rolim H. de Souza denominada “Afonso Pereira: Por as raízes da memória biblioteconomia paraibana”; Outra ainda foi de autoria de Rosane Coutinho Pereira Lacet intitulada Humberto Nóbrega: um homem entre livros que retrata a vida e obra do ex-Reitor da UFPB prof. Dr. Humberto Nóbrega apresentada em

2009 e transformada em livro em 2012; Ainda a Monografia José Simeão Leal: na tessitura da história cultural brasileira da autoria de Cecília Alessandra Rima Dutra, Perpetua Emília Lacerda Pereira e Bernardina Maria Juvenal Freire, cujo título “Memórias de leitura: prática leitora em José Simeão Leal”, Ilza da Silva Fragoso, entre tantas outras, porém com algo em comum, todas orientadas pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Bernardina Freire.

Observando que os esforços anteriores deram certo, só aumentou o desejo de buscar reconstruir a memória do Maestro Vilô, sob a ótica da Ciência da Informação, ampliando de igual modo o papel do Bibliotecário na contemporaneidade.

Ousamos e buscamos o apoio e orientação da professora Bernardina Freire para juntas empreender a pesquisa sobre a vida e obra do Maestro Vilô. É fato que apesar das homenagens póstumas e de alguns registros na mídia sobre esse artista, verificamos que muitas lacunas ainda persistem, de modo que nos instiga a adentrar no universo do maestro Vilô descortinando sua trajetória pessoal e profissional, ou melhor, vasculhar sua documentação, compor um acervo e acrescentá-lo a biblioteca, pois de acordo com Miranda (2003, p. 99) voltar os estudos para o campo da documentação histórica é:

[...] deparar-se com um universo de lembranças exteriorizadas, resíduos de um saber escritural em ritmo acelerado de apagamento; [...] é fazer do resíduo a ponte para a fixação, sob a ótica comparatista de um corpus que possa oferecer respostas mais convincentes à indagação do que é escreve entre nós.

O desejo maior de escrever sobre a memória do Maestro Vilô vem da necessidade de mostrar a vida, as histórias, e as conquistas desse homem que marcou os espaços e o cotidiano da cultura paraibana é possibilitar as gerações futuras, a essência do passado, e tudo aquilo que nos ensinou e plantou em matéria da música e suas interpretações.

Muito diferente de diversos personagens analisados sob a perspectiva memorialística, Vilô não deixou nenhum caderno, nem livros, nem mesmo pequenos apontamentos e nem biografia escrita e comprovada sobre ele. Mas



existia algo que nos fez percorrer os que conviveram com ele, o conhecimento tácito de seus amigos, ou melhor, a lembrança dos que com ele conviveram, especificamente na memória, dos seus seguidores e familiares. Isto nos faz recordar das aulas iniciais do professor Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto, na disciplina História da Leitura dos Registros do Conhecimento ao discorrer sobre informação e conhecimento. Esse conhecimento pode estar adormecido no interior de cada pessoa, necessita, portanto, ser evocado, como afirma Ricouer (2007), que toda memória possui sua dinâmica e precisa dialogar com algo que a auxilie no processo de rememoração ou mesmo evocação do passado. E é seguindo Ricouer que ao descortinar de cada capítulo iremos evocar esse passado tão presente em nossa memória e que merece nossa admiração. Pensando nessa perspectiva indagamos como (res)significar a memória de personagens tomando como ancoragem teórica o pressuposto conceitual da Ciência da Informação?

Na tentativa de responder ao questionamento norteador de nosso estudo, traçamos como *objetivo geral* “Ressignificar a memória e Reconstruir a trajetória pessoal e profissional do Maestro Vilô, privilegiando sua relação com música e a cultura do frevo na Paraíba, a partir da concepção conceitual da Ciência da Informação (CI)”, e, como *objetivos específicos*: Mapear e identificar a documentação que aborde a vida e obra do Maestro Vilô; Registrar a memória de pessoas que conviveram ativamente com o Maestro Vilô por meio do uso da história oral e da escrita de si; Construir uma narrativa autobiográfica a partir das memórias e dos documentos coletados.

Para atender aos objetivos propostos, o presente trabalho ficou assim estruturado:

**No capítulo 1**, intitulado **INSPIRAÇÃO** aportamos os aspectos introdutórios da pesquisa, considerando as necessidades de caráter teórico e pessoal que nos conduziram a escolha temática sem perder de vista a relação intrínseca com a Biblioteconomia.

**No capítulo 2**, intitulado **ESCRITA DE SI**, tocando os primeiros compassos da melodia Viloriana, levamos a cabo as perspectivas teóricas que embasaram o estudo fundamentado na relação da escrita de si em consonância com a história oral e suas nuances.

**O Capítulo 3**, intitulado **(RE)COMPONDO A MEMÓRIA DO MAESTRO VILÔ**, nos apropriamos dos testemunhos oral, com vistas a registrar e (res)significar a memória de um dos mais celebres maestros do frevo paraibano;

**O Capítulo 4** intitulado **FOTOAUBIOGRAFIA: Maestro Vilô em documentos**, reúne os documentos e fotografias que revelam a trajetória do maestro

**E por fim o 5 e último Capítulo** intitulado **ACORDES FINAIS**, descrevemos pontuado por sua trajetória as peculiaridades do Maestro Vilô e seu amor ao Frevo.



**2 ESCRITA DE SI, tocando os primeiros compassos da  
melodia Viloriana**

---

## **2. ESCRITA DE SI, tocando os primeiros compassos da melodia Viloriana**

[...] por que a rede furada da memória retém certas coisas e não outras [...].  
”(CALVINO, 2000, p. 72).

---

### **2.1 A Harmonia**

Para explicar a importância de preservar a memória do Maestro Vilô como instrumento para a cultura dos carnavais paraibanos, tivemos que percorrer caminhos teóricos que nos levam á, observar, perceber e narrar, sobre a vida, história e acontecimentos que marcaram de alguma forma. Bebemos na fonte de vários estudiosos para desvendar esse caminho que ainda hoje é estudado por muitos. Sendo conscientes da inexistência de uma biografia mais completa do Maestro Vilô, se fez necessário buscar outras fontes como relatos e entrevistas, com personagens que tiveram sua vida e histórias marcada por algumas fagulhas, ou trecho de lembrança.

Utilizando Vilô “eu” principal, para que não se perdesse o fio principal entrevistamos seguidores, familiares e amigos, que ao desenrolar da pesquisa nos ajudaram a montar esse quebra cabeças, que junto a artigos de jornais e revistas, recuperamos informações por meio do método da história oral e pesquisa documental. E através da escrita de si interpretamos os fatos para poder (res)descrever e ressignificar essas memórias silenciadas.

### **2.2 A História Oral**

A história oral é um método estudado por vários especialistas. Em suma nos traz um documento com conteúdo que vai além do que qualquer papel.



Ele traz emoção, e fatos que precisamente analisados revelam os relatos e a memória de um indivíduo ou de uma comunidade.

Ouvir essas histórias sobre Vilô nos faz voltar a seu tempo e sua história ser contada por esse personagem que grita “Estou vivo” cada vez que é lembrado pelas pessoas. Compartilhando com os estudos descritos por Meihy (1998), em seu livro **Manual da História Oral** afirma que escrever sobre os relatos de história oral vem desmistificar todo aquele “*preconceito*” existente sobre a veracidade dos relatos. Relatos esse que de fato são bases carregadas de fenômenos sociais que abordam assuntos sobre o cotidiano e seus fatos, intermediando a aproximação do social com a academia. A História Oral pode ser forte atuante em duas faces, a “história miúda” que relatando as manifestações das massas e minorias, como por exemplo, imigrantes, estudantes, e trabalhadores, que reivindicavam ou que apenas queriam compartilhar com todas suas situações. E também a “grande história” que tenta explicar os confrontos historiográficos, ou dá atenção a grandes fatos, preocupando-se sempre que seus registros perpetuem ao longo do tempo e sejam reescritos com total veracidade.

Apesar de que antes as entrevistas eram transcritas com correções ortográficas, para adequar-se a um padrão exigido, acabava perdendo assim sua essência. A História Oral apresenta alguns elementos que segundo Meihy (1998, pg.23) esse tipo de depoimentos tem que ser gravados e seguem a seguinte estrutura:

- 1) o entrevistador;
- 2) o entrevistado;
- 3) a aparelhagem;

Meihy (1998, pg.43) O que distingue história oral das entrevistas realizadas em várias áreas – principalmente da sociologia – são quatro fatores:

- 1) a técnica empregada na captação dos depoimentos;
- 2) a transcrição com a explicitação da função do *eu*;
- 3) o uso analítico ou não das mesmas;
- 4) o resultado a que se destina( se para academia ou para o público em geral).

A história oral nos mostra que não existe essa regra de ser só utilizadas para entrevistas acadêmicas ou por cientistas, mais sim pode ser usada numa entrevista feita por pessoas comuns sem fins científicos.

Para Delgado (2005, pg.10) Tempo, memória, espaço história caminham juntos.

Trazendo este conceito que a autora vem nos mostrar para o nosso cotidiano informacional, tem tudo a ver com, que tipo de fase ou tempo estamos passando agora, eis que surgem alguns questionamentos a serem desvendados. Que tipo de pensamento sobre o carnaval, e sobre a cultura informacional que essa manifestação nos traz? Que Vilô existe dentro de cada uma dessas pessoas? E também devemos levar em conta a relação com que esses sujeitos tiveram com Vilô, tempos que nos mostra neutros em todo decorrer da pesquisa, para que a vida desse ícone cultural seja descrita de forma limpa e com toda a essência que ela merece.

Meihy (1998, pg.17) no capítulo quatro do seu livro, nos mostra a importância de tornar esses registros perpétuos. Ele explica que essa nesse capítulo que às vezes a história oral é interpretada de forma nostálgica, e de certo modo é vista com maus olhos.

Como o mundo evoluiu muito rápido após a evolução tecnológica do pós guerra, passamos a correr para acompanhar, e a história oral também não foi diferente, pois foram surgindo outros meios mais modernos como computadores, gravadores mais modernos e o vídeo, que auxiliam na coleta das informações através das entrevistas, a história oral vem se instalar neste mundo.

Explica Meihy (1998, pg.18) a obrigatoriedade da participação da eletrônica na história oral determina uma alteração nos antigos procedimentos de capacitação de depoimentos antes feitos na base de anotações ou da

memorização. Esta é, aliás, umas das marcas de história oral como um procedimento novo.

Mais toda essa tecnologia não substitui a importância da entrevista frente a frente, ou seja, não pode perder essa sintonia entre entrevistado e entrevistador, o entrevistador tem que sentir e ver essa emoção mesmo não podendo expressar diretamente no seu trabalho.

### 2.3 A Escrita de Si

Sentimos a necessidade de definir o que é escrita, sabendo que o conceito inicial explica que, ela foi utilizada para registrar aquilo que se passava em seu momento, e depois de vários anos esses escritos vieram à tona para serem decifrados, foi percebido que aquelas inscrições eram carregadas com toda a história daqueles que as fizeram.

Segundo Foucault (1992) citado por Oliveira (2009, pg. 39) Para ir ao ponto, foi preciso ampliar o domínio da observação, da crítica, da história e da memória sobre esse acervo, e com isso, apurar o quanto ele é emblemático da escrita tomada em seu sentido mais geral - uma escrita que comporta abstinência, memorizações, meditações, silêncio e escuta de outro, enfim, uma escrita de si.

Dialogando com o pensamento de Foucault (1992) que utilizando o termo “as artes de si mesmo” afirma que a escrita substituiria o olhar do outro sobre si. Que em seu momento individual o sujeito seria capaz de descrever detalhadamente o que acontecia no interior de sua alma. Logo pensamos que existem acontecimentos na vida do Maestro Vilô deixados sem intenção como um rastro a ser seguido para construir sua história, ou seja, uma memória que para ser considerada só basta ser documentada.

Foucault (1992) afirma que para os gregos uma boa escrita significava que o sujeito tinha uma boa memória, a *Hypomnēmata* que era o conjunto da memória lida, ouvida e pensada. Eram feitos cadernos de anotações para que essa memória não fosse esquecida.

Essa forma de escrita era praticada como exercício para não esquecer, esses cadernos estavam sempre à mão, e eram escritos diariamente, e também eram feitas leituras em grupo. Hoje podemos analisar bem isso, fazendo um comparativo entre esses antigos diários que eram passados, lidos e transcritos por gerações, com as cartas e emails atuais, que às vezes são pequenas mensagens ou lembranças descritas nas entrelinhas que podem trazer um grande significado às vezes bem mais para quem ler, quanto para quem escreve.

Outro gênero que deu origem a alguns estudos da escrita de si, foi o ato confessional, que tem como primeiro destaque uma ação cristã, sendo uma técnica básica que consiste em desenvolver olhar para si, técnica de registro memorial daquele indivíduo.

Foi reconhecida como gênero a partir dos escritos nas *Confissões* de Santo Agostinho nos anos de 397 a 398. Seus textos foram considerados um dos pioneiros, referentes à escrita autobiográfica, seu conceito consiste praticamente em observar e se autoexaminar. Essa prática levava o sujeito a construir um caminho até Deus.

De acordo com Damiano (2009, pg.23) “Nesse processo de auto-exploração distinguisse aquela reflexão que procura objetivar a natureza humana daquela que quer estabelecer sua identidade, sabendo para tanto que ainda não sabemos quem somos. ” “O conhecimento de si não corresponderia ao conhecimento objetivo e universal da natureza humana.”.

A autora afirma que o processo de descobrimento, ainda não é suficiente para que o sujeito se desmistifique totalmente. Ou seja, que o conhecimento de si só é adquirido lentamente a cada fase dessas autoanálise.

Foucault (1992) faz um comparativo da *confissão* entre a visão filosófica e a visão cristã e explica que a confissão é tanto para os Cristãos quanto os Pagãos um exercício de renúncia, só que para os cristãos é a renúncia de seus pecados, ou seja, a confissão de algo que eles consideram atos errados e de pudor.

Já para a visão pagã, seria apenas o ato da confissão sem culpa e sem censura, seria escrever algo sobre aquilo que se está sentindo naquele momento.

Seguindo o questionamento de Fisher (2004, pg. 161) “sob o prisma de Foucault, o sujeito desaparece sendo substituído pelo discurso que caminho devemos seguir? ”.

Fazendo uma análise a partir deste questionamento tomamos como ensinamento, a História Oral e a Escrita de si representada como Histórias de vida, apesar de serem duas correntes de pensamento com algumas diferenças suas definições levam a um caminho semelhante. Em resumo a “história de vida” que tem como definição a individualidade do sujeito disponibilizada através de informações suas memórias e sua trajetória.

## 2.4 As diversas nomenclaturas da Escrita de Si

Tomar a Escrita de si como um caminho para o conhecimento, não engloba somente textos escritos, mas também interpretativos, que se dividem em duas categorias: verbais e não verbais.

Assim como na música as notas são sinais diferentes que quando escritos no pentagrama compõem uma melodia, que pode ser tocada por qualquer um que tenha conhecimento daquela área. Ou seja, as notas e os gêneros confessionais vão sendo distribuídos em diversas nomenclaturas, que seguem o conceito que o *eu* narrador utiliza para contar sua história.

De acordo com Araújo (2011, pg.12) Os próprios termos utilizados se embaralham: autobiografia, escrita de si, memórias, diários, escrita íntima, escrita confessional. Mas, de modo geral, e no que interessa a este trabalho, todos eles possuem a marca comum da afirmação pessoal: um eu que se revela no texto, procurando, ao menos em tese, ser sincero (ou parecer sincero), tentando, pela introspecção, justificar sua subjetividade, sua individualidade, tanto para si como para o outro.

Indo mais a fundo, traremos um conceito defendido por Ângela de Castro Gomes em seu livro *Escrita de si, escrita da história*, vem nos dizer que a *produção de si*, pode ser também encontrada em duas formas de objetos.

- **Os Materiais:** Que além dos textos podem ser representados em fotografias, imagens, cartões-postais, vídeos, entre outros.
- **Os Imateriais:** Como exemplo a música, ou a sonoridade das coisas, os ambientes e sua energia, os aromas e suas cores entre outros. Tudo que nos faz lembrar o que foi vivido, ou até retalhos deixados de vidas passadas.

## 2.5 O Grande Arranjo Metodológico

Segundo Gaya (1968) A palavra arranjo em música erudita, tem um sentido depreciativo, pois nada mais é que diminuir uma obra acabada adaptando - a para ser executada em condições inferiores a que foi planejada.

Fazendo uma analogia do pensamento de Gaya, digamos que nos somos as arranjadoras da vida do maestro Vilô, ou seja, ele compôs suas histórias e memórias que ficaram gravadas nas lembranças, ou em fotografias, vídeos, recortes de jornais, etc. E nós como posto de pesquisadoras e descritoras dessas memórias faremos todo o arranjo dessas história, colorindo o que antes estava silenciado. Gaya (1968) afirma que [...] a função do bom arranjador é aflorar a qualidade da música.[...] O arranjador é muitas vezes, um co-autor.

Seguindo os caminhos percorridos por um arranjador, para embelezar, e dá coerência melódica a música, fomos compondo as notas e os caminhos demonstrados pela escrita de si associada a História Oral. Cada etapa percorrida foi caracterizada e descrita como uma etapa para aprofundarmos ainda mais na vida desse mestre que se faz esquecido na mente das massas atuais. E ao mesmo tempo é lembrado na mente de amigos, parentes e profissionais que conviveram com o mesmo e ainda se alegram com os relatos das memórias que restaram da convivência com ele.

### 2.5.1 Os naipes da Orquestra

Seguindo um dos pontos principais desse trabalho, e aproveitando que Vilô foi um grande maestro, utilizamos os naipes de sua orquestra para dividir os grupos de entrevistas.

- **A Base:** Composta por Baixo Elétrico, Teclado e Guitarra eles são responsáveis pela parte harmônica da orquestra. Para compor esse naipe utilizamos depoimentos da família.
- **Percussão:** Composta por Bateria, Surdo e Caixa ou Tarol é responsável pelo ritmo da orquestra, ou seja, como se fosse à batida do coração desse grande organismo vivo. Para compor esse naipe utilizamos os seguidores do Maestro Vilô.
- **Sopros:** Composto por Trompete, trombone, Saxofones Barítono Tenor e Alto, são responsáveis por toda parte quente, ou seja, a frevura que embala todos os foliões. Para compor este naipe utilizamos as entrevistas com os amigos e músicos de sua orquestra.

#### 2.5.1.1 Base:

O primeiro grupo a ser entrevistado foram os familiares, pois queríamos decifrar de onde vinha essa essência para o lado musical de Vilô, e também queríamos investigar o que aconteceu com ele, desde a sua infância até a fase da juventude. Participaram desse primeiro momento de entrevistas, seus filhos, e sobrinhos, que aos poucos foram relatando tudo àquilo que traziam de lembranças sobre Vilô.

#### 2.5.1.2 Percussão:

O segundo grupo a ser entrevistado foram seus amigos e músicos da orquestra, que puderam relatar como era Vilô profissionalmente e como se deu sua convivência.

#### **2.5.1.3 Sopros:**

O terceiro grupo e não menos importante seus seguidores, uma legião de fãs que ainda sentem a saudade de seu mestre, e de tudo que ele deixou para traz.

Todos os membros da composição viloriana fazem coro no próximo capítulo intitulado (RE)COMPONDO A MEMÓRIA DO MAESTRO VILÔ.





### **3 (RE)COMPONDO A MEMÓRIA DO MAESTRO VILÔ**

---

---

### **3 (RE)COMPONDO A MEMÓRIA DO MAESTRO VILÔ**

Nesta composição foram muitas as vozes que se fizeram ecoar, que emprestaram sua palavra, suas dores e alegrias, as aventuras, em formato de registro oral, simples de indivíduo que permitiu falar o coração. De modo que optamos por transcrever seus depoimentos, mantendo-se fiel a todos os vícios característicos da linguagem oral, o estilo coloquial com que foram narrados à medida que se operava o rememorar.

Com essa perspectiva nos aproximamos de uma das funções da Ciência da Informação “organização e estocagem” da informação (TAYLOR, 1966, p.19).

#### **3.1 MAESTRO VILÔ NA BASE DO DISCURSO FAMILIAR**

Severino Vilô Filho, nascido em 01 de janeiro de 1933, tornou-se conhecido como Maestro Vilô, para além de sua profícua vida artística o Maestro constituiu família, alguns dos quais, parte integrante de seu segundo casamento contraído com Maria do Bom Sucesso Araújo, dos quais frutificaram dois filhos que compuseram o grupo de depoentes desta base Marcelo Araújo Vilôr e Márcia Maria Araújo do Nascimento. Associou-se a estas duas vozes a esposa de Marcelo, Geisa Maria Gomes Vilôr.

Emocionados remexeram seus baús de memória e assim foram narradores de suas próprias emoções, vozes que foram partilhadas por meio de história oral concedida a Bernardina Freire de Oliveira e transcrição posterior de Naíma Vilôr.

##### **3.1.1 Nas notas de Marcelo Vilôr**

Marcelo Araújo Vilôr, nascido em 1965, natural da cidade de João Pessoa, é o filho primogênito do segundo casamento do Maestro Vilôr. Traz na veia a alma de artista do seu pai. Bacharel em saxofone alto pela UFPB, e integra o quadro da Banda de Música do 15º Batalhão de Infantaria Motorizada, antigo

15 RI na função de 2º Sargento. Por recomendação médica Marcelo afastou-se de seu saxofone e contribui na Banda escrevendo arranjos musicais.

Interrogado sobre o Pai Vilô, Marcelo Narrou: Eu fui uma criança muito paparicada, para todo canto que papai ia ele me levava com ele. Na verdade ele foi o meu super herói.

Eu fui um tanto privilegiado com relação a meus irmãos, porque a mãe deles os abandonara e os deixou com papai e eles não tiveram tanto carinho de mãe. Eu tive carinho de mãe e carinho de pai. E, eu como caçula, tava sempre nos cós de papai, como diz a história, sempre junto às vezes tinhas os ensaios da orquestra, a gente saia a pé, a gente morava ali no bairro da Torre próximo a Beira Rio, próximo ao Caranguejo do Mauricio. A gente saia dali para ir lá pros Bandeirantes [clube] da Torre a pé pra ir para os ensaios da orquestra eu não era nem músico nessa época e ia junto não podia perder não. Para todo canto quando voltava com ele às vezes tarde da noite, as vezes o ensaio era bom, e ele sempre foi um líder e ganhava um dinheiro e dizia “menino vamos ali que eu vou pagar uma rodada de cerveja”, pagava o dinheiro do transporte dos participantes as vezes dava até mais, ele sempre foi uma pessoa muito humana. Isso era uma virtude, mais isso era devido ao tempo de sofrimento, a família que sempre foi assim povo do sertão de lá do cariri. Nesse sentido foi muito humano, ele procurava sempre dar o melhor pros músicos ele remunerava muito bem as pessoas com as quais ele trabalhava.

Agora ele era muito rígido responsável na coisa de responsabilidade ele não admitia irresponsabilidade, às vezes os amigos diziam vamos brincar, vamos beber, ele topava tudo, mais no trabalho não! Ele era muito rígido, e no lado comercial da apresentação da orquestra pior ainda por que ele não admitia chegar com os componentes na frente da alta sociedade com as roupas sujas e gestos de embriagues, isto era inadmissível.

Agora como pai, eu lembro se quer de ter levado muito castigo dele, mas os outros mais velhos, sim, ele era duro com eles, por isso eu afirmo fui um privilegiado um filho de papai nesse sentido. Todos estudaram.

A nossa família tanto ele como minha mãe todos dois caririzeiros sempre lutaram muito pra manter a família da forma como eles nunca tiveram, isto inclui as condições de sobrevivência, tanto que minha mãe trabalhava fora era enfermeira, tendo iniciado como parteira, fez o curso de auxiliar de enfermagem daí pra ajudar na renda.

Recordo quando meu pai organizava para além da orquestra os grupos pequenos para atender a outras demandas. Ele se reunia com cada grupo e ia passar os procedimentos, porque ele era muito organizado. E além de ensaiar a orquestra dele, ele tinha outras, às vezes faltava músicos para completar outros grupos. O povo gostava tanto do trabalho dele, da responsabilidade dele que os clubes de pequeno porte chamavam ele pra colocar a orquestra aí ele formava várias orquestras e pra não colocar o nome da Orquestra do maestro Vilô ele dizia não então vamos colocar outro nome.

E ia sobre o aval dele e ele chamava alguém de confiança dele e tomava conta. Eu sempre via esses movimentos essa coisa toda é até teve um momento que um sobrinho dele tomou conta de orquestra, às vezes os colegas, mais a preocupação principal era a orquestra dele, ele ficava na frente essa é a que ele se responsabilizava integralmente, da escolha de repertório e às vezes ele dava o repertório dele tirava copias, quer dizer ele arregimentava os músicos botava uma pessoa na frente pra ensaiar a orquestra além de tudo isso, quer dizer o cara tinha a faca e o queijo na mão.

O trabalho do cara era praticamente nada, só executar, por que ele primava pra coisa sair direitinho às vezes tudo ficava sob sua responsabilidade.

Eu ingressei no campo da música já trazendo comigo as experiências e o exemplo do meu pai. Entrei na universidade no curso de extensão para tocar clarinete nem foi com saxofone depois que arrumei um saxofone e comecei a tocar carnaval, mais o primeiro instrumento tocando profissionalmente, e que eu toquei na orquestra de papai foi surdo.

Teve um momento nessas idas e vindas e eu fui crescendo e virando um rapazinho, eu continuava do mesmo jeito continuava indo pros mesmos cantos que papai ia aí eu passei os meus primeiros contatos com música, mesmo antes

de ser músico, eu pegava a cópia de uma partitura e ia tenta copiar sem saber nenhuma nota, eu via aqueles garranchozinhos mais não sabia nenhuma nota, e ia tentar fazer copiar, na verdade eu desenhava, não sabia nem que nota era aquela, aí papai me botou para eu trabalhar na orquestra na função de arquivista, organizando as partituras. O arquivo da orquestra tinha que está pronto, colocava as músicas na pasta deixava tudo organizado, todos os instrumentos organizados, grampeava-se e pegava outro, e eu fazia a seleção essa função de arquivar o repertório daquele ano que não ia mais usar. Eu pegava colocava as músicas novas e guardava as antigas, esse foi meu primeiro emprego na orquestra. Daí foi quando eu comecei a estudar música, eu diria que até muito tarde porque eu só queria saber mesmo era de futebol.

Agora como papai virou maestro eu não sei, penso que foi mesmo o timbre comercial dele pra vender os serviços da orquestra, essa postura de ser líder mesmo sem ter grandes escolaridades.

Do ponto de vista da educação formal, nem sei se ele concluiu o colegial, mais aí ele começou a organizar os grupos lá no Clube Independente isso foi mais ou menos na década de 60. Depois ele foi tocar na Orquestra Tupi de Frevo de Wilson Ferreira músico muito bom lá de Pernambuco.

Naquela época era orquestra grande, cinco pistões, cinco trombones, cinco saxofones, de muito volume não tinha microfone não tinha nada tinha que ter qualidade, depois ele passou a vender a orquestra de Wilson Ferreira, mais teve um momento que eles se desentenderam por que eles eram geniosos. Até que um amigo de papai da Radio Tabajara Geraldo Cavalcante, aconselhou-o a formar a orquestra dele mesmo. Foi quando surgiu a orquestra do Maestro Vilô a partir já com a credibilidade dos músicos e do comércio só faltava arregimentar os músicos. Aliás tinha os músicos amigos dele da polícia daí ele ajeitou tudo e continuou o trabalho que as pessoas conheciam. Lançou então a Orquestra do Maestro Vilô, já tocaram no Clube Astréa e a Orquestra de Wilson tocou no Cabo Branco.

A Orquestra do Maestro Vilô transformou o carnaval do Astréa foi um espetáculo, até um certo tempo a gente tinha umas taças que eram ofertadas pela

imprensa, eles davam umas taças em homenagem ao melhor carnaval e melhor animação e ele ganhou a taça do melhor carnaval no ano de 1974.

Era o começo da década de 70, daí também foi convidado pelo Clube o Cabo Branco e a fama começou. Muito trabalho, Como ele não tinha prática de escrever os arranjos, ele contratava as pessoas pra escrever os arranjos, ai ele levava, estudava e no ensaio era ele quem passava com a orquestra. Ele tinha perfeccionismo com as coisas. Tanto que ele mesmo cuidava do marketing da Orquestra, pessoalmente dos ensaios e também dos negócios, da parte visual da Orquestra inclusive do vestiário.

Para se ter uma idéia, ele pessoalmente por ter trabalhado em lojas de tecido, ia pessoalmente escolher o tecido, a estampa, o modelo e inclusive o alfaiate. Daí levava os músicos para tirar as medidas e pra fazer as roupas e ele dava da camisa, calça e sapato branco, era padrão. Calça branca, camisa com o nome bordado Vilô e sua Orquestra no bolso. A orquestra dele era muito bonita e bem vestida com aquelas roupas de seda. Era um figurino próprio par ao estilo do frevo.

Afinal sua grande paixão era o frevo. Outra coisa interessante como ele fazia isso no frevo ele tocava também numa bandinha chamada Bandinha do Patropi com Wilson Ferreira e ele montou a bandinha dele também. Nela tinha um zabumbeiro, sanfoneiro, o caxista, e ele ia tocando, não tinha ninguém na frente regendo, era a forma como ele atendia também outras festas como o São João, por exemplo, e assim ele mantinha contratos o ano todo e garantia o sustento dos músicos que o acompanhavam.

Agora eu não lembro de ver papai tocando. Quando eu me apercebi já o vi como Maestro, ou melhor, já era o Maestro Vilô. Eu sei que na Polícia Militar ele adoeceu e ficou fora das tocatas, passando a cuidar do arquivo da Banda. E mesmo assim, já estava com a sua banda em ascensão, daí trabalhava meio expediente e saia pra vender sua própria orquestra que atuava em período de carnaval e fora deste. Tocou muito em campanha eleitoral, período político. Nas eleições de 1989 tocou muito para Wilson Leite Braga, Tarcisio Burity.

O fato do trabalho que ele desempenhava ter muito profissionalismo, ganhou credibilidade no mercado, todo mundo queria contrata-lo e ele mantinha os compromissos ainda que houvesse qualquer prejuízo seria dele, pois, palavra dada era palavra cumprida. Nem eu mesmo poderia chegar um minuto se quer atrasado: era regra nos compromissos, acordar cedo e chegar.

Com a decadência do carnaval de clube, quando estes começaram a diminuir suas atividades, a invasão do *axé music*, foi diminuindo o império do frevo e reduzindo a frequência da alta sociedade nos clubes. Os jovens correram para as praias, aí essas coisas todas não só aqui como em Recife também colaboraram para a decadência do Carnaval de Clube e das Orquestras de Frevo e isso foi nocivo para ele, penso que ele nunca aceitou o declínio. Ele vivia do frevo e para o frevo. Ele era tradicionalista, ele não aguentava certas invenções musicais. Lá em casa a gente escutava muito frevo e forró com Luiz Gonzaga. Os netos, todos viviam entre o som do frevo.

Quando era necessário que a orquestra tocasse as músicas do momento, ele saía de frente da orquestra e me encarregava de regê-la. Era uma espécie de fuga, de rejeição mesmo.

Tudo foi colaborando para um certo definhamento. Quando ele descobriu que estava com diabetes ele já havia se separado de todas as mulheres com as quais viveu seus romances, casamentos, enfim... Ele era um tanto quanto vivaz em matéria de relacionamento.

Aposentado da Polícia Militar, agora sem a Orquestra com tanta força foi entrando num processo de isolamento até que se fez necessário amputar primeiramente a perna esquerda e tempos depois a perna direita.

Ele foi definhando com pouco tempo sofreu como um Acidente Vascular Cerebral teve uma complicação, mas logo se recuperou. Vindo a falecer na noite do dia 4 de fevereiro de 2009, vitimado de choque cardiogênico, Infarto Agudo do Miocárdio, Diabetes *Melitus*, Infecção Pulmonar e Sepsis, conforme atestado de óbito.

Em família, conviveu sempre na divisão com o frevo. Sua alegria foi testemunhar sua primeira neta cantando frevo na frente da Orquestra. E nos

deixou como legado honestidade e trabalho. Isso ele fazia questão. Para se ter uma idéia nas coisas que ele fazia, principalmente no lado comercial de, quando se entende que a pessoa tem um grupo acha que, a pessoa vai ganhar muito dinheiro explorando os outros. Ele não tinha isso, e eu sou um pouco assim, as vezes num é questão nem de se valorizar, eu acho que a gente tem que ganhar dinheiro e aprender a se valorizar mais, a gente não pode ser explorador de pessoas. Ele tinha essa virtude de não ser explorador, ele só era explorador com as mulheres que viveu que ele deu muito trabalho isso quem dizia era minha mãe aquilo adorava uma comida boa um ambiente refinado.

O seu gosto refinado excedia em todas as suas atividades. Para gravar seus primeiros discos, tivemos que ir ao Recife. Ele alugou um ônibus para levar os músicos e os instrumentos, uma verdadeira operação, afinal eram muitos instrumentos. A maioria dos discos que ele fez foi produção independente. As produções era dele e às vezes tinha apoio do governo, aí ele levava a orquestra toda para o Recife para gravar em estúdio. Era o Estúdio Rosemblit, e eu fui para todas as gravações. Ele gravou 5 LP's o primeiro e o segundo eu não gravei só acompanhei mais o terceiro em diante eu gravei como músico, e olhe que interessante pra todo canto que os músicos estavam eu também.

Nessa época eu já estudava música na UFPB, nos Cursos de Extensão, e tinha um camarada chamado Martins do Pandeiro, grande percussionista, e a gente chegou na Rosemblit acompanhando papai e para surpresa o surdista chamado Moraes não pode ir. E agora? Martins disse "não tem problema a gente arranja um percussionista". Em cima da hora não tinha percussionista disponível. Martins disse "Vilô Bota Marcelo", aí papai disse "ta ficando maluco rapaz", porém outros membros da orquestra começaram a incentivar e ele acabou cedendo e eu participei tocando surdo da gravação do 3º disco, depois da gravação do 4º. No quinto disco eu já fui tocando barítono. O sonho dele era gravar um CD, mas infelizmente, não chegou a concretiza-lo pessoalmente.

Ele observador excessivo, permitiu que eu seguisse tocando com ele até o danado do axé ganhar espaço. Depois fiquei a frente da Orquestra na regência, porém sempre sob o seu olhar crítico e exigente.



A idéia do cd não saía da minha cabeça. Papai tinha um sonho de gravar um cd e a hora em estúdio custa muito caro e ele nunca teve muito dinheiro e ele levava a orquestra toda, a energia é muito boa, mais a qualidade ficava do pipoco mais pra edição a massa sonora era muito grande e as vezes eram pequenos defeitos que passavam, a gente escuta fica legal no primeiro momento mais tem coisa que passa.

Daí seu desejo era gravar todos em separado, os naipes de saxofone, trombone, como era feito no Recife. E assim conseguimos fazer do jeito que ele pensava. Daí aconselhado pelo meu professor Teinha, encomendamos um projeto a Pádua Belmont e este foi aprovado no Fundo de Incentivo à Cultura (FIC), em 2007. Fizemos uma tomada de tempo intitulando-o de 40 anos de frevo. Só que no momento da execução resolvemos aderir a conselhos de outros e acompanhar o estilo que fazia, na ocasião, muito sucesso no Recife que era a Orquestra de Spok que fazia o frevo com improvisações, e assim gravamos o Cd os frevos com improvisações.

Quando apresentei a papai observei em seu semblante que ele não havia gostado. Ele parecia não ter entendido nada ficou assim sem compreender o que danado era aquilo, porque eu criei introdução nos frevo, porque os frevos canção não tinham introdução, e frevo de rua só alguns que tem introdução. O frevo chamado Às três da tarde que tem uma clarinada ((cantado)), isso é uma introdução, o frevo começa com ((Cantado)) eu fiz um arranjo para o cd do grupo de saxofone de Teinha pro CD Brasil um século de Saxofone.

Eu fiz um arranjo só com um pout-pourri de Levino Ferreira aí começa com Último Dia ((cantado)) Esse é Último Dia de Levino Ferreira, e a outra é Lágrimas de um Folião ((Cantado)) todas duas de Levino. Aí eu fiz o arranjo dessas duas músicas, aí eu criei umas introduções, aí fui fazer na do maestro Vilô.

Ele só gostou quando Naíma cantou, mais o resto ele ficou sem entender eu notei que ele não ficou muito feliz, não pela gravação, mas pela forma de arranjo que o frevo ganhara. O frevo ficou com certas insinuações jazzísticas, e tirou a essência, mais se eu pudesse fazer novamente eu teria feito do modo tradicional com solos sendo que mais tradicional.

Hoje depois de muito tempo, refletindo, eu deveria ter perguntado a ele como era pra ter sido feito mais tudo bem a intenção foi boa. Mais tem um lado bom que o cd é todo feito de homenagens, as músicas foram feitas, por exemplo, tem o frevo Vilô e sua Orquestra um grande músico chamado Assis que tocou na Tabajara, tem Passo sem Passo que foi Bombinha, essa música foi feita pro Festival de Frevo daqui de João Pessoa, um festival que houve Bombinha que fez que diz “vem Vilô nos acuda”, tem um samba também que foi gravado em homenagem a ele, ai como teve essas músicas todas em homenagem a ele, penso que foi o que salvou. Na música Seleção de Livardo Alves como foi arranjada pelo Maestro Chiquito [Francisco Fernandes Filho], ficou realmente com aquela cara tradicional ele como papai não gosta de improvisação ele diz “botar jazz em frevo não”. Eu hoje reflito que quando fiz o Cd não deveria ter perdido essa essência. Deveria ter colocado umas insinuações mais foi à vontade de mostrar, talvez inconscientemente ao meu próprio pai, que eu sabia fazer.

### **3.1.2 No ritmo percussionista de Márcia Nascimento**

Márcia Maria Araújo do Nascimento, nasceu na Maternidade Cândida Vargas na cidade de João Pessoa, PB, quinto rebento e única filha mulher do Maestro Vilô com sua segunda esposa a auxiliar de enfermagem Maria do Bom Sucesso Araújo.

Menina recorda quando o Maestro Vilô dizia “olhe onde você nasceu, eu fui jogar seu umbigo seu cordãozinho, lá naquela vacaria.” tinha uma vacaria bem perto, ele se orgulhava de dizer isso. Era a esperança do conhecimento popular de que algum dia pudesse se tornar dona de vacas e fazenda.

Ao contrário de Marcelo Vilô que acompanhava papai para todos os lugares, eu recebia a educação que cabia a todas as mulheres de época. Tanto que isto foi me aproximando mais de minha mãe e causando certo distanciamento na relação paterna. Papai era um homem de gênio forte e até carrasco, tudo dele era muito sério, e por eu ser a filha mais nova, e mulher eu “tinha um certo

privilégio”, mas não chegava ao de Marcelo. O privilégio era em relação os meus irmãos, especialmente do primeiro casamento de papai, ele os tratava com a sistemática da vida militar, chegava até ser ignorante. Por outro lado, a vida que ele teve não foi muito fácil, a gente só veio saber disso agora já quase no fim da vida, ele passou a narrar os sacrifícios que fez. Foi um homem que lutou muito, sofreu muito, teve a vida muito sacrificada.

Então quando ele entrou na polícia militar ele já era um homem muito bruto, eu diria até ignorante, então juntou o útil ao agradável. Ele teve muitas histórias, trabalhou no comércio, vendendo corte de tecido, até que se aconselhou com um Sr chamado Travanquinha [Antônio do Nascimento] como estudar música e entrar para a Polícia.

Travanquinha orientou de todas as formas ele assistiu às primeiras aulas, e conseguiu fazer parte da Banda de Música da Polícia Militar. Ingressando na carreira Militar, chegando a aposentar-se como 2º Sargento.

Eu nasci vendo o movimento de papai com a arte, mas sempre a distância. Até que quando completei 12, 13 anos não sei precisar eu e Marcelo fomos estudar música na UFPB. Marcelo Clarinete e eu piano, instrumento adequado a formação feminina, quando a gente chegou em casa, papai na sua santa ignorância disse se vocês falarem em música, o pau canta. Ele não queria que nos dedicássemos à música, talvez pela vida sacrificada que os músicos levavam, eu nunca cheguei a perguntar o porquê daquela reação. Penso também que reação dele mais forte dói em relação a mim, provavelmente pela dificuldade. As bandas de música existentes eram muito mais militares, a orquestra sinfônica, essa passou um tempo parada, eu não sei se era de acordo com a minha idade, mais não existia orquestra jovem nem nada, que a gente pudesse se espelhar pra fazer música. Podia ter sido isso, ele dizia “não vão ser doutor, vão ser advogado, vão fazer área de saúde.”.

É tanto que minha mãe queria que eu fizesse a área de saúde sempre lutou, e eu disse “não! Faço tudo menos à área de saúde, eu não tenho condições de fazer área de saúde não consigo, lidar não é com pacientes doentes, não é isso,

eu não consigo lidar com sangue, alguém que tá sangrando eu não consigo socorrer, então Mainha não é pra mim.”

Fui estudar música pronto, na música mesmo quando eu entrei pra estudar eu já tinha 21, 22 anos de idade, a demais namorei e me casei com músico, talvez isto tenha influenciado inclusive a escolha do instrumento que toco, percussão e o meu marido também. Porém desde pequena testemunhei o movimento de músicos na minha casa. No carnaval então todos iam polir os instrumentos, era um entra e sai. Papai, ali observando, eu ficava de longe, nem aparecia, afinal eram muitos homens circulando. No Carnaval minha participação era nas matinês que papai levava junto com mamãe, fora disto eu dormia enquanto o movimento ficava no quintal de casa.

Quando entrei para a UFPB para cursar percussão, encontrei um grupo chamado Metalúrgica Filipéia, uma orquestra feita de aluno aprendizes mesmo começando o PA PA PA RA RA PA PÁ. O maestro Chiquito era o cabeça dessa iniciativa. Glauco Andreza do Nascimento, com que eu me casei, tocava bateria, aí ele disse “bota Márcia pra estudar percussão” aí tinha eu, Germana, e Patrícia tinha mais percussionista mulher do que homem, aí fiquei tocando e toco até hoje e não quero outro instrumento. Daí por diante as coisas foram acontecendo naturalmente, principalmente quando eu comecei a tocar com a Metalúrgica Filipéia, que coincidentemente papai foi empresariar, dando o caráter mais profissional, embora com alguns músicos ainda iniciante integrando seu elenco. Ele sempre foi uma pessoa correta e humana demais. A gente tinha que cumprir horários iguais aos outros músicos, ninguém poderia descumprir isso, regra duplamente cobrada dos filhos.

Mas o contato dele era diretamente com o Maestro Chiquito, a gente só para receber as orientações e se comportar mais profissionalmente. A metalúrgica ensaiava por fora e ele só entrava em contato com Maestro Chiquito pra dizer os dias das apresentações, por exemplo, a festa é em tal lugar, o contrato é custa tanto. A relação era integral com Maestro Chiquito.

Como aluno estávamos ali pra colocar a orquestra quase profissional, éramos muito novinho, então a relação da gente com o empresário era mais

longe, mais era diretamente com Chiquito. Quando a gente ia tocar fora tinha a roupa de baile os meninos de palitô e as meninas de vestido. A Orquestra se apresentava em todo lugar, em praças públicas para adultos, criança, a população em geral. Tocamos muito pela universidade nesses centros da universidade e nos interiores do estado.

Quando a tocata era na universidade vestíamos uma camisetinha azul com a calça jeans, quando era um baile a roupa era em alto estilo, formal. Tocávamos em festas de 15 anos, casamentos, bodas. Tocávamos tudo, por que naquela época a cultura musical era outra, MPB, Bossa Nova e as interpretes eram Zizi Posse, Gal Costa entre tantas outras. Foi com as minhas participações na Metalúrgica que papai me viu como musicista ou pleiteante a, éramos eu e Germana, daí ele disse vou colocar essas duas meninas na Orquestra Vilô além da cantora, então fui fazer parte da orquestra de papai de 1986 até o final e acho que foi em 1992, por aí.

Tanto que papai foi quem insistiu para que eu ingressasse na banda da Prefeitura, a data exata eu não lembro, mas foi na Gestão de Chico Franca. Eu acabei cedendo e depois do nascimento de minha segunda filha eu me incorporei como percussionista na Banda da Prefeitura, denominada Banda 5 de Agosto. Na ocasião, papai assumiu a função de Coordenador da Banda e Sr. Adelson Machado, maestro. No exercício da função papai trabalhava muito mais externamente fazendo o marketing da equipe, fechando apresentações, enfim, mais que um Coordenador assumia também as funções de uma espécie de relações públicas.

Ele era admirável do ponto de vista profissional. Mas apesar de ser mulher, penso que eu tenho a personalidade mais próxima da dele. De certo modo, essa faceta nos propiciava certos enfrentamentos, ainda que velados. Minha convivência com ele era pautada num certo temor, ele tinha dificuldades de demonstrar amor aos de dentro de casa, e isso me deixava com medo dele. Talvez, porque a relação dele com a minha mãe não foi nada fácil, eu me tornei cúmplice da minha e testemunha de seu próprio sofrimento, tanto que quando ela resolveu deixá-lo, em função das aventuras amorosas dele, apenas eu a

acompanhei, os meninos ficaram com ele e depois todos foram galgando seus próprios espaços. Ele era uma figura difícil internamente, porém responsável no que concerne ao sustento da casa e muito mais no lado profissional.

Parece um divisor de águas profissionalmente era totalmente diferente era uma pessoa completamente diferente, era justo responsável, tratava muito bem aos músicos, a gente só tocava com o cachê daquela apresentação já pago, aí eu não posso falar mal aí seria injusto mais a parte da família, era terrível é tanto que no final da vida ele terminou praticamente só.

Porém o mais interessante de tudo é que minha mãe morreu amando meu pai. Ela dizia esse homem foi o grande amor da minha vida, e foi até o último dia, até quando eles se tornaram só amigos ela não quis nenhum envolvimento com ele, porém continuava amando-o. Ela disse que não o queria simplesmente porque não daria certo. Ele sabia do amor que ela lhe devotava tanto que disse “sua mãe foi uma pessoa tão boa que cuidou tão bem dos meus filhos, e eu a maltratei tanto”.

Ele era um sedutor, ele deveria ter uma conversa muito bonita. Andava sempre muito elegante, camisas e calças no vinco. E a conversa muito bonita, tanto que conseguiu encantar muitas mulheres, inclusive a minha mãe, ele era fogo incrível quando se tratava de mulheres, era demais, um conquistador inveterado, apesar de ser um homem de estatura bem mediana aproximadamente 1,52cm. Nunca o vi desarrumado, mesmo estando em casa, nunca testemunhei usando sandálias, só vi quando ele estava doente, usou uma sandália mais confortável. Usava sempre sandália em couro, perfumadíssimo, roupas bem passadas e de tecidos de melhor qualidade como seda, linho etc. Ele só usou uma camisa pólo muito perto de morrer, papai não usava essas camisas não porque dizia que era camisa de cabeludo, de conjunto cabeludo que o povo colocava o sovaco de fora, essa mesma idéia ele defendia diante da orquestra, tanto que tínhamos que mudar o visual da Orquestra para um estilo mais jovem e casual, adequado ao clima e ao tempo histórico e foi difícil convencê-lo.

Apesar do tempo histórico por ele vivido, ele foi um pai a frente do seu tempo, provavelmente por viver envolvido com o campo musical. No carnaval

ele tinha prazer de levar a gente fantasiado pra ir brincar, e festa de família ia também festa na casa dos meus avós e da minha tia, ele era o mais novo dos irmãos. No carnaval minha mãe tinha aquela felicidade de fantasiar e papai tinha maior satisfação de nos levar ao clube, a matinê.

Era tudo arrumado, parecia uns bichinhos que iam fazer primeira comunhão, aniversário eu tenho muitas lembranças do meu aniversário na Torre, aniversário de 9 anos, ele estava lá participando ativamente, levava-nos ao cinema, a praia, a Festa das Neves, principalmente porque coincide com o dia do aniversário de Marcelo. Era uma farra, a gente se esbaldava, comprando bola, comer bolo. As poucas lembranças que eu tenho de infância com ele era essa, a parte de bailes de carnaval com ele, eu com 12, 13, 14 anos eu entrava em bailes da noite com a carteirinha do Juizado de Menor, ele tirava a minha e a de Marcelo, e éramos testemunhas da orquestra, dos salões cheios.

Lembro de 10 quando eu ia pras matinês, por que o povo dizia quando dava o primeiro acorde eu já estava dormindo no colo da minha mãe, e ela sempre estava junto. Minha mãe sempre foi muito festeira isso aí ela adorava.

Levava muita gente lá pra casa, a música era o ponto alto, a família dele frequentava lá em casa, os meus primos tudo na adolescência ia muito lá pra casa, então a casa só vivia cheia, tanto lá em casa como na casa de familiares, meu avô tocando clarinete, em que a gente ia era só música, todas as festas de família tinha muita música.

Às vezes na casa de Marcelo, na casa da minha tia, meus primos que também são músicos, minhas primas não fazem parte da música mais os filhos fazem, junta todo mundo, e a música soa. Aqueles que não tocam cantam como Naíma, depois da minha prima Laninha [Elaine Cristina Souza de Araújo] que é filha de Roberto Araújo músico e professor de artes, aí elas cantam.

Mas, a vida com papai no campo da música era assim, ele não admitia que ninguém faltasse a um só ensaio, então quando a orquestra subia no palco era uma orquestra de profissionais. Com ele no campo profissional, não funcionava o grau de parentesco, no palco éramos músicos, se não correspondesse ao que ele esperava seríamos chamado atenção igualmente a qualquer outro, porém com

um agravante tínhamos que dá o exemplo. Ele era exigente mais era correto, transparente, ele dizia “Músico vai ganhar tanto, e tal dia.” E no dia estava lá ele corria muito ele não deixava que ninguém dissesse “Vilô cadê o dinheiro” nunca, nunca ninguém foi a porta de papai pra dizer isso.

Para se ter uma idéia já no final da participação da orquestra no Folia de Rua era isso que estava acontecendo, as intuições não honram compromissos, não pagam os cachês e quando o fazem demoram 3, 4 meses pra receber.

Outro fator é que as instituições e o poder local preferem contratar orquestras de fora, ainda que sem muita qualidade, a valorizar os artistas da terra. O povo aqui não tem memória, nunca chegaram pra mim até hoje nessas gestões, “a vou falar com a filha ou o filho de Vilô pra resgatar a orquestra, nunca!” Quando papai morreu disseram que iam colocar o nome de papai numa praça, até hoje. A única coisa que ele recebeu foi o título de cidadão pessoense, é assim se trata à memória neste estado.

Mas, a maior lição eu tiro de tudo isto papai era honesto, ele era muito profissional, muito certo e todo mundo comenta, é tanto que teve um menino da universidade, que de tanto o pessoal comentar lá no Baiano ele se interessou e fez um vídeo sobre a vida e a arte de Vilô, produção que nunca veio a público.

### **3.1.3 A doce salgada convivência de uma nora**

Geisa Maria Gomes Vilôr nasceu na maternidade Cândida Vargas na cidade de João Pessoa, Pb, amparada pelas mãos do médico Genival Veloso Borges. Filha de Gildásio da Costa, médico Clínica Geral e Neuta Gomes da Costa, Servidora Pública Municipal, morávamos aqui em Jaguaribe próximo ao CEFET hoje atual IFPB. Atualmente é uma orientadora de formação profissional na área de alimentação. Casada com Marcelo Vilôr e mãe de duas filhas Naíma e Naiana Vilôr. Em tudo foi nora do Maestro Vilô, com quem conviveu até o dia de sua passagem.

Geisa conheceu Marcelo Vilôr quando residia no Conjunto Ernesto Geisel, na Capital paraibana, mas foi em um dia de sol, feriado do dia do trabalhador,



na parai, que Marcelo me foi apresentado como um pretenso cunhado. Marcelo na época tinha o cabelo bem enroladinho uma fisionomia meio acriançada, resultado nas idas e vindas a minha casa acabamos nos cansando.

Nesse momento Marcelo vivia a fase de separação dos seus pais. Na separação ele ficou com o Maestro Vilô, eram muito ligados. O Maestro Vilô fumava muito, ele era daquele que quando o cigarro acabava ele pegava o carro às vezes de madrugada pra comprar, mais ai quando começou a aparecer a diabetes ele deixou.

A minha chegada até ele foi quando eu comecei a namorar com Marcelo, porque eu conheci a mãe de Marcelo primeiro, Já separada do Maestro Vilô, logo no começo da separação. E Marcelo, apesar de conviver com o pai e madrasta não dirigia a palavra a ela, a Sr<sup>a</sup> chamada Olivete. Apesar de estarmos namorando Marcelo não me apresentou ao Maestro, mas a irmã e a mãe dele. Os primeiros contatos familiares foi com Márcia, então eu via a relutância dela em relação ao pai, magoada pela separação. Daí, fui formando uma imagem cismada sobre ele.

A gente começou a namorar em Junho quando foi em Dezembro eles tocavam, um Réveillon no Hotel Orange na Ilha de Itamaracá em Pernambuco, foi quando eu tive o primeiro contato com ele. Marcelo disse que ia levar a namorada, foi então nessa semana que eu fui ajudar Marcelo, Márcia, e Maestro Chiquito fazer esse repertorio foi então quando eu o conheci. Ele falou *“você é a namorada de Marcelo? mora aonde é filha de quem”* foi assim o nosso primeiro contato encontro foi assim, Eu já sabia que ele não concordava muito com nossa relação, afinal eu era 4 anos mais velha que o filho. Com o passar de pouco tempo de convivência, ele começou a ver que esse fato não teria importância. E firmamos nosso noivado, e ele tornou-se meu sogro.

De certo modo, no início eu tinha uma cisma com ele. Pois testemunhava uma situação de constrangimento nos Clubes. Eu, sentava na mesa com a atual esposa dele, que me tratava muito bem. Na outra mesa estava a ex-esposa e mãe de seus dois últimos filhos, o clima era bastante nebuloso. Era uma situação

péssima e tinha bailes que Sucesso {ex-esposa} ia e a gente pegava carona, com eles.

Era muita tocata, e época de política também, época de política a orquestra ralava e eu também acompanhava, quando era em palco ou em caminhões aí eu ia. Vilô dizia “*Minha filha lá é no palco vamos*”. Aí eu ia pra ajudar em alguma coisa. Nos arrastões ele não deixava a gente ir, nos levava de carro e íamos preparar o palco para receber a Orquestra. Nesse envolvimento e com o noivado firmado passei a acompanhar Marcelo que tocava Sax na noite em bares na praia. Comecei então a ter contato com Soraia Bandeira, João Linhares, Teinha [José de Arimatéia Veríssimo], Costinha [Heleno Feitosa Costa] esses meninos todos. E ele me ensinava dizia “essa música é assim”, Me encantei, comecei a prestar atenção, conhecer um pouco sobre música, selecionar as coisas que gostava e as que eu não gostava, e aprendi, ia para os ensaios, vi o nascimento da Metalúrgica Filipéia, fui uma das secretarias do Maestro Chiquito, auxiliava na organizava repertório, juntamente com outras moças.

Daí nasce o meu envolvimento com a música e consequentemente com a Orquestra do Maestro Vilô. Tudo começou quando passei a frequentar os ensaios as apresentações da orquestra, sempre acompanhando Marcelo. E fui ajudando a fazer o repertório da orquestra, por que Marcelo começou a fazer os repertórios, quando ele não tinha muito tempo, íamos eu, Márcia, Maestro Chiquito, e Glaucio Nascimento<sup>1</sup>. No período de carnaval era uma correria antecipada, montava-se repertorio, Marcelo Vilô fazia os roteiros, a gente montava os cadernos, fazia a caderneta dele. Então eu comecei a participar junto com Marcelo de tudo isso.

O envolvimento foi tamanho que comecei a ter outros trabalhos que me dava mais liberdade pra fazer isso, e ter mais tempo para muita coisa. E a partir daí comecei a conviver mais próximo do Maestro Vilô, ou melhor, passei-o a conhecer no cotidiano. Ele tinha momentos de muita delicadeza e outros completamente opostos, principalmente na época do carnaval, que tinha a Noite no Havaí, Vermelho e Branco, Verde e Branco no Jangada Club, Carnaval

---

<sup>1</sup> Percussionista da Orquestra Sinfônica da Paraíba, casado com Márcia de Araújo Nascimento, filha do Maestro Vilô.

Começa no Iate Club da Paraíba. Matinês, os bailes de Clube, então ele ficava uma pilha, o senso de perfeccionismo era tamanho.

Mas em todas essas apresentações eu estava lá com eles. Em um determinado momento houve o afastamento de seu Adelson Machado da administração da orquestra, passando a ser essa a atribuição de Marcelo e Dílson que ficavam muito juntos de Vilô. O Maestro Vilô passou a empresariar a Orquestra, supervisionar tudo e administrar todos os detalhes, e em alguns momentos regendo.

Ele tinha uma preocupação em manter financeiramente a Orquestra para cumprir todos os compromissos com os músicos. Quando ia fazer o pagamento ele vinha do banco com o dinheiro em um envelope, ligava pra mim ou me pegava lá em casa, a gente sentava contava, separava o pagamento dos músicos em envelopes individuais, os custos das despesas, fazia toda a planilha de débitos e créditos incluindo inclusive despesas com alimentação transporte e até mesmo a bebida dos músicos. Deixava tudo pronto.

A preocupação dele com os músicos era tamanha que no intervalo ou mesmo quando terminava o baile alguns músicos jantavam, ele ia pessoalmente na cozinha e dizia *“Tantos músicos vão comer agora, mais, vocês tem que guardar os pratos de tantos.”* Ele tinha esse cuidado e quando o músico estava comendo aí perguntava *“Esse filé tá bom?, Tá mesmo? “Deixa eu provar”* aí provava pra ver se estava bom mesmo. E ele tinha aquele cuidado e aquele respeito aos que iam com as esposas, ou as namoradas e ele dizia *“chame pra jantar”* tinha aqueles clubes que às vezes tinha restrição a dar uma refeição a mais, e ele chegava aos ensaios e conversava com os músicos para prevenir então muitos dividiam o seu prato com as companheiras. Aos que trabalhavam tinha tudo.

O Maestro Vilô se preocupava até com a água dos músicos no palco, eu ficava responsável por essa parte, avisar e supervisionar os garçons pra servir a água ou colocar o uísque na mesa ao lado do palco pra os que gostavam de beber, com uma ressalva, sem se embriagar. No Cabo Branco essa mesa ficava em cima do palco num cantinho. No Astréa era em baixo. No Iate Club quando dava o

intervalo íamos pra uma boate que tinha ao lado que a orquestra se preparava pra retornar novamente ao palco, ele supervisionando tudo.

Ele era tão profissional que já durante os ensaios no Clube Bandeirantes da Torre, onde hoje é o estacionamento da Churrascaria do Bastos entregava a cada músico a tabela das roupas e apresentações inclusive o horário de chegada nos locais de apresentação. As roupas deveriam estar impecáveis, e ao fim do carnaval deveriam ser lavadas, passadas e devolvidas para que ele guardasse todas juntas na própria casa dele. Ele se preocupava até com os sapatos dos músicos que deveriam ter a mesma cor e limpos. Tinha músico que não tinha sapato, então ele dava um jeito, tinha aqueles que já tinham do outro ano. Certa vez teve um músico que não tendo o sapato pintou um tênis *kichute* preto e pintou de Cal branco e quando ele chegou no Clube Astréa estava uma borradeira única. Vilô quando viu, perguntou “o que foi aquilo” e ele falou “por que ele não tinha sapato”, aí Vilô disse “era só ter pedido que se dava um jeito”. E ele olhava os músicos da cabeça aos pés pra ver se tava com a camisa ensacada com cinto branco calça branca sapato branco, ele tinha essa preocupação. E ele cobrava muito essa questão do músico, aí quando tinha o ensaio já tinha a escala dos bailes já era tudo muito prévio na época a gente sabia que os contratos eram tudo muito certo, com talão de notas fiscais e tudo.

Apesar das exigências os músicos gostavam de tocar com ele. Por que era exigente, mas pagava imediatamente ao serviço prestado. Isto era prioridade pagar em dia e pagar bem. Era o que melhor pagava aqui. Na quarta-feira quando acabava o carnaval, na quinta feira ele efetuava o pagamento que já estava todo separado e na sexta-feira ia pagando, dando baixa e no domingo seguinte ele patrocinava uma favada na casa dele com todos os músicos, juntos comemoravam. Aí sim podiam beber à vontade, até não quererem mais, era um *bom vivant*.

Ele tinha umas coisas interessantes. Lembro que na época do carnaval ele entrava nos Clubes com tanta altivez. Alguém falasse “maestro” aí ele respondia “opa meu amigo”, parecia flutuar, tinha uma pose, ao ouvir o som do frevo ele parecia sair de órbita. Do ponto de vista de ajudar ao outro ele era muito bom

nisso. Mas tivemos muitas brigas com ele (brigas boas) para poder conseguir mudar a roupa de apresentação da orquestra, por que antigamente era umas camisas de seda que tinha umas bolas, era uma coisa que não tava mais dando pra época, aí foi uma época que o Maestro Adelson Machado olhava assim meio de lado e pensava essas meninas chegaram pra se meter, foi uma época que as mulheres chegaram e a gente começou a dar pitaco nas roupas. Essa questão de roupa era comigo. Por exemplo, no Verde e Branco a gente comprava as camisas verde e calça e sapato branco. Ele nem sempre bem-humorado.

Mas, muito solícito. Tinha momentos que a gente não tinha carro que ele dava carona, porém se o baile fosse às 23:00 horas às 21:00 horas ele já estava no clube, pra ver se o som tava em ordem lá dentro se as águas da orquestras estavam certas, os músicos que iam entrando ele ia olhando vê se não estavam chegando atrasados, ele pagava bem mais ele exigia. E outra coisa músico tocar embriagado escutava, e a gente passava muito por isso com os próprios filhos, mais também eles tocavam muito saíam dos bailes muito tarde e rolavam a noite pras matinês ao invés de virem pra casa dormir não, ficavam nos bares bebendo, ele reclamava, os meninos às vezes iam pra praia pra tentar se divertir ainda o carnaval deles, não dormiam direito, então chegavam no outro dia com um porre de lascar e cansados, movidos a pó de guaraná com leite pra poder não dormir.

Vilô tornou-se um tanto quanto dependente do álcool, separado da terceira esposa, passei a tomar conta dele, me tornei quase a dona da casa, pegava roupa dele pra lavar, comandava a faxina da casa dele, a gente cuidou muito dele ele começou a se embriagar muito e eu tinha uma chave da casa e ele tinha outra, ele caminhava de 4h da manhã e começava a beber de 5h da manhã, às vezes eu estava em casa e Marcelo no quartel a vizinha ligava, "*é da casa da nora de seu Vilô, ele tá lá caído no chão.*", Já solitário. Mas no ano de 2000 o Maestro conseguiu parar de beber, atendendo ao apelo do filho Marcelo que também neste mesmo ano parou a bebida, além de terem vivenciado o falecimento de Sucesso, segunda esposa do Maestro e mãe de Marcelo.

As relações familiares foram tensas, mesmo nos aniversário da segunda neta, as fotografias eram tensas. Ele com a terceira esposa, e tempo depois com a quarta esposa, enfim. Foi um homem de muitos amores, e muitas perdas.

Como avô, desconheço alguém tão doce e apaixonado, tornou-se o pai que nunca fora. Ele me acompanhava pessoalmente para fazer a Ultrassonografia, ao médico, já que ele é que tinha carro. Quando nasceu a segunda neta Naíma, filha de Marcelo, ele não saía lá de casa. Ele colocava a neta no carro levava a praia, para passear ainda que fosse pela vizinhança. No primeiro aniversário, sufoco! Lá estava, esposo, ex-esposa etc.

Tínhamos que ter muito traquejo, pra não magoar nenhum nem o outro. Mas foi numa dessas festas que de Naíma, que o Maestro Vilô e Sucesso voltaram a se falar.

Mas o Maestro casou-se pela quarta vez com Zélia Gonzaga, uma cantora da Rádio Tabajara, morena bonita. Ela tratava Vilô como um Deus e essa não durou nem dois meses ela não aguentou e foi embora. Depois dessa começou um joguete ele juntava um monte de amigos idosos pra jogar dominó, e foi na época das Muriçocas, as músicas começaram a mudar e começaram a acabar os bailes, ai a fossa dele era maior, por que nem o réveillon tinha mais pra tocar, sem baile da saudade no campestre. Tinha a Micarande que era um Bloco de Eneida Maracajá que era prima dele, a gente tocava tanto o baile quanto o bloco, acabou a Micarande e Vilô começou a ser esquecido, não era chamado mais, só era chamado nas Muriçocas na época de Bob Zácara depois que passou pra Fuba, sempre contratavam a orquestra pra tocar abertura das Muriçocas, depois daí nem muriçocas mais.

Foi ficando recluso, e no período de carnaval, ficava em casa escutando Jadir Camargo, na Rádio Tabajara, a noite anunciando: *“as músicas do Maestro Vilô”* Ele ouvia, bebia e dizia *“Já não sou mais ninguém, acabou-se o maestro Vilô”*. Nessa época só tocava axé, nem tinha mais as puxadas de política, por conta dos trios e ele reclamava do axé.

Foi, provavelmente, o ponto alto de sua depressão aliado a diabetes. Chegando a amputar as pernas. Vilô, teve uma vida de muito trabalho, muitos

amores, mas de tudo o que ficou em minha memória era o olhar de avô apaixonado para com os netos, porque o que ele faltou como pai ele foi como avô. Principalmente com Naíma, ao vê-la em cima do palco pela primeira vez dançando e cantando frevo, ele respirou, como se algo tivesse se cumprido. Foi seu orgulho maior.

### 3.2 MAESTRO VILÔ NA BASE DO DISCURSO MUSICISTA

A memória de Vilô permanece viva em seus músicos, tanto que afirma Antônio do Nascimento artisticamente conhecido como Tranvaquinha, *“ele era um irmão, tanto que terminamos juntos”*. Foi com esse sentimento que alguns músicos que viveram e tocaram na Orquestra Vilô deram seus depoimentos. Alguns falaram saudosamente da época do frevo na capital paraibana e de Vilô como seu grande mestre.

#### 3.2.1 Travanquinha, rufando as baquetas com Vilô

Antônio do Nascimento conhecido como Travanquinha, apelido que herdara do seu pai também músico. Ingressou como aprendiz de músico no Exército Brasileiro e um ano depois foi para a Polícia Militar passando 30 anos até a aposentadoria.

Conheci Vilô ele tinha chegado de Rio Tinto e trabalhava nas lojas Paulistas como balconista em uma loja de tecidos. Eu estava tocando com um pequeno grupo no cabaré, era um Sax, um Piston, uma Bateria e um pandeiro, na verdade era a “Pensão Saloia”, de repente o garçom chegou com uma cervejinha e disse: “o rapaz ofereceu”, depois o mesmo rapaz mandou mais três cervejas. No intervalo cheguei perto e perguntei se ele tocava alguma coisa ele respondeu *“meu pai e meus irmão tocam, mas eu não sei uma nota de música”* ai eu perguntei “quem é teu pai?” “É Vilô, um irmão que era Ninô que era cabo no exército e Nozinho” eu não conhecia o Vilô velho, mais conhecia Nino. Vilô que

se tornou o Maestro Vilô deveria, na ocasião, ter uns 23 anos, eu disse “*mais rapaz você tem vontade de aprender música?*”, “tenho e minha mãe morreu no parto, e meu pai foi embora e me deixou com minha avó por que eu era o mais novo e ele tocava na banda de música de Serra Branca, eu fui criado com minha avó.” “Tu trabalha na Loja Paulista após venha aqui no alojamento do quartel de polícia que eu tenho um camarada pra ensinar a você”, ai ele chegou lá no outro dia eu apresentei-o a um sargento SGT Leonel, muito paciente, e “Sargento Leonel esse rapaz aqui quer aprender música”, ai ele passou a lição do Dó ao Dó médio “*Você decora essas notas e amanhã você venha pra ver se tem aptidão*”. No dia seguinte, ele voltou e foi para o teste. Sargento Leonel perguntou e ele disse o nome das notas, aí o Sargento disse “*Esse menino vai ser músico*”, pronto todos os dias depois do expediente da loja, ele ia ao alojamento do quartel aprender música, até que ele optou por tocar Piston, embora seu pai e irmãos tocassem Clarineta.

Vilô [Maestro] insistia em tocar Piston o Sargento indicou os dois músicos da Banda da Polícia chamado Hermes e Moraes para ensinar a escala e ele foi aprendendo música ligeiro, aprendeu música, e em pouco tempo ele já tava tocando direitinho e de imediato pensou em criar um grupinho, ai me perguntou “*Antônio você mora aonde?*” eu respondi “*na Rua Patriarca, no Bairro da Torre*”, Vilô respondeu: “eu também”, e me convidou para ir a casa dele. Nessa época a Ordem dos Músicos distribuía uns Caderninhos de Música contendo letra e partitura, e tinha uns com frevo. Pronto! Vilô pegou o caderninho e já estava tocando direitinho aprendeu a tocar uns bolerozinho ai disse “Rapaz vamos ganhar dinheiro.”, e pegou umas tocatas lá no Bairro de Mandacaru em João Tota.

Em princípio, o grupo que ele formou não tinha bateria, tinha um surdo. Aí chamou Joaquim, um saxofonista que morava na cidade de Bayeux e Cláudio Bocão batendo um pandeiro e cantando ((risadas)). O grupo estava formado. A gente foi pra lá e tocou direitinho, ai tocava bolero, marchinha, canção, ganhou um dinheirinho mais agradou, ai foi montando uma bateria, ai a gente saia a pé no meio de carrapateira, no meio de uma plantação de banana, tocando uns sambinhas, um baião, ai eles pediam um Bolero, mais a turma não gostava de bolero, mais o dono do negócio João Tota tava achando bom, e a turma dizendo



*“Que não era pra tocar bolero não.”* era pra tocar forró, ai quebrou o pedal da bateria, e apareceu um moreno ele disse que ele tocava; e podia bater até com a mão, ai ajudou lá e a turma disse *“que não era pra tocar bolero não”*, e o negro disse que *“era da orquestra”* e começou a confusão e Cláudio Bocão começou a discutir também, ai chegou o carro da polícia e a confusão aumentou. Mas para encerrar o policial mandou todo mundo debandar, e disse: *“se não desaparecem eu vou colocar todo mundo no xadrez”*. Assim fomos tocando.

Outras tocatas foram aparecendo e lá íamos nós de novo. Vilô tinha uma barraca no Mercado Central e sortiu a barraca de tudo carne, uns mantimentos, e até uma cachacinha, e disse *“rapaz to bem na barraca”* e a gente continuou fazendo as tocatas lá no Bairro de Mandacaru. Um dia a polícia entrou na barraca de Vilô e acabou quebrando tudo. Foi quando ele chegou pra mim e perguntou *“E agora? O que é que a gente vai fazer?”*, ai eu disse *“Vai pra polícia rapaz entra como aprendiz, quando aparecer concurso pra sargento você faz.”* ele já conhecia os Sargentos Morais, e Hermes, com quem já tinha aulas e começou a ensaiar aparecia um dobradinho ele aprendia, terminou por fazer o concurso para músico e passou. E ficou lá até se aposentar.

Paralelo a atividade do quartel ele começou a contratar a orquestra grande de frevo, e arranjou Wilson Ferreira pra ser maestro, ele criou a Orquestra para tocar os carnavais do Clube Independente, era a Tupi de Frevo, no São João, era uma bandinha pra tocar forró, a Bandinha Patropi, ai o Astréa queria uma orquestra organizada ai a gente foi tocar o carnaval do Astréa, Wilson ensaiou direitinho ai a gente ainda tocou uns 4 anos no Astréa. O Cabo Branco chamou Vilô pra contratar a Orquestra pro Vermelho e Branco, e a gente ia comer um milhozinho melhor lá, e a orquestra tava bonita, calça branca, sapato branco, e ai a orquestra ficou tocando no Cabo Branco.

Tocamos um bocado de anos no Cabo branco, ai foi quando por causa de uma música lá, veio uma orquestra do Recife, de Raul de Barros, foi quando Wilson Ferreira colocou um baião, A Ema Gemeu, Vilô afobou-se e reclamou, pronto criado o estopim. Saiu da Tupi, e criou a Orquestra do Maestro Vilô tomou a frente como maestro.

A formação era João Lopes, Manoel Donalho, Adelson, e Geraldo, nos metais era Aderaldo, Januário, Firmino, trombones mudou um bocado, aí pistons era Moraes, Dilson e um menino de recife, mudou um bocado de músico, percussão era eu tarolista, surdo era Moraes, Bolo, Bernardo Preto, Claudio Bocão, arrumou mais outra caixa e colocou Miro, depois mudou pra Walter da Saelpa e Geraldo Cachorrinho, e Glauco e terminou eu e Glauco.

Os ensaios eram feitos no Clube dos Veteranos em Jaguaribe, ele também organizou uma Orquestra pequena pra tocar no Clube Vasco da Gama, e a gente ensaiava a Orquestra grande na sede da Escola de Samba Malandros do Morro, agremiação carnavalesca do Bairro da Torre.

Vilô era preocupado até com as roupas. No Clube Àstrea era azul e branco, no Cabo Branco, vermelho e branco, tinha Verde e Branco. Era umas camisas bonitas coloridas e brilhosas. Quando o carnaval começava tinha o termômetro, a gente sabia se o carnaval seria bom pelo Baile vermelho e branco. Se este fosse animado, lotado sabia que todo carnaval ia ser bom. Só no Clube Cabo Branco, foram 20 anos de apresentação; no Clube Astréa foram uns 4 anos, e assim íamos tocando.

A gente também tocou muito fora do estado da Paraíba. Em Recife no Clube Canavieiro, no Clube Orange, em Maceió no Clube Fênix, até na Micarande a Orquestra tocou. Juntava com os “Bons de Guela” que era um grupo do tipo do Demônios da Garoa. Fora Cláudio Bocão como interpretes tínhamos Jadir Camargo, Meives Gama, Shirley Maria, Edna e Mônica Melo.

Certa vez fomos ao Clube Português, no Recife e quando ia trocar de Orquestra o povo aplaudia a Orquestra de Vilô, e nós acabamos tocando o baile sozinhos.

A gente tinha uma coisa favorável, era o tratamento de Vilô com os músicos. Era de primeira, ele sempre tratou os músicos muito bem. Na hora do jantar ele ficava por último, e teve uma vez que serviram um frango e ninguém conseguiu comer, ele mandou devolver o frango e substituir por filé de carne. Ele cuidava dos músicos e pagava muito bem, era quem melhor pagava a gente.

Também tocávamos em tudo bailes, campanhas políticas, o importante era a qualidade da orquestra e o sustento dos músicos.

Chegou o momento de gravar os discos, fomos a gravadora Rosenblit na cidade do Recife, para o primeiro disco, depois gravamos na Somax. Em Recife, no Canal 2 de televisão a gente se apresentou. Mas a gente tocava com outras orquestras, no Clube Àstréa intercalava com a Orquestra do Maestro Duda, No Clube Cabo Branco, com a Orquestra do Maestro Guedes Peixoto do Recife, a Banda Rancho do Rio de Janeiro. Essa chegou um dia e só tocou samba, e o único frevo que eles tocavam era Carabina e Vilô disse *"vou mostrar a esses cabras como se toca carabina"*, ai terminou o Hino do Cabo Branco, Vilô colocou Carabina quando a Orquestra começou o rapaz veio pedir pra não tocar, por que era o único frevo que eles tocavam, e ainda assim mal tocado. Mais recente a participação do conjunto Bereguedê que tocava uns 40 minutos.

Vilô deixou muita saudade, pra mim tem dia que eu me lembro muito dele das brincadeiras dele, das tocatas, sonhei com ele semana passada, deixou muita lembrança. No fim da vida dele ele me considerava um irmão, ele era meu irmão, mesmo com problemas. Às vezes tínhamos umas desavenças, mais coisa de irmão, ele era meu irmão, foi tanto, que a gente terminou juntos.

### **3.2.2 Dílson Meneses, no anúncio do trompete**

Dílson Meneses da Costa, natural da cidade de João Pessoa, nasceu em 9 de Dezembro de 1951. Tornou-se músico provavelmente por influência do pai também músico militar da Polícia da Paraíba. Aos 14 anos eu comecei a estudar música, e com 18 anos eu já estava tocando profissionalmente. Participei de vários grupos musicais de João Pessoa, e 1974, eu fui convidado pelo Maestro Vilô e toquei com ele 30 anos consecutivos. Foram 30 carnavais..., comecei como o caçula e terminei como um dos mais velhos.

Então, nesse período, eu convivi com bons músicos, porque Vilô tinha um capricho de trabalhar com músicos muito bons, e com isso, eu fui aprendendo

com todos eles. Aprendi a tocar frevo com esses músicos excelentes. Depois que eu terminei a graduação em Odontologia, continuei sendo músico profissional, nos finais de semana. Além de tocar com Vilô, nos tornamos amigos. Aprendi muito com ele e com muita gente boa que passou pela Orquestra Vilô, desde o meu ingresso na orquestra até os últimos carnavais no Clube Cabo Branco.

Hoje em dia não existe mais os carnavais como antigamente. O último que eu toquei, foi com a Orquestra Sanhauá, em Cajazeiras. Fora isso, eu ainda toco esporadicamente algumas festas de casamento, formatura, mas..., carnaval mesmo, não existe mais... com a decadência dos clubes e do próprio carnaval.

A minha grande vocação era a música, mas meu pai foi músico militar num tempo muito difícil, por isso, ele criou obstáculos e me aconselhou a procurar outros caminhos, porque para ele ter uma graduação, era se elevar a outro status social, ter uma vida melhor. Ele tinha medo que eu me envolvesse com bebida, pois o conceito de músico nos anos 50 e 60 era muito ruim.

Então, eu comecei a estudar música com o meu tio, porque ele não queria me ensinar música. Ele falou com o meu tio, o tenente Antônio Barbosa, e ele foi quem me iniciou musicalmente. Depois, meu pai pediu ao maestro João Lopes, que na época, era o maestro da Banda 5 de Agosto, para que eu ficasse ensaiando para aprender com os músicos da Banda. E eu fiquei um ano ensaiando e depois, o maestro me contratou como trompetista até terminar o curso de Odontologia. Depois, passei no concurso pra secretaria de saúde e estou me aposentando como dentista no próximo ano. Mas, com música..., eu ainda estou tocando uma notinha aqui, outra ali.

Na Orquestra além de músico eu era na verdade um curioso, ligado nos sucessos. Aí eu dizia: *"Vilô, essa música tá fazendo sucesso, se a gente tocar, o povo vai gostar."* Eu assistia muita televisão e ouvia muito rádio, e sabia o que estava fazendo sucesso. Na época, Chiclete com Banana não entrava no repertório da Orquestra, quando surgiu aquele sucesso Gritos de Guerra e umas coisas assim do tipo, aí eu copiei pra orquestra e acreditei..., apesar de alguns protestos de colegas. E quando a orquestra começou a tocar no Cabo Branco, o povo começou

a levantar as mãos pra cima e cantar junto, por que era sucesso mesmo. Então, Vilô começou a me pagar como arranjador e eu ganhei crédito.

Na época, os arranjadores eram em primeiro lugar, o Maestro Duda, um dos melhores arranjadores que eu já conheci, Maestro Chiquito, outros arranjadores também famosos e, mais tarde, Marcelo Vilô. Marcelo era bem novinho naquela época, era um guri que andava com a gente, ele tinha mais ou menos 14 anos. Eu não sei o que aconteceu, mas alguém faltou na gravação e Vilô colocou ele pra tocar surdo e depois ele pegou um barítono e foi ali devagarzinho, daqui a pouco estava regendo a orquestra.

Eu escrevia os arranjos e pedia ajuda a Maestro Chiquito, ele me corrigia, e também dizia, *“faç!.Se errar, é assim mesmo, vai fazendo até acertar”*, e eu naquele sufoco, ficava de madrugada escrevendo, para poder entregar os arranjos nos ensaios. Então, Vilô me deixou como um dos arranjadores e pagava muito bem. Agora Vilô era muito rígido, mas se o músico fosse muito profissional, não faltava nada. Até hoje, quem tocou na Orquestra de Vilô, só precisava tocar bem e ser um bom profissional, competente, chegar na hora, não ficar embriagado, fazer seu serviço estava tudo bem. E ele exigia que tocasse bem. Ele era muito organizado, a Orquestra tinha um fardamento apropriado, calça, camisa, sapato, cinto... então ele não admitia que viesse com o fardamento errado, ele mandava voltar. Com isso, ele disciplinava a orquestra.

Hoje em dia tem muito músico indisciplinado. Na orquestra de Vilô, a gente chegava despreocupado no palco. Então, Vilô sempre tinha o cuidado com o músico. Sempre tinha uma pessoa que sempre levava água. Ele tinha esses cuidados. Antes que terminasse o baile, ele procurava saber como o músico iria para casa. Geralmente, quando a pessoa não tinha transporte, ele dava o dinheiro do táxi. Quando eu fiquei sem carro, ele sempre perguntava: *“meu filho, você vai pra casa como?”* *“Vou de taxi.”* *“Então tome o dinheiro do taxi.”* Isso é coisa que não acontece mais.

Hoje em dia, o músico termina de tocar uma festa e fica jogado. Todo mundo vai embora e o músico fica lá jogado, se não tiver dinheiro pra pegar táxi, vai esperar que amanheça o dia, pra pegar o ônibus. Outra coisa também que

sempre elogio Vilô, é que ele pagava o dinheiro do músico, dentro de um envelope, com o nome e identificado, por exemplo, Dílson o valor é tanto, desconto da ordem dos músicos, resta tanto. Se a pessoa tivesse pedido dinheiro emprestado, ele fazia o desconto. Geisa Maria Gomes Vilôr [ a nora dele] que tomou conta dessa parte nos últimos anos.

Hoje em dia, a gente toca, mas ninguém tem esse cuidado. Ele confiava muito em mim. Certa vez, ele me chamou pra fazer o balancete da orquestra. Eu não sou contador, mas ele pedia: *“Dílson, faça a relação dos músicos e os valores”*, e eu nunca questioneei, se fulano ou sicrano ganhava mais. E outra coisa que vale lembrar, ele ligava pra mim: *“meu filho, você toca comigo ainda? eu vou passar aí pra acertar uns detalhes.”* Eu nunca precisei dizer: *“eu só toco por tanto”* por que o preço dele sempre era o mais alto. Quando ele estava pagando 100,00 adiantado, num réveillon, o músico subia no palco com o dinheiro no bolso, as outras orquestras pagavam 40,00 ou 50,00.

No Jangada Clube, foi um dos últimos réveillons que eu toquei com Vilô, quando a gente subia no palco, ele entregava o envelope e agradecia ao músico. Hoje, não se vê mas esse tratamento. Vilô tinha uma liderança nata. Ele não se intimidava, quando sua Orquestra tocava revezando com a orquestra Tabajara. Para tocar o réveillon no Clube Cabo Branco, a gente dava 10 ensaios. Então, quando chegava o carnaval, a orquestra estava pronta. Ele dava mais uns ensaios e estava no ponto. Certa vez, o Maestro Severino Araújo elogiou a Orquestra de Vilô. Em se tratando de carnaval, não deixava nada a desejar pra ninguém. Ele disse *“a minha orquestra não era carnavalesca”*, Severino Araújo chegou e dizer à diretoria: *“vocês deveriam valorizar essa orquestra que é daqui.”* E ele não deixava a desejar, Vilô tinha os melhores músicos da polícia, os melhores músicos do exército e da sinfônica. Então, quem tocava com Vilô o currículo não era fraco. Ele era respeitado, o repertório também não era fraco, o frevo era ponto alto. A gente seguia muito os passos da Orquestra Tabajara, Relembrando o Norte, um arranjo de Tico Tico no Fubá de Severino Araújo, e os arranjos do Maestro Duda [José Ursino da Silva] que eram belíssimos, e um compositor daqui da Paraíba Genival Macedo que foi um dos empresários da Orquestra e Moacir Godissera,

que já tinha tocado no BossanBlue e era amigo pessoal de Vilô. E, Genival Macedo que era um homem já conhecido e ele levou a Orquestra Vilô até pra tocar em Maceió e em Recife/PE no Clube Português e na televisão. Ele era muito influente.

Eu participei durante trinta anos da Orquestra Vilô, só não participei da gravação do último disco, do Cd porque eu estava trabalhando à noite. Eu disse a Marcelo Vilô que não poderia participar da gravação, mas participei do lançamento. Mas a Gravação do primeiro disco foi em 1976, foi um compacto duplo. Antigamente, tinha um disco que era o grande (Long Play) e o pequeno que era um compacto. Esse compacto era duplo, tinha o lado A, que era uma música de um jornalista Gilvan de Brito e foi cantada por Livardo Alves e o lado B. Foi à primeira gravação que eu participei, e lá o sistema era diferente de hoje, a orquestra gravava toda junta como se fosse uma apresentação ao vivo, e eu fiquei muito nervoso porque eu nunca tinha participado de nenhuma gravação, o sistema de gravação acontecia assim, todos gravavam juntos o arranjo sem ouvir o cantor. Depois, colocava os cantores, a voz, e os vocais. Hoje em dia tudo é gravado separado, era um sacrifício imenso, primeiro Vilô alugava o salão pra ensaiar, era geralmente a sede da Escola de Samba Malandros do Morro, alugava o som, depois ia para o Recife, ele alugava duas Kombis ou conseguia o ônibus da Polícia Militar, saíamos às 06:00h da manhã, gravávamos um LP num dia e voltávamos de madrugada. A gente entrava no estúdio às 09:00h da manhã e só saía 00:00h, 01:00h da manhã.

Ao longo dos trinta anos que testemunhei algumas mudanças foram acontecendo. A primeira formação que eu toquei, o primeiro músico que saiu foi seu Bia, e quem entrou no lugar foi Marcelo Vilô, e depois eram quatro trompetes, saiu um e eu fiquei juntamente com o Maestro Chiquito e J.Carlos, que era do exército, nos trombones eram Sandoval Moreno, Roberto (Cabelo de Cachorro), Rogério (Burrinho), na velha guarda era Aderaldo (que era do exército), Ten Gabriel (tocava na orquestra da Rádio Tabajara), Bernardo (Pai do Bernardo), Tem Firmino (da Polícia Militar), Bernardo Branco. Trompetes eram Clodomiro (Miro) (Solista e spala), Sobral (da Polícia Militar), Tenente Moraes

(trompetista e arranjador da orquestra), e eu quando entrei na orquestra eram dois primeiros trompetes e dois segundos. Como nós tocávamos muito frevo se colocasse só um, não aguentava não. Depois Duda entrou na orquestra fazendo arranjo, ele fazia para quatro trompetes, primeiro segundo terceiro e quarto, eu passei pelos quarto, e depois quando Ernani e Miro não pode mais eu passei pro segundo depois para o primeiro, Ranilson, participou também Quipapá, mais outros músicos passaram na orquestra também, Marcelo passou pro alto e Bibi ficou no barítono, Almir tocava o tenor, Costinha, Adelson e o irmão dele Toinho, quem participou um ano só foi Serginho de Campina Grande. Radegundes passou rapidamente, e algumas matinês quando Costinha estava ele ia só pra brincar, Bob passou também, na percussão tinha no meu tempo tinha Miro (Valdomiro), Mandacaru surdista da PM, Travanquinha, Bolo pai de Glauco e ele pequenininho ficava arrudiando, Zé Moraes tinha um menino na cuíca que era Mauricio, Cláudio Bocão tocava pandeiro e cantava também, Boneco que era um negão, Joza, o filho de Nilton, que o povo chamava Inhame Maçarico, o filho de Olivete, Robertinho, Dagoberto também. Cantores teve Jadir Camargo, Lúcia, Meives Gama, Edna, Mônica Melo, Martins do pandeiro, Claudionor Germano fez parte de alguns discos, Expedito Baracho gravou com a gente, por que a gente gravava o disco e vinha embora e depois que via quem tinha colocado a voz, e tinha um que tocava chocalho, a depois entrou Márcia, Germana, e Glauco na bateria, por que antigamente só tinha caixa e aqueles surdinhos treme terra.

Agora os arranjos eram divididos os trabalhos. Vilô me entregava a fita cassete, eu ficava com a menor parte e Maestro Chiquito e Marcelo Vilôr com a maior, eu e Chiquito levávamos as partituras, e a organização do repertório era Vilô quem fazia. Teve só umas seleções que a gente tocava que, por exemplo, seleção de samba, seleção do carnaval, aí eu pensei por que a Orquestra vinha tocando todo mundo junto aí de repente a orquestra parava e vinha Miro solando e a orquestra atrás: Eu achava isso muito feio, então, eu falei com Vilô e fiz os arranjos escrevi dessas músicas: Cidade Maravilhosa, Aurora, Mamãe eu Quero, dividindo em blocos. Então, Vilô dava a entrada pra Orquestra e a gente tocava



duas vezes e entrava a introdução a base e a orquestra tocava a música inteira, e várias orquestras utilizam essa metodologia até hoje.

Então fazia isso no final do baile por que a gente dava as introduções os cantores cantavam a base acompanhava e dava tempo de descansar e beber água e terminava a orquestra inteira junta. E assim a gente foi conseguindo aí dividia em três cadernos, era Carnaval no Rio, Carnaval Pernambucano, e Carnaval de Salão, por que era muito pesada a gente saia com os lábios todo cortado.

Tudo isso só era possível porque Vilô tinha uma liderança, organização, a gente tocava com segurança, e não tinha esse negócio de música que não foi ensaiada ser tocada, pra deixar a gente em situação difícil ou o cantor, então não existia isso a música tinha que ser ensaiada. Se não tivesse a música certinha ele não colocava no repertório, ele levava muito a sério, era profissional.

A Orquestra era respeitada e os músicos que fizeram parte eram respeitados também. A orquestra serviu como escola pra mim. Eu que não tive oportunidade de estudar nem licenciatura e nem bacharelado em música, aprendi muito com a Orquestra. A gente teve a oportunidade de gravar com o famoso trompetista Nailson Simões, em dois discos, tocar com Ranilson Farias, pra mim no meu instrumento, era um honra. Ranilson Farias e Nailson Simões ensinavam muito a gente durante os ensaios, a maneira de respirar e de interpretar certos trechos da música pra mim era a escola. Antes de conhecer Chiquito eu não sabia o que era um aquecimento no meu instrumento aí Chiquito me deu uma cópia de um método e a partir daí eu fazia os aquecimentos. A Orquestra foi uma grande escola, aproveitei o máximo que eu pude, eu exercitei também muito a parte de escrita, porque Sérgio Galo mesmo chegava e fazia Dílson *“esse acorde tal num ta encaixando então vamos corrigir a nota errada”*, Toinho (sax tenor) também ele tinha o ouvido muito bom então ele chegava e dizia Dílson *“Essa nota não ta muito boa vamos corrigir.”* A gente corrigia e passava, eu ficava analisando os arranjos de Duda.

O fim da Orquestra foi doido. O Maestro Vilô ligou pra mim, assim deprimido, eu notava um sofrimento muito grande juntou com a situação da doença dele e o modismo da música baiana adentrando aqui e o frevo cada vez

mais caindo, e Vilô cada vez mais deprimido, por que queria manter aquele nível que tinha só que não havia mais mercado. Pra tocar com uma orquestra daquele porte, pra tocar num clube igual ao Cabo Branco, o Astréa já tinha fechado as portas, então àquela coisa foi decrescendo, ele reduziu a orquestra pra três saxofones, três trompetes e Marcelo Vilôr assumiu a orquestra e a gente foi tocando até acabar mesmo o carnaval. Aquilo pra Vilô foi um sofrimento por que, ele pegou uma fase muito boa no auge do frevo e de repente a mídia traz um monte de música que não tinha relação com o carnaval da gente, e a mídia empurrando a força e mostrando aquilo, a televisão o rádio, tudo então a divulgação tudo e o frevo foi ficando em terceiro plano, num é nem em segundo é em terceiro. E a gente teve que fazer algumas adaptações como eu disse, na época pra escapar.

O próprio Severino Araújo utilizou essa estratégia, na época das discotecas ele disse que começou a escrever uns arranjos pra orquestra dele gravar, por exemplo, Violinos do Céu nunca existiu só em estúdio, contratava uns violinos e escrevia os metais pra os músicos tocarem, Românticos de Cuba, por que já não tinha mais baile pra Orquestra Tabajara tocar, só depois foi se recuperando de novo.

Inclusive pelo o que eu soube até as orquestras do Recife mesmo, no auge do axé music diminuíram ou renderam-se a tocar por que eram quase forçadas. O axé foi uma onda nacional, não foi só a gente que sofreu aqui, o que salva as orquestras são os projetos como a de Spok. Porque a orquestra dele mostra o frevo de uma forma mais jazzística, eu sou evolucionista e então nós temos que aceitar a modernidade, até a linguagem nossa mudou, na música foi a mesma coisa. Hoje quando eu escrevo alguma coisa eu tento modernizar, porque se você pegar um disco gravado por Nelson Ferreira e Capíba a pulsação hoje já é mais acelerada.

No mais me sinto honrado em ter sido lembrado, e durante os quarenta anos de frevo de Vilô, eu tive a honra de participar de trinta.

### 3.2.3 Adelson Machado na palheta do Sax com Vilô

Adelson Machado, iniciei minha carreira de músico na Banda de Música da Cidade de Santa Luzia, Sertão da Paraíba, no ano de 1953, tocava Tuba tocava contrabaixo. Chegando a assumi a direção da Banda entre os anos de 1958/1959, e por questões políticas acabei vindo para João Pessoa com 21 anos de idade. Aqui passei muitos momentos difíceis mas tive a felicidade de conhecer pessoas maravilhosas como Vilô, Ten Lucena, da PM que abriu meus olhos aqui, que eu era muito jovem, Celso da PM e por aí

Quando eu cheguei em João Pessoa Vilô era balconista, das Lojas Paulista, era aquela pessoa que o, o freguês só comprava a outro, se Vilô tivesse ocupado. Ele era aquela pessoa caprichosa demais e foi aí onde a gente se conheceu. Ele tinha uma orquestrinha, ele já tinha o desejo de começar algo, ele tocava nos pequenos clubezinhos da cidade como no Clube dos Veteranos. Nesse mesmo momento ele tinha uma barraca de feira, era feirante também, eu não alcancei ele já tinha passado essa etapa da vida dele. Vilô era aquela pessoa tão caprichosa que quando alguém perguntava onde era que tinha um feijão carioca do bom já diziam logo *“é na barraca de Vilô”*, ele não fazia questão de ganhar o dinheiro, ele fazia questão de fazer as coisas bem-feitas. Era caprichoso! Fundou um conjunto, uma orquestrinha, era o Bossanblue, conjunto de baile, era o melhor daqui o repertório era fantástico, foi aí onde a gente se conheceu, foi no Bossanblue e na Polícia Militar, então ficamos muito amigos, época em que foi criada a banda da Polícia Militar de Campina Grande e Vilô passou uma temporada lá. E dona Sucesso esposa dele, estava grávida de Marcelo. Ela vinha ficar com Vilô de frente ao quartel de Polícia, e depois eu ia acompanhado e conversando com ela até o ponto do ônibus que se eu não me engano ela morava em Jaguaribe. Pra você ver que a amizade da gente era muito antiga. Fundou uma Orquestrinha que ainda não era a Vilô e sua orquestra mais era uma orquestrinha muito boa que tocava em clubes menores era tão boa que chamavam ela de A Perigosa, tocou muitos anos no Clube Independente, era aqui na praça da Independência, era como se fosse a segunda força do carnaval, porque naquela época a maior festa que existia

era o carnaval, era o carnaval! Mas em 1969 Vilô foi para uma área abrangente formou uma orquestra, a maior orquestra, grande mãe de todas e passou a tocar no Clube Cabo Branco, e no Clube Astréa que eram grandes carnavais, todos dois contratava duas orquestras grandes, então a gente tocava dois carnavais grandes o Astréa e o Cabo Branco, chegou-se a tocar 12 anos seguidos foi por ai assim. Depois por motivo comercial ele teve um desentendimento com o presidente do clube e deixou o Clube e voltou para o Astréa e depois a convite do presidente voltou a tocar novamente até terminar o carnaval no clube Cabo Branco.

A Primeira formação da Orquestra grande foi em 1969, com a seguinte composição: Os saxofones eram: Gomes, Zé Alves, Lério que era Aurélio, eu e seu Bia que se chamava Severino Costa. Os trombones eram: Odilon, Adalberto, eu num tom bem lembrado, os trompetes era Vilô, Zé Sobral, que o povo chamava é de Pelé, Agílio. Isso foi à primeira formação. Os percussionistas eram Travanquinha, Bolinho irmão dele José Nascimento e outros.

A orquestra que tocava no Independente era outra nos saxofones era eu Zé Alves Seu Vilô pai de Vilô, saxofonista fora de série, os trompetes era Vilô, e Pelé, os trombones eram Sólon, na percussão era mais ou menos essa que seguiu, o contrabaixo era Seu Severino cunhado dele, seu Severino Correia lá pra quando vai os carnavais essa é que era a chamada a perigosa, ai depois ele mais junto com Wilson Ferreira formaram a Tupi de Frevo. Era aquela estrutura que eu falei daquela de 1969, a gente em 69 já era com Wilson Ferreira. E em 1972 num carnaval no Cabo Branco, ele não se deu muito bem e se separaram lá, num é negócio de briga nem nada, resolveram se separar, Wilson Ferreira formou a orquestra dele e Vilô continuou com a dele, essa começou a mostrar Vilô e sua Orquestra tocamos um grande *Baile Damasquen* um grande Baile em Recife, pensavam que a gente ia ficar de baixo mais eles não se deram muito bem essa noite não eles esperavam como a seleção da Espanha eles entraram de sapato alto com Brasil e levaram uma surra, mais ou menos por ai assim, “*esses daí não vão tocar nada não*”. Agora Vilô passou momentos difíceis aqui por causa de cantor, ele sofreu um momento com cantor inclusive com cantora por que o peso da

orquestra era grande e as cantoras eram. Meives Gama, uma senhora de Recife, que aprumou mais ou menos o negócio.

Agora como tudo, Vilô tinha uns aborrecimentos estava se lidando com seres humanos. Tinha um aborrecimento mais não briga não. Apesar disso ele não desanimava. Tive grande participação, ele sempre ia lá em casa se era alegria ele vinha dividir comigo e se era tristeza também, chorava lá no terraço lá de casa era certa vez ele disse umas coisas que não devia dizer a um filho amado que era Marcelo e chegou lá em casa e eu disse *“olhe Marcelo é seu filho, Marcelo é uma joia, então você, então o que você tem que fazer é só abraçar seu filho ”* ai ele disse *“eu já fiz isso”* e eu lhe disse *“então continue fazendo”*. Era isso era a pessoa explosiva mais tinha o coração bom eu posso dizer isso por que eu convivi com ele.

Vilô tratava muito bem o músico. Ele não queria ganhar dinheiro ele queria qualidade, se não se sentisse bem ele se soltava ele ficava brabo. Mas até em viagens era cuidadoso. Seu tratamento era extensivo também a outros artistas como o Maestro Duda. Duda era aquele músico fora de série às vezes quando Vilô não tinha dinheiro pra pagar o trabalho de Duda e as despesas com a Orquestra estavam altas ele mandava fazer os arranjos com outras pessoas e ficava se sentindo mal, e altamente arrependido porque os arranjos de Duda era fora de série. Duda pouco vinha aqui em João Pessoa. Vilô pegava o repertório ia pra Recife e contratava o trabalho de Duda que fazia os arranjos, o melhor possível por que Duda é uma pessoa excepcional, muito gente boa.

Aliás, a equipe que trabalhava com Vilô era boa. No início era eu e Travanquinha a gente continuou e terminou. Eu acho que foram os dois únicos porque eu acho que os demais que não terminaram, não foi por causa de briga, muitos foram embora de João Pessoa, optaram por outros lugares. Vilô não tinha inimizade com ninguém, apenas um pequeno desentendimento com Wilson Ferreira mais eles terminaram amigos. Compôs ainda a equipe Miro Claudomiro, Aderaldo lá do 15 RI, Josué saxofonista também do 15 RI que entrou depois, entrou muito depois.

Os filhos de Vilô entraram já quase no fim, eles eram jovens. Marcelo fui eu que incentivei muito, Vilô a botar Marcelo, muito jovem ainda. Ele ficava o tempo todo no meio da Orquestra, nos ensaios, nos carnavais.

Os Carnavais em João Pessoa era a maior festa. O carnaval do cabo Branco, vamos dizer que o carnaval ia ser em Fevereiro em Dezembro já era clima de carnaval. Então qualquer festa que tinha ali era carnaval, mais tinha o Vermelho e Branco que era a maior festa de Clube. Eu dizia Vilô a maior festa que eu já vi na minha vida era o Vermelho e Branco, do Clube Cabo Branco, era uma festa fora de série, mais aí foi o tempo que foi surgindo essas musicada Bahiana, foi o tempo do Axé com uma sonoridade alta demais, e aquilo foi espantando o povo. Quando eu dizia isso levava nome de ignorante mais era verdade o barulho era grande demais, por que a gente não tinha aqui em João pessoa quem soubesse sonorizar uma orquestra, esse negócio acabou com as atrações nas festas, por que a maior atração na festa de Padroeira em toda festa era a Banda de Música.

É tanto que o primeiro carnaval que a gente tocou só tinha um microfone pro cantor que foi no carnaval do Astréa quem tava ali estava ouvindo. Longe de mim o mundo vai evoluindo e a gente tem que tirar o chapéu, mais as pessoas deixaram de brincar os carnavais dos clubes para ir brincar nas praias.

O Clube Cabo Branco e Astréa eram os dois principais clubes, depois tinha o Clube Independente, o Clube dos Sargentos, o Internacional de Cruz das Armas também. Outro grande Carnaval, era o da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), durante o dia, a foi depois também, tudo com a Orquestra de Vilô. Tocamos alguns bailes e vários Réveillons no Clube Campestre em Campina Grande, o famoso Baile da Saudade. Tocamos em Itambé, Goiana, ambos no Estado de Pernambuco.

Tocávamos tanto que certa vez de tocar na quarta-feira em Pedras de Fogo, na quinta em Goiana, na sexta iniciava O Carnaval Começa no Iate Clube, esse durante começava de dia, e enrolava a noite me outra tocata. Tanto que na quarta - feira de cinza eu dei um cochilo no palanque e sonhei que estava caindo, mas estava mesmo, um dos músicos me pegou no braço e disse: “Adelson o que é

isso!”, Mas era a glória. Sabe tudo isso eu agradeço a Deus por tudo que aconteceu comigo é glória!

Tudo isso vivi junto com Vilô. Eu tenho muita saudade do meu amigo velho, dos nossos tempos, da nossa amizade que era verdadeira e ele correspondia, num sei, às vezes quando eu estava em dificuldade, Vilô chegava e isso me traz uma saudade muito grande e eu sei se ele estivesse vivo nós ainda seríamos amigos. Eu digo, “*eu fui muito covarde*” quando Vilô adoeceu eu não suportava ver meu amigo naquela situação quando ele cortou a primeira perna eu estava lá, com ele, no hospital, mais eu saí do quarto que eu não aguentava ver, aquele foi um dia terrível pra mim. Foi um dia terrível por que ele era meu irmão. Ele dizia: “*eu tenho meus irmãos de verdade amo meu irmãos, mais meu irmão de verdade é você*”. E eu dizia mesma coisa. Dizer que houve aborrecimento, houve! Mais a gente tem aborrecimento até com a mãe da gente que é a coisa que a gente mais ama.

Temos muitas histórias juntos. Trabalhamos na Banda 5 de Agosto. A banda completou 45 anos e eu também fiz 45 anos que estou nela. Eu fui um dos músicos que fez a primeira tocata, daqueles músicos que fizeram essa primeira tocata só tem vivo eu e outro menino lá de Santa Rita, tudo era cidadão de 50 anos e nós dois rapazinho.

Quando Chico Franca se elegeu Prefeito, Wilson Braga pediu por Vilô, e assim ele assumiu a função de diretor, papel que foi bom demais. Pois até ali a banda era muito atrasada, e ele conseguiu trazer Duda pra ser arranjador da banda, e a banda começou a fazer muitas apresentações, depois quando mudou a política alguém que tinha inveja do sucesso acabou contribuindo para a exoneração dele. Eu diria que se Vilô num fosse tão Honesto ele teria morrido rico. Vilô pegou campanhas políticas aqui que era pra enriquecer, mais ele não sabia usurpar. Ele sabia pagar bem. Pra se ter idéia, no tempo de Wilson Braga ele perguntou a Vilô: “*o que você quer?*” Ele respondeu: “*Eu quero me reformar*”, se ele dissesse que queria ser oficial, certamente teria conseguido. Wilson Braga gostava muito de Vilô demais. Diante disso eu só tenho a dizer do meu amigo, são só coisas boas.

### 3.3 MAESTRO VILÔ NA COMPOSIÇÃO E INTERPRETAÇÃO MUSICISTA

A memória de Vilô permanece viva em seus interpretes, compositores e arranjadores. Para eles a experiência vivida com Vilô os trouxe como prerrogativa a exigência da qualidade musical. Nesse sentido emprestam-nos suas vozes e relatam suas experiências.

#### 3.3.1 Vilô nas composições de Benedito Honório

Benedito Honório da Silva, natural da Cidade de João Pessoa, especificamente do bairro de Cruz das Armas, nasceu em 1939 quando residia na Av. Cruz das armas nº 1927, passando a morar na casa defronte a de nº 1910, órfão de pai aos 5 anos de idade e de mãe aos 7 anos, passando a ser criado por uma tia paterna.

De uma vida foi muito simples sem recursos para estudar em bons colégios, cursou o primeiro e segundo ano em escolinha particulares, que era a as professorinhas que só sabiam ensinar até o 1º e 2º anos elas mesmas só tinham estudado até esse anos, concluindo o curso primário no Grupo Escolar Dom Pedro II que ficava na Rua Trincheiras João da Mata. Cursou Mecânica de Maquinas pela Escola Técnica Federal atual IFPB e posteriormente no Lyceu Paraibano, quando aos dezoito anos apresentou-se ao Exército, com peso abaixo do normal foi cortado pelo Major médico que o examinou Dr. Guilhardo Martins, disse *“Você não tem condições de ficar.”*, ai eu comecei a chorar, *“Mais por que você ta chorando?”* *“Por que eu quero ficar”*. Eu tinha colocado na minha mente que o exército seria a minha partida e realmente foi. Aí eu contei minha história toda ai ele disse *“mais rapaz você estudando ainda”* ai eu disse *“mais eu quero ficar”* fiquei e fui ficando e fiz curso de Cabo mais não tinha vaga e eu só ia ficar dois meses como cabo, ai foi quando eu fiz o concurso pra Escola de Sargento das Armas que



fica lá em Três Corações, MG, e fiz pra Escola de Especialistas da Aeronáutica, passei nas duas mais eu preferi a escola do exército por que eu já tinha o curso de cabo e lá com certeza ia servir, e serviu. Fui fiz a escola ainda passei um tempo no Rio de Janeiro e depois acabei vindo trabalhar aqui no 15º RI.

Fiz faculdade de Direito, e Administração de Empresas, terminei Direito fiz concurso pra professor da Universidade Federal de Pernambuco, passei deixei o Exército fui morar em Recife. Segui minha vida, fui professor, voltei para Paraíba à disposição da Secretaria de Segurança e foi aí que e conheci Vilô em 1980. Antes o conhecia de longe, na década de 70, de nome de fama, ele era o Maestro dos grandes carnavais da Paraíba, mais para me entrosar mesmo com ele foi em 1980.

Quando eu me encontrei com Vilô ele já tinha feito dois Lp's era "O Vilô e sua Orquestra de Frevo" ele disse rapaz vou gravar outro disco e faça uma música, aí eu fez sucesso com "*Já fui Bom Nisso*" ajudei e tal amigos de pouco tempo, às vezes a gente vinha ele vinha cochilando, eu pegava a direção era um Fusquinha e depois foi o Voyage e a gente vinha cantando, pra não dormir com a fita da gravação. E entrei nesse disco, aí no "Frevilô" foi o quarto, que tem Garota de Manaíra, Cidade Verde, e o hino do Santa Cruz de Santa Rita. A música do Quarto Centenário da cidade. Ai Vilô chegava pra mim e dizia "*Como é que eu vou conseguir dinheiro pra isso?*".

No segundo tive uma idéia venda antecipada, ai nesse de Garota de Manaíra, Cidade Verde e o time de Santa Rita que não tinha hino ai eu tive a idéia de fazer o Hino do Santa Cruz, e Vilô era amigo do prefeito Severino Maroja, eu batia os ofícios e Vilô ia entregar, o ofício vendendo 200 discos antecipados os disco foram vendidos por 10 cruzeiros no valor de hoje era R\$10,00 e a contribuição foi de R\$ 2.000,00, ai o prefeito disse "*Se for pra ajudar a gravar tudo bem*" ai deu certo e conseguimos, mais ainda era pouco ai eu pensei assim, e a prefeitura que era Dr. Oswaldo Trigueiro do Vale e o Secretario era Raimundo Nonato que Vilô se dava muito com ele dos carnavais do Clube Cabo Branco, já tinha amizade e o lema que antigamente toda gestão tinha um lema e era "Tudo verde, Tudo bem" e tudo que era poste tinha isso com o símbolo de duas

folhinhas cruzadas. Então eu disse “Vilô vou fazer uma música com esse tema” Aí Vilô disse: “*o que botar Honório faz*” mais rapaz essa música eu nunca ouvi ser tocada na rádio e foi gravada por Meives Gama, aí eu fiz. O prefeito ficou muito contente até hoje é meu amigo, aí pra o quinto disco eu fiz os quatrocentos anos da Paraíba 1985 eu disse Vilô vamos atrás do governador que na época era Wilson Braga, e tinha Buriti que tinha sido meu professor, vamos ao secretário da com SOCIL, Luiz Augusto Crispim, ele disse que poderia auxiliar, mas tinha que fazer alguma coisa. Eu disse que “*vou fazer uma música em homenagem aos quatrocentos anos da Paraíba*” aí ele gostou e esse foi vendido eu não sei se esse o estado bancou todo mais foi no mínimo a metade, e nós fomos até buscar em Recife os discos por que ficou retido por causa de nota da gravadora Continental no Rio de Janeiro. O disco de Vilô foi pago parte pelo governo certinho, então nesse eu fiz “Paraíba quatrocentos anos, em ritmo de frevo” cantado por Meives Gama, e foi uma música maravilhosa todos os arranjos Vilô caprichava todos os arranjos feitos por Duda.

Além de participar nas gravações eu sempre estava no clube ajudando a minha amizade com Vilô era tanto profissional como pessoal. Em todas as festas eu estava na casa dele. Ele não convidava ninguém, a gente ia eu e os outros amigos iam chegando Claudionor Germano do Recife entre tantos outros. As festas era milho cozinhado, mocotó, fava.

Com Vilô transitei nesse mundo desde 80 a 90, mais ele adoeceu, mais eu continuei o visitando, não com muita frequência, mais sempre ligava e me comunicava com ele. Sua morte foi uma perda imensa. Em 2013 eu fiz uma música pra Vilô, afinal faleceu a algum tempo e ninguém toca mais no nome dele então vou fazer uma homenagem e fiz a música. Eu admirava Vilô, porque quando alguém cria alguma coisa visa lucro, contrata músicos de segunda, sem muita preparação. Mais Vilô não tinha isso, ele só contratava músico de primeira, tocaram na orquestra dele Radegundes, Sandoval, eram todos os melhores, ele tinha isso aí, era a visão do melhor.

Ele era um grande administrador de orquestra, além de ser um grande maestro, por que não adianta ser um bom maestro se não sabe organizar, eu

lembrei que a gente via o Maestro Ninô irmão dele, mais era um homem mais disperso, Ninô foi maestro do 15º RI e foi diretor do Teatro Municipal de Manaus, ele era mais músico do que administrador, como administrador ele deixava a desejar. É uma questão de estilo com e leveza por que são estilos. As vezes era como um pai tinha leveza mesmo sendo no quartel, Vilô era militar da PM não tinha diferença se era capitão major o maior músico que tivesse a maneira era a mesma, do menor ao maior músico era o mesmo tratamento sério, o repertorio muito bom e se naquele tempo tinha duas orquestras e era as vezes ele e Severino Araújo, ou Cipó, Guedes Peixoto, ou Duda, mais Vilô era sempre ali, melhor ou igual, nunca inferior.

Às vezes a gente escutava os comentários depois “*Vilô deu um banho no carnaval*” mais não era só o saber musical era a questão administrativa. Não adianta ser, por exemplo, fulano é médico aí colocam ele pra ser secretário da saúde, e não dá certo, questão administrativa. Outra característica de Vilô ele era inteligente, era administrador, escolhia as melhores músicas pro repertório. O que não podia faltar as músicas de Capiba.

Vilô mantinha essa mesma característica de organização em outras atividades, a exemplo participou da diretoria da Ordem dos Músicos do Brasil na chapa de Cícero Caetano em fins de 88 pra 93 como tesoureiro, depois Conselheiro, enfim...

### **3.3.2 Maestro Vilô na voz de Jadir Camargo**

Jadir Camargo natural da cidade de Santa Rita, PB, nasceu em 09 de outubro de 1949. Viveu sua infância na Vila Operaria na Vila Tibiri em Santa Rita. Seu pai operador do Cine Avenida e também operário da antiga Fábrica Tibiri e sua mãe como todas as demais, doméstica, meu.

Desde a infância foi um apreciador voraz da música. Aos 8 anos ouvia muito no rádio, era fanático pelas coisas do rádio. Um dia foi aconselhado buscar emprego na Rádio uma vez que era portador de uma voz audível. Tendo seguido o conselho fez testes para locutor e ingressou na Rádio Tabajara onde permanece

até o presente. É fato que também atuou em outras emissoras como Arapuã, Correio, Liberdade, mais sempre com os pés na Rádio Tabajara.

Paralelo a sua atividade de locutor dedicou-se aos estudos tendo concluído o curso de Direito pela Universidade Federal da Paraíba em 1983. Mas foi em 1977 que recebeu o convite do Maestro Vilô, para participar da Orquestra dele como cantor. Convite reforçado pela indicação do Maestro Romualdo também da Rádio Tabajara. O Maestro Romualdo me ouvira cantar no programa de auditório. Aceito o convite, Vilô me levou pro teste com a orquestra, e gostou e me convidou pra ver a orquestra tocar no carnaval, eu fui ver a orquestra tocando e fiquei de longe apreciando, mais com um medo de me aproximar, eu tinha medo de cantar para multidão, e com aquele medo todo eu me recusei a entrar nos salões. Mas depois eu fui cantar e fizemos gravações eu fiz parte de algumas, como compositor, como cantor, sugerindo alguma coisa de capa, contracapa.

Estive com o Maestro Vilô o tempo todo, ele muito apegado a mim e eu a ele, éramos como irmãos. Era uma relação de muito carinho e critério ele era sério e rígido com todos, e era criterioso. Acompanhada de perto tudo que fazia. Durante as apresentações nos bailes carnavalescos, Vilô ficava praticamente sem jantar e cumprimentando a todos de mesa em mesa, e elogiando e avaliando o trabalho de todos, assim era o Maestro Vilô.

Ele tinha um apego aos músicos, estes eram como filho e a sua Orquestra então. A orquestra do maestro Vilô foi a minha primeira experiência com orquestra, eu cantava nas noites com os amigos e serestas simples com violão, mais não tinha conotação profissional, e com a Orquestra de Vilô e a partir dele cantei com outras orquestras, chegando a ser cantor oficial do Galo da Madrugada. Fui convidado pelo Enéas, pelo Guedes Peixoto.

A pena é já não existe mais aquela pedida, aquela demanda para os trabalhos de orquestra como antigamente, Guedes Peixoto uma vez se queixou disso por telefone, que as orquestras estavam paradas, evidentemente, por conta das bandas, das coisas de plástico que acontecem por aí, os trabalhos que não tem nada a haver com o carnaval, e nós estamos assim... A juventude escuta forró no

carnaval, axé, abrem as malas dos carros, e é funk. E o carnaval propriamente dito, tido como carnaval tradição já não existe mais, e a gente fica sem trabalho. Por que no carnaval, por exemplo, eu canto no Boi Vermelho, aqui em Jaguaribe, um domingo antes do carnaval, e às vezes no Victory, em Lucena, PB que tinha uma nova direção eu acho que não teremos mais. Enfim eu fiquei apenas com o boi vermelho.

Vilô era impecável não tinha retoques a fazer, por que o trabalho dele era perfeito, ele se antecipava pra vender a Orquestra, contratava os músicos cedo, organizava as vestimentas, muito bonitas aliás, lanches pra gente no intervalo. Era completo. E o pagamento que era justíssimo, e num prazo legal, às vezes no intervalo a gente já recebia. Dona Sucesso [esposa dele] trazia os envelopes e já pagava a gente, eu me lembro que nos intervalos no Jangada Clube, ela já estava com o dinheiro no bolso. Era uma organização fantástica, Salve o Maestro Vilô.

Outra preocupação dele era depois do término da tocata. Depois de passar a noite toda cantando o que não era brincadeira, Vilô convidada todos os músicos que desejasse para o café da manhã na casa de Creusa Pires na Avenida Epitácio Pessoa, era um manjar dos deuses. Um café da manhã com tudo que se tinha direito. Comidinhas bem interioranas, paçoca, macaxeira, carne de sol, tapioca sucos, era um café da manhã bem abastado, e o Maestro não comia ele ficava de mesa e mesa.

Agora fumava muito e gostava de uma caninha, e desse cana ruim, cana misturada, ele conhecia e dizia: *“isso é papuda rapaz, papuda assim não da não você misturou isso.”* Ele só tomava cana da boa.

O Maestro Vilô foi um homem completo como pessoa, e como músico. Trouxe-me a experiência de cantar em palco, e uma coisa que eu tinha era a timidez então ele tirou isso, perdi a timidez, quando eu estive com a orquestra de Vilô cantando. E me levou a enfrentar o grande público é tanto que eu cantei no Galo da Madrugada em Recife com a orquestra do Maestro Zé Meneses. Então essa timidez acabou. E eu devo isso a Vilô, pois a minha condição psíquica, ela faz o seguinte, eu antes de entrar no palco, o medo é feroz, mais depois que eu

pego o microfone, eu começo a manobrar a coisa de maneira eficaz. A tensão é antes de entrar, depois que eu começo a cantar tudo passa.

Agora comigo na orquestra tinha outros cantores Edna, Fátima Lima, Assis Cabral enfim... Agora em mim o frevo fluiu espontaneamente, uma coisa já predizendo isso, quando eu era criança pegava um pedaço de pau com um pano e ia cantando ((cantado)) e dizia mãe este é o meu Panananã, e solfejava o *Último Dia*. E já gostava de frevo e não sabia, e quando me procuram para perguntar o que eu gosto eu sempre digo frevo e bolero, mais o frevo mexe comigo, emociona me eletriza, e o bolero também. O Gosto pelo frevo também de Vilô. Um dos frevos que mais eu gosto de cantar Frevo nº2 de Antônio Maria com o arranjo de Marcelo Vilô.

Todos dizem que o Maestro era exigente. Eu só tinha elogios do Maestro, nunca tive si quer nenhum reparo no meu trabalho o que eu interpretava ele gostava, o que eu fazia ele gostava, nos frevos que eu gravava ele ria muito com isso, os dísticos que eu colocava, por exemplo, “Dona Raimunda, ele é muito boa de amizade.” A rima diferente, ele ria muito em estúdio, na Rosenblit o maestro se debulhava em risadas. Isto quando fomos gravar o disco, eu não lembro de quem foi a idéia de grava os discos eu acho que foi de Jaime lá do Recife. Mas também pode ter sido de Genival Macedo, o compositor de Meu Sublime Torrão, ele fazia a parte de merchandising da Orquestra Vilô, eu acho que nessa vinda a João Pessoa ele argumentou com o Maestro a possibilidade de fazer a gravação do disco e ele de pronto acatou. Não foi fácil. Nós íamos de ônibus fretado e toda a orquestra ia, e era gravada a orquestra inteira, e os cantores também, depois, os técnicos tinham que se virar pra mixar.

Eu sempre convivi com Vilô, era com um irmão pra mim, nos aniversários dele, em 6 de Janeiro, eu estava lá, as vezes eu ia almoçar com ele, eu e minha esposa.

As vezes ele ligava pra mim ele me convidava para ir a sua casa. Ficava sentado na cadeira matando mosca, ele gostava de matar moscas, eu acho que até uma semana antes dele ir embora, eu estive com ele, quando Geisa {nora do Maestro Vilô}, me ligou e disse “*ele está internado, o quadro dele é assim*” eu até fui

sincero com ela e disse que “*dessa vez a gente perdeu ele, por que a situação é complicada.*”. E realmente foi. Não teve volta, não teve retorno, Vilô nos deixou foi embora, e eu perdi meu irmão.

Ele era maravilha. Ficava em casa na roda de amigos, e sempre preocupado com a comida e a bebida de todos, ele era muito preocupado muito solícito com os amigos que o visitavam. A casa vivia cheia.

O grande desgosto de Vilô e talvez a sua derrocada que contribuiu para sua depressão foi à falta de convites para a Orquestra, a falta de mercado pra Orquestra dele. Isso foi a maior contribuição para que ele definhasse, além da diabetes. Além de estar doente, sua Orquestra não ser convidada mais pra subir aos palcos, foi um baque muito grande. Muitas vezes ele me confessou essa tristeza, chorou e lamentou a ausência de chamamento.

Ele não se conformava! E não era só o Cabo Branco mais o Clube dos oficiais da PM, o Astréa, Jangada Clube, Olinda, Itamaracá, Vilô fez o trabalho dele por muitos lugares, e sempre bem aplaudido em todos os lugares, ele atendia aos pedidos do público, ele terminava e recomeçava o povo pedindo, e ele tinha uma peculiaridade, era o pulinho no final de cada música, ele terminava os últimos acordes da orquestra e dava um pulo isso era típico do Maestro Vilô, sua marca de encerramento.

Creio que a má administração dos clubes, logicamente não souberam fazer o evento, não souberam realizar o carnaval no clube, não souberam dispensar a atenção devida que os foliões mereciam, encareceram preços de bebidas e comidas, enfim não souberam dar a devida atenção aos foliões.

Uma série de coisas que colocou um fim no grande comparecimento dos públicos nos grandes carnavais. Com isso foi caindo a frequência aos Clubes e daí acabar com o Vermelho e Branco, acabar com o Carnaval das Crianças, eu acho que a má administração e a penetração da *Axé Music* que as vezes a gente timidamente atendia o pedido de um grupo, tocávamos o axé mesmo não sendo a vontade do Maestro Vilô. A Bahia foi um tropeço nas nossas vidas musicais, na nossa cultura local.

O Maestro sempre a frente da sua Orquestra. Bem depois ele foi aos poucos cedendo lugar para o seu filho Marcelo Vilôr, que o substituíra, quando ele tava impedido por um motivo qualquer. Apenas ele ficava na frente da Orquestra.

### 3.3.3 Maestro Vilô, na partitura do Maestro Chiquito

Francisco Fernandes Filho, artisticamente conhecido como Maestro Chiquito, natural da Cidade de Santa Luzia, especificamente do Sítio Riacho Fundo, iniciou no campo da música aos nove anos de idade, construindo ele mesmo seus próprios instrumentos, modelos copiados dos grupos musicais que se apresentavam na cidade. Assim foi “tocando” em grupos de teatro, de dança, Escolas de Samba, Ala Ursas, Orquestras...tudo. Eu lembro bem quando era criança em Santa Luzia, que chegou uma Orquestra que se chamava “Orquestra Marajoara de Bauru”, - naquela época toda semana tinha uma festa com um grupo diferente no Yayú Clube e, naquela época, eu nem sabia o que era Marajoara e nem sabia o que era Bauru, aí a gente fez a **Orquestra Marajoara de Bauru de Santa Luzia**, com todos os instrumentos de lata feitos pela gente. Desde os nove anos que eu estou na luta.

Mas foi em Santa Luzia, no Sertão, com Ernani da Veiga Pessoa, maestro da Banda de Música 23 de Maio, que aprendi as primeiras notas. Depois acabei na Universidade Federal da Paraíba estudando com o professor francês Gerard Hostein. As outras coisas, a gente foi aprendendo na Orquestra Metalúrgica Filipéia, que foi a grande escola de muitos músicos paraibanos.

Cheguei ao Departamento de Música da UFPB em 1981 para cursar o Bacharelado em Trompete; em 1984 quando já estava terminando o curso, notava que aquela música que a gente tava aprendendo não era a nossa música, era a cultura européia, música erudita e, como nós somos egressos de Bandas de Música, queria poder tocar música popular brasileira; então resolvemos fazer um grupo de música popular, e chamamos todos os tipos de instrumentistas: De cordas, flautistas, oboístas, fagotistas, trompistas... todos aluno, e eu passava



duas, três noites fazendo os arranjos e, às vezes o grupo todo não aparecia nos ensaios. Resolvemos criar uma orquestra tipo a Orquestra Tabajara, pra resgatar essa cultura de Big-band e, como ela tocar música brasileira.

Agora a Orquestra do Maestro Vilô, que, em nível de frevo, era uma das melhores do Brasil, foi outra grande fonte de aprendizado. A orquestra do Maestro Vilô, junto com a de Guedes Peixoto, foram as duas melhores orquestras de frevo que eu vi. A Orquestra de Vilô tinha alguns detalhes. Primeiro ele sabia arregimentar muito bem, os esforços. Escolhia os melhores músicos, os melhores frevistas, os melhores puxadores, que hoje está muito difícil no meio musical, e era um excelente motivador. Sabia usar a linguagem de cada músico, por exemplo, pra gente que era cachaceiro, ele motivava dando cachaça, levava pra tomar uma na casa dele, ele sabia lidar muito bem com isso, e tem outro detalhe fundamental que não acontece mais hoje, por isso não tem mais orquestras boas. O empresário de Vilô era o grande compositor Genival Macedo; quando era em setembro ele ligava pro diretor do Clube, Cabo Branco ou Astréa, fazia o contrato recebia 20% e, à partir daí, o maestro Vilô alugava a sede dos Bandeirantes da Torre para os ensaios, comprava os acessórios dos instrumentos, as instrumentárias, alugava som, chamava Geisa Vilôr [nora] para organizar as coisas e, à partir de outubro a gente começava a ensaiar; ensaiava até dezembro, quando era no Réveillon a orquestra estava “na ponta dos casco”.

Hoje, as orquestras são chamadas pra fazer uma apresentação, a uma semana do carnaval; o que acontece? Toda orquestra de frevo tem os seus músicos, só que quando é dezembro e o músico liga pra o maestro perguntando: “A gente vai tocar no carnaval?”, e o maestro responde “não sei”. Vão pra Olinda vão pra Salvador vão contratando com outros grupos; então um dos motivos por que a orquestra era excelente, era esse, além de bons músicos e que, em setembro já sabiam que iam tocar o carnaval e várias prévias. Isso tornava a orquestra imbatível.

A composição era a seguinte o primeiro alto era o Maestro Capitão João Lopes, o terceiro era Marcelo Vilôr, o segundo tenor era Geraldo e o quarto tenor era o Maestro Adelson Machado; não tínhamos barítono. Nos trompetes: Sobral,

Miro, Dílson e eu. Trombones: Deda, depois entrou Sandoval, Firmino, e outros que me falha no momento os nomes mas pertenciam a banda da polícia que nessa época estava afiadíssima; o Baterista era Glauco Nascimento e na percussão: Martins, Josa, Beleza, Márcia, Germana, Mambo Jambo, o menino do quartel que tocava pandeiro, o palhaço...Ramalho e Zé Moraes que foi o melhor surdista que eu já vi tocar, depois de Pedro Moco, lá de Itaporanga; Zé Moraes é do começo da Orquestra. Washington Espínola fazia a guitarra, Sergio Galo fazia o baixo (antes de Sérgio era Poty Lucena) e João Linhares, que tocou também, na Metalúrgica Filipéia; os cantores eram Meives, Jadir Camargo (às vezes Curió), e Maninho, Mônica também fez parte, no finalzinho.

Na Orquestra Vilô fui Diretor Musical, arranjador, ensaiador e trompetista. Em razão do meu envolvimento com Vilô eu percebi que tinha algumas pessoas, tanto da família de Vilô, como da Metalúrgica Filipéia que mereciam estar na Orquestra. Por exemplo, Marcelo Vilô que já tocava Barítono na Metalúrgica e estava surgindo como arranjador, e às vezes tocava surdo na Orquestra do pai, daí eu o coloquei pro saxofone. Chamei Márcia Vilô, a filha para tocar na percussão, a professora Germana Cunha e, percebi que ela tinha um filho, o Maninho, que poderia cantar as músicas modernas. Ai a gente fazia ensaios de naipes. O repertorio era organizado como o da Metalúrgica: A gente ia pra casa dele que era melhor porque além de ter cachaça da boa, tinha excelente tira-gosto; organizava o repertorio já deixando na ordem, fazia a caderneta dele com a numeração e os nomes das músicas mais não precisava nem mostrar, porque o repertorio já tava ensaiado na sequência, o que é fundamental em qualquer grupo.

Hoje os músicos não percebem uma coisa: Tem um bocado de bêbado que fica na frente do palco e inventam até aniversário, pros cantores falarem neles, mais esses bêbados num show de Roberto Carlos e outros grandes shows, não ficam pedindo músicas porque sabem que o repertorio está todo programado. Se eles pedem uma música que não está no repertorio, o grupo não toca. O maestro Severino Araújo fazia muito isso: Às vezes os fãs pediam uma música que estava lá no final do repertorio, ele só tocava no final. Não tinha esse negócio de está

escolhendo música nem querendo agradar aqueles bêbados que ficavam na frente, tinha que agradar com a qualidade e era isso que a gente fazia.

O que não podia faltar mesmo em Shows era o seguinte: era a época em que o frevo estava no auge; eu fazia alguns arranjos, o maestro Vilô conseguia outros com os maestros Duda e Guedes Peixoto e a gente comprava outros em Recife. O que não podia faltar era Frevo. Tinha muita música de Capiba, que estava fazendo muito sucesso, dos Irmãos Ferreira (Levino e Nelson), dos paraibanos Alcides Leão e Lourival Oliveira, além de vários outros compositores de Frevos daquela época. A gente colocou no repertório um bloco dos sucessos que iam surgindo como as músicas baianas que estavam começando a bombar, principalmente com Luiz Caldas, é Tinha um bloco de Samba que era capitaneado por Martins do pandeiro, que era, junto com Glauco Nascimento, quem organizava a percussão. A cantora Meives Gama, que também cantava na Metalúrgica, Era uma sumidade, dava vida às músicas, eu nunca vi igual.

Mas, os eventos foram diminuindo. Por incrível que pareça, ainda existem eventos pagos, inclusive eu passei quatro anos em Santa Luzia, de 2005 a 2008 e, que as mesmas pessoas que faziam uma confusão pra ir ver bandas de graça em festas de rua, eram as mesmas que juntavam dinheiro para ir para as festas pagas em Caicó. O que levou a acabarem os carnavais, primeiro foi a ganância de alguns prefeitos que, percebendo que festa de graça no meio da rua, eles ganhariam muito dinheiro superfaturando preços de algumas bandas. Pois bem: Quebram as prefeituras e os clubes, muitos prefeitos enricaram e, alguns presidentes de clubes, pensando que botando grupos de músicas modernas iam levar os jovens. Resultado nem levou os jovens e correram com os pais dos jovens que mantinham os clubes; então os grandes eventos se acabaram por isso. Mas ainda tem como resgatar; se criarem vergonha, dá pra fazer, é só exigir dos grupos contratados, o padrão de qualidade que existia antes.

O padrão de qualidade Vilô, por exemplo, apesar dele ser um cara meio rude que nem eu, sabia usar as palavras pra motivar seus músicos, às vezes a gente tocando, ele fazia uma coisa que eu talvez nunca tenha feito por falta de costume: Quando a Orquestra terminava uma música, ele aplaudia. Foi um

excelente motivador e outra coisa que a gente aprendeu com ele, foi à questão da manutenção do frevo de qualidade. A experiência para mim foi o grande aprendizado que tive com Vilô.



#### 4 FOTOAUBIOGRAFIA: Maestro Vilô em documentos

---

---

#### **4 FOTOAUBIOGRAFIA: Maestro Vilô em documentos**

Neste capítulo, buscamos traçar a memória do Maestro Vilô por meio dos recursos visuais, coletados em casa de familiares, amigos, recortes de jornais, homenagens etc. Um meio de atingir um dos pressupostos teóricos da Ciência da Informação que de acordo com Taylor (1963) consiste em coletar as informações, tratá-las e disponibilizá-las, associada ainda ao postulado teórico de Gomes (2004, p. 11) em que assegura:

As práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado “conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita, como é o caso dos diários, até a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem intenção de resultar em coleções”, neste caso especial, o conjunto de documentos recolhidos e identificados, se lidos e interpretados materializam a história do indivíduo, neste caso o conjunto de documentos que materializam a memória do Maestro e Vilô em suas muitas trajetórias, de pai, avô, boêmio, empresário, artista, enfim o ser em suas múltiplas faces. Para Gomes (2004, p. 13) “Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas”.



#### 4.1 Documentos Pessoais

---





Emittido em: 09/08/95  
VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

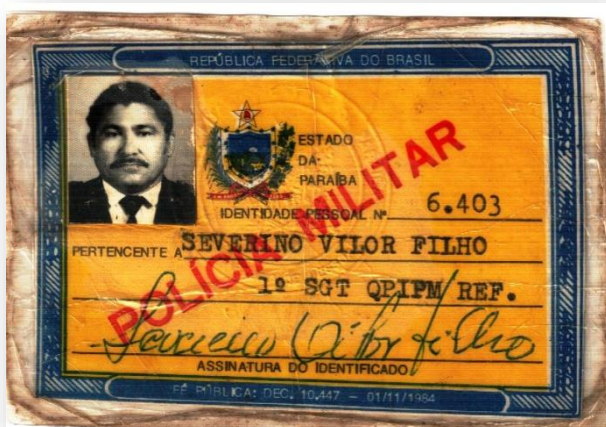
Assinatura: *Severino Vilor Filho*  
SEVERINO VILOR FILHO

Este documento é o comprovante de inscrição no CADASTRO DE PESSOAS FÍSICAS - CPF, válido e exigível por terceiros, salvo nos casos previstos na legislação vigente.

MINISTÉRIO DA FAZENDA  
Secretaria da Receita Federal

CPF - CADASTRO DE PESSOAS FÍSICAS  
Nome: *Severino Vilor Filho*  
SEVERINO VILOR FILHO

Nº de Inscrição: **059613514-91** Data de Nascimento: **06/01/33**



SEÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

PAI: **Severino Vilor de Araújo**  
MÃE: **Anália Freire Maracajá**

ALTURA	DATA: NASCIMENTO	REG. GERAL
1,62	06 Jan 33	6403
CUTIS	CABELOS	OLHOS
Mor	Cast	Cast
		V=4333
		V=4222

NATURALIDADE: **do Cariri-PB** RG: **0** RP: **POS**

LOCAL E DATA DE EMISSÃO: **João Pessoa, 07 Nov 94**

CHEFE DA SEÇÃO: *[Signature]*

FE PÚBLICA: DEC. 10,447 - 01/11/1984

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
ESTADO DA PARAIBA  
SERVIÇO REGISTRAL ALCÂNTARA BRITO

4.º REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS DA COMARCA DE JOÃO PESSOA  
Av. Cruz das Armas, n.º 499 - Cruz das Armas - João Pessoa - Paraíba - CEP 58085-000 - Telefax: (83) 242-8713  
Maria de Lourdes Alcântara Brito Wanderley (Titular)

**CERTIDÃO DE ÓBITO N.º 17.991**

CERTIFICO e dou fé que às folhas 30v, do livro C-19, de registros de óbitos arquivado neste Cartório, consta que foi lavrado no dia quatro de fevereiro de dois mil e nove, o registro de óbito de **SEVERINO VILOR FILHO**, do sexo masculino, com 76 anos militar reformado, solteiro, natural de São João do Cariri-PB, residente à Rua: Professor Miguel da Rocha Lima 259- Geisel, nesta Capital., filho de Severino Vilor de Araújo e de Anália Freire Maracajá, falecido no dia tres de fevereiro de dois mil e nove ( 03.02.2009), às 18 horas e 45 minutos, no Hospital UNIMED, nesta Capital, em consequência de Choque Cardiogênico. Infarto Agudo Miocárdio. Diabetes Mellitus. Infecção Pulmonar. Sepsis., segundo atestou Dra. Gerlane Maria S. de Farias CRM - 3675. O sepultamento foi realizado no Cemitério Parque das Acácias, nesta Capital. Foi declarante Marcelo Araujo Vilor - DO 12298268-4.

**OBSERVAÇÕES:** O falecido era casado religiosamente com WOLFREDA BEZERRA MATOS, aposentada. Deixou filhos. Vivia maritalmente com MARIA LUCIA COSTA DE OLIVEIRA, do lar. Não deixou filhos. O falecido deixou ainda dois filhos. Deixou bens. Não era eleitor..

João Pessoa, 4 de fevereiro de 2009.

*Simone Goreth Rufino Brandão*  
Oficial do Registro Civil  
Simone Goreth Rufino Brandão  
Escrivente Autorizada

4.º Cartório Registro Civil de Nascimento e Óbitos da Capital  
Maria de Lourdes Alcântara Brito Wanderley  
Oficial do 4.º Cartório Civil  
Av. Cruz das Armas, 499  
João Pessoa-PB Fone: (83) 3242-6713

FARPEN

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL. QUALQUER ADULTERAÇÃO OU RASURA INVALIDA ESTE DOCUMENTO

516313



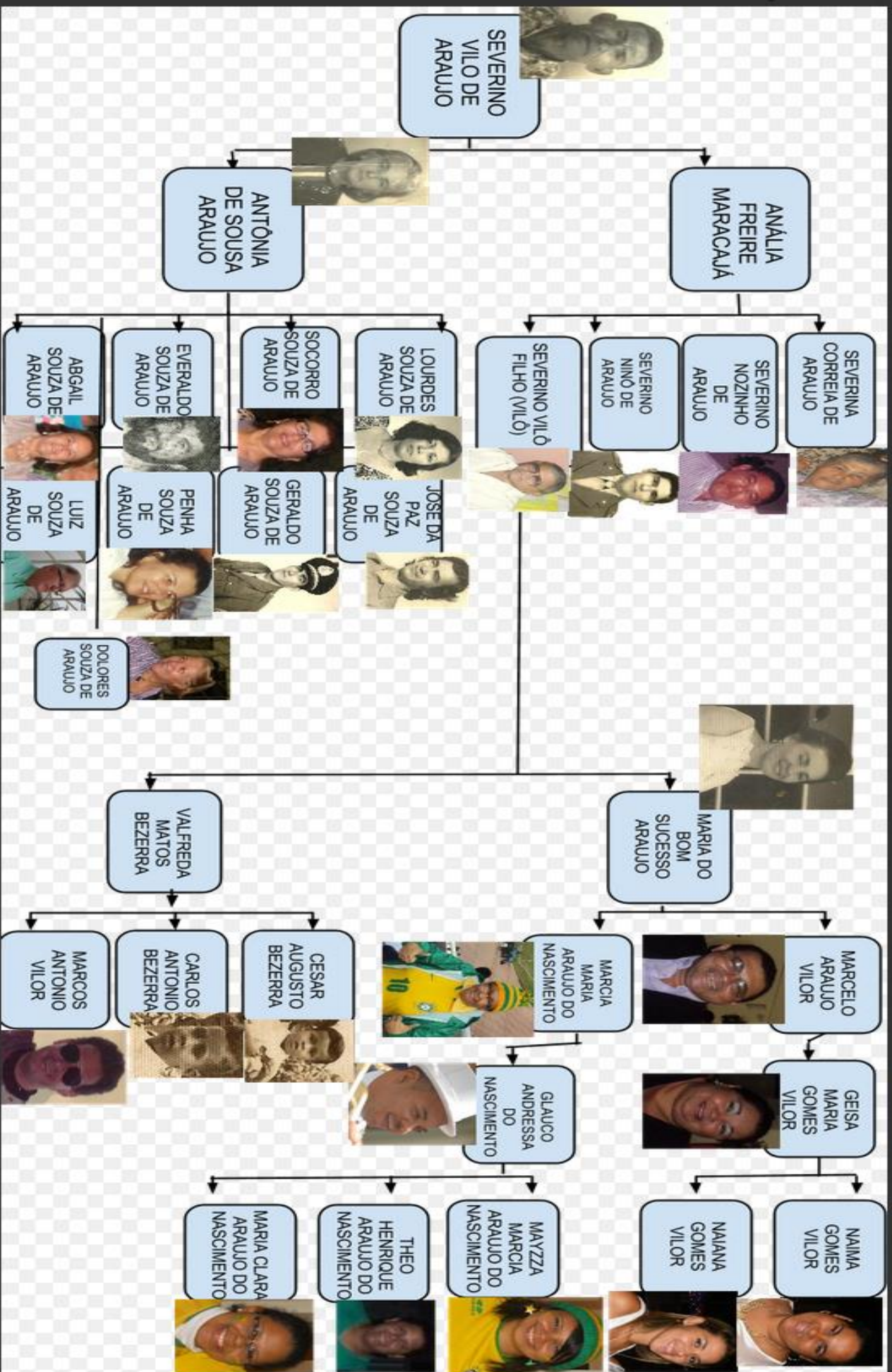




## 4.2 Fotos Familiares

---







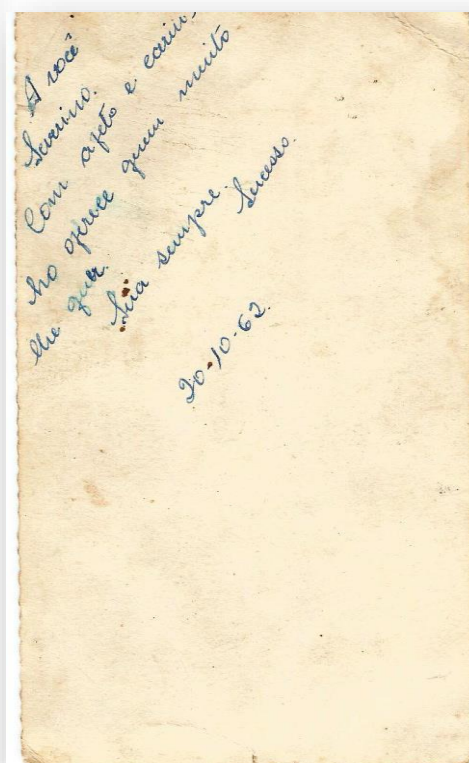


**Severino Vilô  
Filho aos cinco  
anos**



**Cezar Augusto Bezerra e  
Carlos Bezerra**

**Maria do Bom  
Sucesso, prima e  
segunda esposa  
do Maestro Vilô**





**Márcia Maria Araújo do  
Nascimento e Marcelo  
Araújo Vilor**



**Família do Maestro Vilô (da  
esquerda) Cesar Augusto  
Bezerra, Maria da Paz,  
Marcelo Araújo Vilor, Maria  
do Bom Sucesso Araújo,  
Márcia M<sup>a</sup> do Nascimento,  
Severino Vilô Filho, Marcos  
Antônio de Araújo**



**Aniversário de nove anos de Márcia**





**Geraldo Souza de  
Araújo Irmão da  
segunda família  
do Maestro Vilô**



**Festa Familiar (da esq) Sucesso, Vilô, Severino de  
Cristina (Cunhado) Severino Ninô de Araujo (Irmão)**



**Casamento de Marcos (Sobrinho) filho de Severino Ninô (da esq)  
Severino Ninô (Irmão), Marcos, Severino Vilô de Araújo (Pai)**





**Vilô na praia com Geraldo  
(Irmão) Lourdes  
(Cunhada)**

**Carnaval do Clube Astréa  
1974 Vilô, Sucesso e  
suas sobrinhas Fátima  
Mana e Anália (Filhas de  
Severina Correia de  
Araújo)**



**Sucesso com seus filhos  
Marcelo e Márcia  
fantasiados na matine do  
Clube Cabo Branco**



**Marcelo, Erick Vilô (Filho de Marcos Antônio), Vilô, Mayzza Márcia Araújo do Nascimento (Filha de Marcia) e Olivete (Namorada de Vilô)**



**Olivete e Vilô**



**Vilô, Fátima Mana (Sobrinha), Severina (Irmã mais velha)**



**Geisa (Esposa de Marcelo), Marcelo, Sucesso, Márcia no Carnaval do Clube Cabo Branco de**





**Naíma Vilôr (Filha de Marcelo)  
na Matinê do Clube Cabo  
Branco 1991. (Abaixo) Elis  
Regina (Filha de Mambo  
Percussionista da  
Orquestra), Naíma, e Mayzza**

**(Acima) Marcelo Vilor, Naíma Vilôr, e  
Geisa. (Ao Lado) Mayzza e Naíma  
Matine de Carnaval Clube Cabo  
Branco de 1993.**







**Vilô e sua neta Naíma**



**Vilô, Márcia, Théo  
Henrique, ao fundo Mayzza**



**Vilô, Marcelo e Naiana (Filha de Marcelo)**



**Vilô e Marcos Antônio  
(filho).**



**Vilô e seu amigo  
Fofinho**





**Vilô aos 77 anos**





#### 4.3 Fotos da Orquestra

---



**A Perigosa  
década de 60**



**Década de 60, Clube Independente II.**



**Bandinha do  
Patropi 1970**

**Carnaval de 1975**







**Maestro Vilô e sua  
Orquestra Baile do  
Vermelho e Branco  
Esporte Clube Cabo  
Branco 1977**







**Maestro Vilô e sua Orquestra  
Carnaval Esporte Clube Cabo  
Branco 1981**







**Maestro Vilô e sua  
Carnaval Esporte Clube  
Cabo Branco 1981**





**Maestro Vilô e sua  
Orquestra Esporte Clube  
Cabo Branco Carnaval  
1983**



VILÔ E SUA ORQUESTRA - CARNAVAL DE 1983  
Foto: Osmar Foto BLOW UP - Local: Boate do ECEB  
Componentes: da esquerda p/ a direita:  
Expedito/Aderaldo (Deda)/Firmiano: Trombones  
Nivaldo: Trombone Baixo  
Maestro Vilô  
Ermani/Sobral/Sotero/Dilson: Trompetes  
Bia: Barítono  
João Lopes/José: Altos  
Jurandir/Adelson: Tenores  
Fulgêncio: Pandeiro e surdo  
Travunquinha: Caixa  
Marcelo Vilô: Surdo  
Moraes: Surdo  
Valter: Caixa





**Naípe de Metais  
Orquestra do Maestro  
Vilô Carnaval Esporte  
Clube Cabo Branco  
1984**



**Verde e Banco no  
Jangada Clube 1987**



**Carnaval Clube dos  
Oficiais da Polícia  
Militar 1987**



**Meives Gama, Naíma  
Vilôr, e Marcelo Vilor,  
Carnaval Esporte Clube  
Cabo Branco 1991**







**Maestro Vilô e Sua  
Orquestra Esporte  
Clube Cabo Branco  
Carnaval de 1994**







**Maestro Vilô a frente de  
sua Orquestra Carnaval  
Esporte Clube Cabo  
Branco 1993**



**Orquestra dos Maestro Vilô (sob  
regência de Marcelo Vilor)  
Carnaval Esporte Clube Cabo  
Branco 1996**





**Moacir Godssera, Zélia Gonzaga, Maestro Vilô, Germana Cunha, Geisa Vilôr 1996**

**Orquestra do Maestro Vilô Carnaval Esporte Clube Cabo Branco 1998**



**Grupo Amigos da Radio Nacional 1993**





(Da esq) Sergio Gallo, Vilô,  
Marcelo Vilor, Letinho,  
Mambo, Glauco  
Confraternização da  
orquestra após o carnaval  
1993 (Abaixo) Vilô e Mônica  
Melo



Envelope do pagamento  
feito ao músico Dilson  
Meneses no carnaval do  
Folia de Rua de 1998





## 4.5 Discografias

---





**Livardo Alves e  
Orquestra do Maestro  
Vilô no Compacto  
Carnaval As melhores de  
76 - 1976**

O motivo principal que levou o jornalista Gilvan de Brito a escolher para seu parceiro Livardo Alves não foi somente em função do sucesso alcançado pelo cantor e compositor em vários carnavais, mas principalmente pela amizade que os une há muito tempo, desde a meninice nos bairros da Torre e Jaguaribe.

O cantor e compositor Livardo Alves, já teve oportunidade de surgir nas paradas nacionais e nordestinas com várias composições carnavalescas, e gravou entre outras, "Eu Dou Mil", "Reminiscências de Ciraulo", "Cidade Jardim", e a polêmica "Marcha da Cueca", que mobilizou os tribunais de São Paulo através do advogado Danilo Rocha, do SDDA, para provar a sua autoria depois que foi gravada por Celso Teixeira, levada da Paraíba por pessoas que a ouviram.

O jornalista Gilvan de Brito foi o vencedor do Festival da Música Popular Brasileira promovido pela Fundação Cultural Manoel Bandeira, em parceria com Carlos Aranha, com a música "Caminhante", e teve ainda a iniciativa de promover o I Festival Nacional de Vanguarda, uma das mais ousadas iniciativas musicais da Paraíba em 1973.

Sempre responsável pela letra das composições, Gilvan de Brito tem ainda cerca de 40 músicas em diversas parcerias, que incluem Livardo Alves, Carlos Aranha, Cleodato Porto, Pedro Osmar e Ysiplá Pinto, mas todas ainda continuam inéditas por falta de condições para sua edição. Este compacto, no entanto, se constitui numa grande abertura que poderá proporcionar o seguimento de outras gravações. Mas para que isso aconteça, será necessário o apoio de todos a fim de que o trabalho desses paraibanos possa ser levado a todo o País.

As músicas foram gravadas com a orquestra do maestro Vilor, uma das melhores do Nordeste, e a melhor de 1974 e 75, nos bailes do Esporte Clube Cabo Branco e Astrea, e que este ano voltará ao C. Branco.

O trabalho dos compositores neste compacto, se não chega a fugir do convencional, porque procura atingir um público carnavalesco que já tem opinião formada sobre as músicas dessa época, pelo menos se constitui numa tentativa de reunir o que há de melhor, apresentando além das situações jocosas criadas para os festejos de momo, ou explorando temas sociais e atuais, como por exemplo na "Marcha da Lavadeira". Acredito no disco e muito mais nos compositores.

CLAUDIONOR GERMANO

**FACE A:**

**O COMILÃO (MARCHA)**  
Livardo Alves (música)  
Gilvan de Brito (letra)  
(Canta Livardo)

Eu sou muito guloso  
Eu sou um guloso  
meu prato de comida  
é um comidão (bis)  
um tantinho assim  
eu não quero não  
traga pra mim  
um comidão

**BANHO DE BICA (MARCHA)**  
Livardo Alves (música)  
Gilvan de Brito (letra)  
(Canta Livardo)

Tá caindo água na bica  
tá caindo água na bica  
me larga  
que eu vou me molhar  
tá caindo água na bica  
tá caindo água na bica  
banho de bica  
eu quero tomar

Banho de bica  
é coisa diferente  
que enche de prazer a gente  
por isso amor  
não perca tempo  
venha tomar  
um bom banho de bica

**VIDA BOA (MARCHA)**  
Livardo Alves (música)  
Gilvan de Brito (letra)  
(Canta Livardo)

Ai, ai, ai,  
essa vida é um colosso  
o que sobra na girafa  
tá faltando em meu pescoço  
ai, ai, ai,  
essa vida é um colosso  
o que sobra num onassis  
tá faltando no meu bolso  
tá faltando no meu bolso  
tá sorando em mim  
saúde e mulher  
que seja assim  
até quando Deus quiser

**FACE B:**

**O BOBO DA CORTE (MARCHA)**  
Livardo Alves (música)  
Gilvan de Brito (letra)  
(Canta Livardo)

Meu reinado  
anda mal  
meu reinado  
é um fracasso  
sem dinheiro sem palhaço  
que não tem pró carnaval  
a condessa  
me jogou no abandono  
por isso eu vou me embriagar  
conde bêbado não tem dono  
hoje bebo até o sol raiar

**MARCHA DA LAVADEIRA**  
Livardo Alves (música)  
Gilvan de Brito (letra)  
(Canta Livardo)  
Lavadeira,  
lava, lava  
a sujeira do patrão  
lavadeira,  
lava, lava  
com muita água e sabão

O patrão não gapa bem  
a lavadeira passa mal  
mesa hoje, a coisa é diferente  
ela largou a trouxa  
e caiu no carnaval  
lava, lava, lava,  
lava lavadeira  
quanto mais esfrega  
mais aumenta a sujeira



Discos

Polígono

Fabricado pela



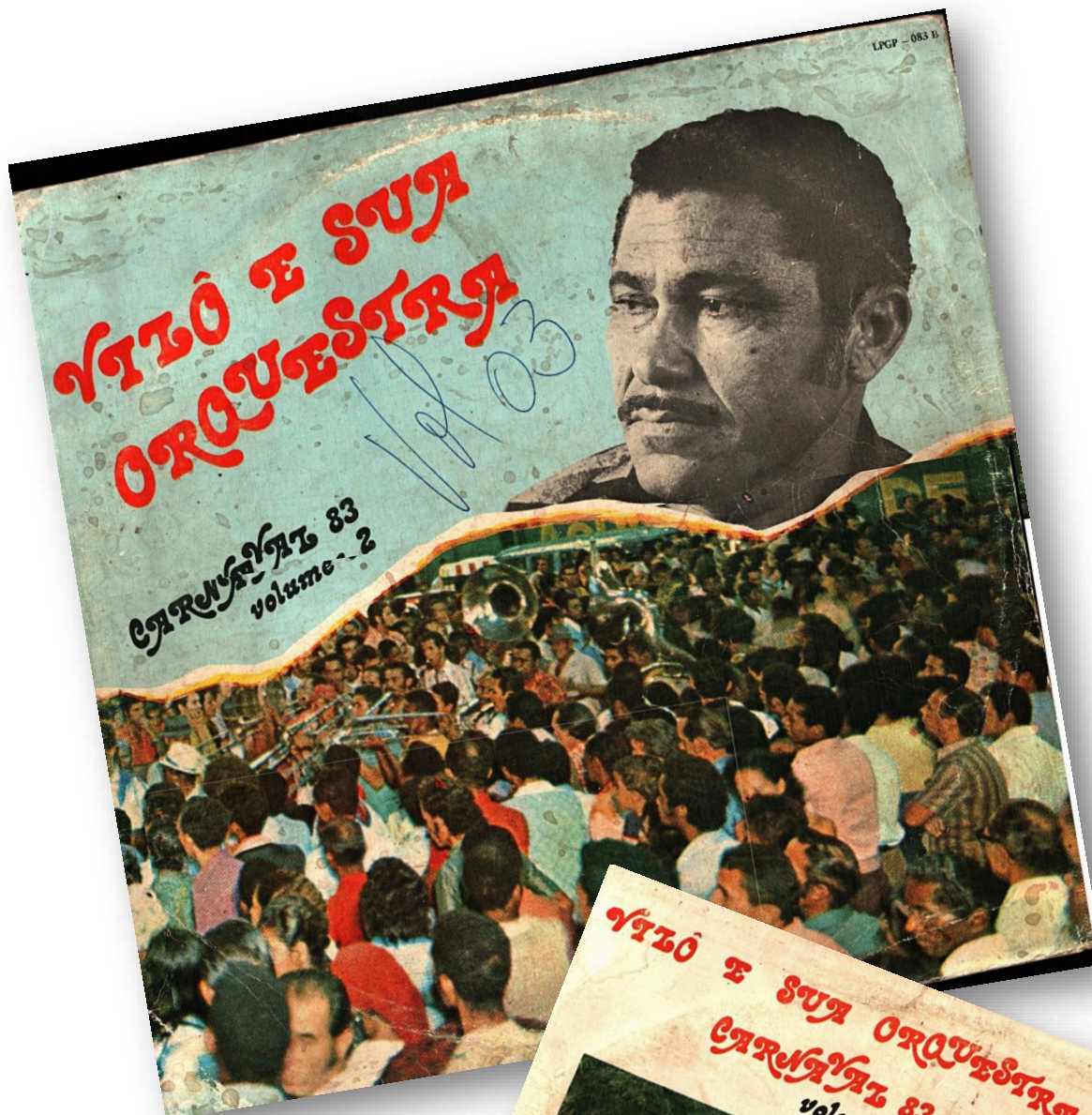
C.G.C. 10.823.003/0001 - 89

Capa: Parque Gráfico Rozenblit







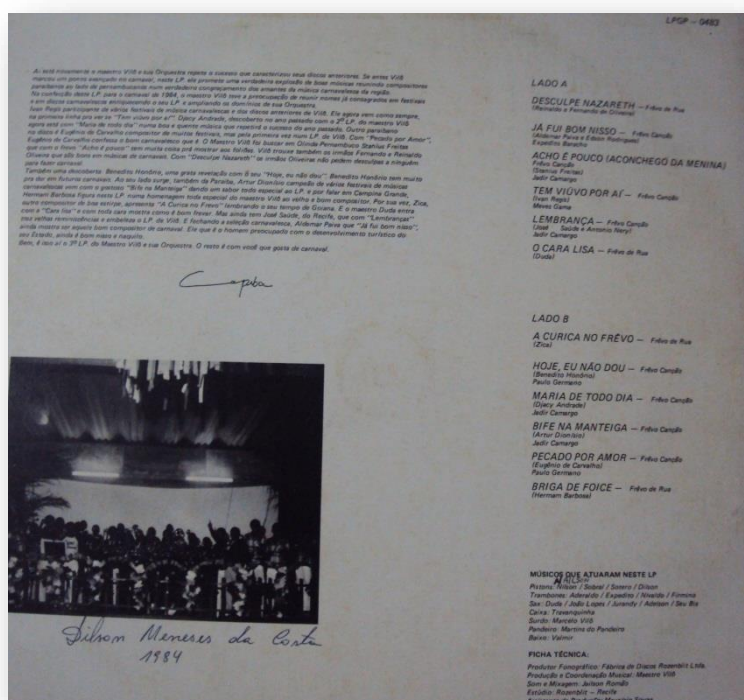


2º Disco Vilô e sua Orquestra Paraíba no Frevo vol.1 ano 1983





**3º Disco Vilô e  
sua Orquestra  
Fazem o Carnaval  
vol.3 ano 1984**





**ento Honório) e Mea  
ne Torráo(Genival  
lo)**

Ninguém melhor do que o maestro Vilô para representar o autêntico carnaval paraibano. Neste LP, a festa do povo fica muito mais completa. É a presença de Vilô, com suas notas coloridas e a magia fantástica do seu ritmo tropical. Este ano, enriquecido pelas celebrações do IV Centenário da Paraíba, as cores de Vilô ficam mais brilhantes ainda. É o sentimento religioso que vibra em cada um desses acordes que arredam a alma paraibana.

A orquestra que comandará a paraibana executora de meras partituras. É vida, vida que há em tão poucos arcos que transpõem a paraibana. Uma caixa de iludidos coloridos ao gosto do povo. Neste disco que enche os olhos, as ruas e as praças, nessa maravilha de festa popular.

Uma máquina de fazer alegria. Uma caixa de iludidos coloridos ao gosto do povo. Neste disco que enche os olhos, as ruas e as praças, nessa maravilha de festa popular.

Insuspeito, o maestro Vilô recria o sucesso do sucesso do povo. Neste disco que enche os olhos, as ruas e as praças, nessa maravilha de festa popular.

O patrimônio melódico da Paraíba. Que, além do título, traz o brilho e a emoção de outras obras musicais expressivas, sempre no mesmo estilo exultante que todos já conhecem. Em poucas palavras, para quem gosta de carnaval, não basta.

orquestra de Vilô, o carnaval ganha os caminhos da alma. É o melhor carnaval.

*Luiz Augusto Chagas*  
Luiz Augusto Chagas

**LADO A**  
PARAIBA-400 ANOS - Frevo  
(Benedito Honório) - Frevo  
(Benedito Honório) - Frevo  
**PREVO DA MEIA NOITE** - Frevo de Rua  
(Carnaval)  
PATRICIA NO FREVO - Frevo de Rua  
(Adelino Machado)  
**FREVOICA** - Frevo de Rua  
(Gleide Pasinato)  
**CLARINETE ALEGRE** - Frevo Canção  
(Zito)  
**CLARINETE MINHA NEGA** - Frevo Canção  
(Djey Andrade)  
**FREIRA** - Frevo Canção  
(Interprete: Elias D'Ángelo)

**LADO B**  
**CIGANA MENTIROSA SAUDADE DE PERNAMBUCO**  
**CASADO NÃO PODE** - Samba  
(Interprete: Paulo Germano)  
**MEU SUBLIME** - Frevo de Rua  
(Benedito Honório) - Frevo de Rua  
(Interprete: Adalberto)  
**A TABAARA NO FREVO** - Frevo de Rua  
(Benedito Honório) - Frevo de Rua  
**HINO AO JANGADA CLUBE** - Frevo de Rua  
(Benedito Honório) - Frevo de Rua  
**MARQUINHOS NO FREVO** - Samba  
(Interprete: Fátima de Azeite)  
**DESFILE DAS FLORES** - Frevo de Rua  
(Duda)  
**A SBOEIRA NO FREVO** - Frevo de Rua  
(Djey Andrade)  
(Interprete: Paulo Germano)  
(Zito)

**MÚSICAS QUE ATUARAM NESTA GRAVAÇÃO**  
Sax Alto: Duascentos  
Sax Tenor: Juremy / Adeilson  
Sax Barítono: Juremy / Adeilson  
Trombone: Chiquito / Roberto / Roberto / Roberto  
Trompete: Adalberto (Dede Cezar) / Firmino / Bernardo / Nivaldo  
Bateria: Juremy / Adeilson  
Percussão: Bateria / Marimista: Zito • Cavaleiro: Jacaré

**PARTICIPANTES ESPECIAIS**  
Sax Soprano: Duda • Clarinetista: Zito • Cavaleiro: Jacaré

**FICHA TÉCNICA**  
Produto Musical: Maestro Vilô  
Assistente de Produção: Beto / Benedito Honório  
Estúdio: SONAR Produções e Gravações Ltda.  
Arranjo: Maestro Vilô  
Assistente de Regência: Maqui / Maestro Duda  
Coral: Iteva Sam / Mello Rios / Ricardo e Jelson Rêgo  
Coral de Contrabaixo: Gato / Coral / Maestro Vilô  
Mistagem e Contrabaixo: Gato / Coral / Maestro Vilô  
Cape: Vilô / UNIAO Dia B / Coral / Maestro Vilô  
Impressão: Gravadora Centrocontinental - Rio de Janeiro  
Fotografia: Gravadora Centrocontinental

SECRETARIA  
DA EDUCAÇÃO E CULTURA



**5º Disco FreVilô vol.2 ano 1985 tem como Organizador o Maestro Guedes Peixoto e em seu Repertorio as músicas Hino do Santa Cruz de Santa Rita (Sebastião Machado), Cidade verde e Garota de Manaíra (Benedito Honório)**



**A COR DO FREVO**

Se música tivesse cor, a produzida pelo Maestro Vilô seria verde como os carnavais do Nordeste, e como as verdes pastagens que, em épocas invernosas, cobrem os campos sertanejos, renovando a persistente esperança que dá força e vigor ao homem nordestino. Não que Vilô e a sua música sejam apenas promessa de realização. Ao contrário! A sua arte está tão integrada na nossa paisagem estética que chega a confundir-se com a geografia física e humana da região, traduzindo, em sons e ritmos, desde a existência da terra as inclemências da natureza até as alegres reverberações dos hinos entoados à farsura.

O frevo é a melhor expressão da musicalidade rítmica do Nordeste, e Vilô o seu intérprete privilegiado em terras paraibanas. O ritmo frenético da nossa dança mais típica encontra no som da Orquestra do Maestro Vilô a marcação precisa para os passos e movimentos de uma coreografia espontânea e intuitiva, renovada a cada instante pela exuberante criatividade do povo em seus encontros festivos.

Com um repertório cuidadosamente selecionado, Vilô vem divulgando a obra de compositores conterrâneos, como Djacir Andrade, Benedito Honório, entre outros, numa persistente e animadora política de abertura de espaços para os nossos bons valores.

Os carnavais paraibanos são sempre mais paraibanos pela universalidade da música do Maestro Vilô e sua Orquestra de Frevos.

Raimundo Nonato Batista

*Sebastião M. Costa 1986*

---

**LADO A    LADO B**

**MEXENDO-SE** — Frevo de Rua (Geraldo Medeiros)

**PELAS RUAS DO BRASIL** — Frevo-Canção (Ivandro Alves)  
Int.: Marcos Vilô (Maninho)

**GAROTA DE MANAÍRA** — Frevo-Canção (Benedito Honório)  
Int.: Jadir Camargo

**TANCREDO NEVES** — Marcha-Rancho (Gervásio Macedo)  
Int.: Marcos Milanez

**CIDADE VERDE** — Frevo-Canção (Benedito Honório)  
Int.: Múrias Gama

**AO SAUDOSO LEVINO FERREIRA** — Frevo de Rua (Zcaí)

**SAUDADE DE UM CARNAVAL** — Frevo-Canção (Sebastião Machado (Bá))  
Int.: Jadir Camargo

**MARCIA NO FREVO** — Frevo de Rua (Adelson Machado)

**UMA ROSA PARA VOCÊ** — Frevo-Canção (Ivan Rêgo)  
Int.: Jadir Camargo

**PORTA BANDEIRA** — Samba (Djacy Andrade)  
Int.: Jadir Camargo

**LOUCA PAIXÃO** — Frevo-Canção (Sebastião Machado (Bá))  
Int.: Jadir Camargo

**SONHO DE UM CARNAVAL** — Marcha-Rancho (Djacy Andrade)  
Int.: Marcos Milanez

**HINO DO S<sup>o</sup> CRUZ DE S<sup>a</sup> RITA** — Frevo-Canção (Sebastião Machado (Bá))  
Int.: Paulo Germano

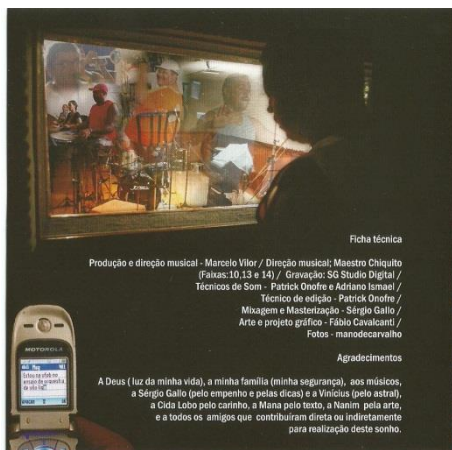
**MÚSICOS QUE ATUARAM NA GRAVAÇÃO DESTA LP**

TRUMPETES — Nelson, Dixon, Miro e Solari  
TROMBONES — Sandival, Hamilton, Bernardo e Paulinho  
SAXALTO — Amury, João Lopes  
SAX TENOR — Chico Lopes, Adelson Machado  
SAX-BARITONO — Marcelo Vitor  
PERCUSSÃO — Cláudio, Francisco, Moraes, Rosenbello e Martins do Pavão  
TUBA — Vagner • CORAL — Múrias Gama

**FICHA TÉCNICA**

PRODUÇÃO E COORDENAÇÃO — Maestro Vilô  
SOM E MIXAGEM — Jansen Pimenta  
ESTÚDIO — CORAL PAULISTA  
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO — Jadir Camargo  
ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO — Benedito Honório  
ARRANJOS E REGÊNCIA — Maestro Duda  
PRENSAGEM — GRAVADORA CONTINENTAL — Rio de Janeiro  
IMPRESSÃO — A UNIAO • FOTO BROWN LP  
CAPA — Neudmilson Ribeiro





## Ficha técnica

Produção e direção musical - Marcelo Vilor / Direção musical: Maestro Chiquito (Faixas 10, 13 e 14) / Gravação: SG Studio Digital / Técnicos de Som - Patrick Onofre e Adriano Iamuel / Técnico de edição - Patrick Onofre / Mixagem e Masterização - Sérgio Gallo / Arte e projeto gráfico - Fábio Cavalcanti / Fotos - mandacaruinho

## Agradecimentos

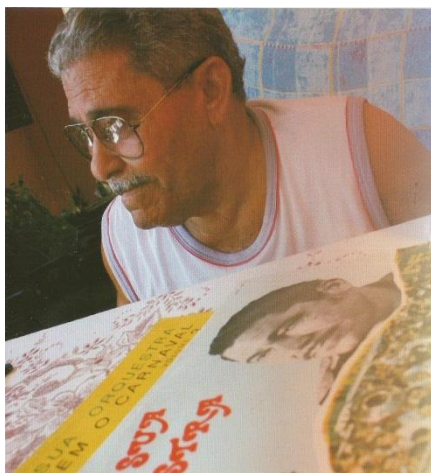
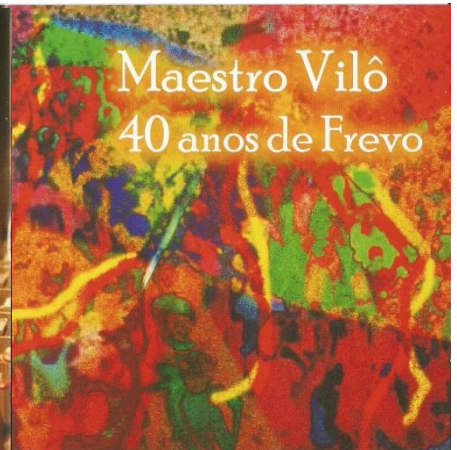
A Deus (luz da minha vida), a minha família (minha segurança), aos músicos, a Sérgio Gallo (pelo empenho e pelas dicas) e a Vinícius (pelo astral), a Cida Lobo pelo carinho, a Mana pelo texto, a Nani, pela arte, e a todos os amigos que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste sonho.

Sem pressa, mas com os passos da resistência, chega Vilô de alma leve e cheio de euforia, e apresentar os momentos dos amigos e saudades camuflado com a primeira CD de uma estrada de 40 anos de Frevo. Cais que está trabalhando para fortalecer este momento em que parte de uma caminhada na estrada popular de se registrar dos atos, os costumes, costumes, costumes, que tem o barulho e os costumes do passado. "40 anos de Frevo" é uma coisa completa do que se quer desde o tempo calhamaio das marchinhas marchinhas, numa complicitade gestos, que vão realismo o furo e perseverança deste maestro paraibano, que nunca hesitou de quem um ano, soube como requebrar, deslizar e insinuar nos ritmos do tempo marcado por ritmos. Há batidas e agressivas a sensibilidade da nossa cultura. Com o tradicional "Vassourinhas" e o hero "Clarinete Alegre" Vilô relembra com saudade das canções de dadas, que por anos lidaram na Paraíba e estados vizinhos, com sua famosa "Orquestra da Vila". O músico Transvolante foi homenageado e a composição "Filhos da Alegria" dos novos tempos, Vilô soude e cidade do João Pessoa com a faixa "Folia de Rua", do mesmo estilo. Um destaque para a versatilidade do Vilô, Marcelo Vilô, que desliza os ritmos, com o seu saxofone no fado de sua autoria, o inédito "Coco é seco" que é um diálogo entre Maria e Patrícia e a adaptação dos instrumentos. Passaram muitos lanchinhos, como o pernambucano João Delfino, com o Frevo "Sarrá", Arthur Silva, homenageando o Varedouro e Benedito Honório que resgata trabalhos dos quatro LPs gravados antes pela Orquestra do Vilô. O Maestro confessou que sempre torce nos seus grandes eventos, mas é na temporada da música que Vilô, sem medo de errar, que Vilô de novo levanta o Vilô de novo e nos seus primeiros passos, ainda bebê, e em uma noite um belo acorde de "Folia de Rua", inovando a geração dos seus velhos de Paraíba. O resultado, por nos ter apresentado em um "40 anos de Frevo", sua memória é inculcada para nós.

40 ANOS FREVANDO



Fotografia: Marcelo Vilor - Jornalista



**01-Vassourinhas** (Joana Batista e Matheus do Rêgo)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Solo Requinta: Teinha / Solo Sax: Roberto e Sopro: Cristiana / Solo Trombone: Antonio / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**02-Clarinete Alegre** (Zito)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Solo Clarinete: Teinha / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**03-Folia de Rua** (Zito)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: João Camargo / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**04-Vilô e sua Orquestra** (João)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

/Pandeiro: Márcio Nascimento.

**05-Passo sem Passo** (Bambinha)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: Neuma Vilor / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**06-Velho Travanca** (Marcelo Vilor)  
Solo Trombone: Antonio / Solo Sax-Tenor: Junior Dado / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**07-Frêvêla** (Maninho Gato)  
Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: Cristiana / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento / Backing vocal: Sandoval, Neuma Vilor e Cristiana.

**08-Sarrá** (Zito: Delfino do Nascimento)  
Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

## 09-Seleção de Benedito Honório

E Viva o Frevo / Cidade Verde / Garota de Maninha

Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: João Camargo / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento / Backing vocal: Sandoval, Neuma Vilor e João.

## 10-Carnaval de Livardo (João Alves)

Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: João Camargo e João / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento / Backing vocal: Sandoval, Neuma Vilor e João.

## 11-O coco é seco (Marcelo Vilor)

Solo Sax-Alto: Cristiana / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

## 12-Coisas do Frevo e Filhos da Alegria (Ricardo Fábulo)

Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: Ricardo Fábulo / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

## 13-Varadouro (Jettur Silva)

Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: João Camargo / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento / Backing vocal: Sandoval, Neuma Vilor e João.

## 14-Velho Carnaval (Marcelo Vilor)

Arranjo: Marcelo Vilor / Interprete: João Camargo / Sax-Alto: Teinha e Marcelo Vilor / Sax-Tenor: Junior Dado e Rivaldo Dias / Sax-Baritone: Cristiana / Trombones: Sandoval, Cabelo, Antônio e Barão / Trompetes: Raulson, Artur e Denilson / Guitarras: Leo Maia / C-Baixo: Sérgio Gallo / Bateria: Glauco Andrezza / Surdo: Germano Cunha / Pandeiro: Márcio Nascimento.

**Cd Maestro Vilô 40 anos de Frevo com Direção Musical de Marcelo Vilô - 2007**





---

#### 4.6 Homenagens e Jornais

---





CD do Projeto Folia de Rua  
 em homenagem ao Maestro  
 Vilô - 2000





# FOLIA DE RUA

## COMENDA

### "AMIGOS DO FOLIA DE RUA"

A Associação do Folia de Rua tem a honra, de conferir ao **MAESTRO VILÔ**, o Título de "AMIGO DO FOLIA", por sua contribuição indispensável à história do Carnaval de João Pessoa.

João Pessoa, 11 de fevereiro de 2000

**WALTER SANTOS**  
Presidente

Comenda Amigos do  
Folia se Rua - 2000



**Homenagem na Câmara dos Deputados  
Dep. Fernando do Grotão Título de  
Cidadão Pessoaense - 2004**





O NORTE

Coluna da imprensa local  
João Pessoa/PB - Quinta-feira, 18 de março de 2004

## Com uma contribuição das mais importantes para a música da Paraíba, Severino Vilô Filho, natural de Serra Branca, ganha *cidadania pessoense*

O maestro Severino Vilô Filho receberá hoje, no plenário Senador Humberto Lucena, na Câmara Municipal, às 17 horas, o título de Cidadão Pessoaense, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à cidade de João Pessoa. A propositura foi indicada pelo vereador Fernando do Grotão.

O Maestro Severino Vilô Filho, 71, nasceu na cidade de Serra Branca, mas reside em João Pessoa desde os 24 anos de idade, período em que veio trabalhar na área comercial. Severino é filho do maestro Vilô. O frevo entrou na sua vida por incentivo dos colegas de trabalho, em 1958, quando trocou o balcão da loja que trabalhava pela música e ingressou na banda da Polícia Militar, como trompetista. Em seguida, foi convidado para integrar a Orquestra Tabajara de Frevo do Estado da Paraíba.

Com o tempo passou a criar sua própria orquestra, inicialmente a Tuipi de Frevos, que animou durante vários anos os principais carnavais de clube da capital. A sua orquestra animou por

Astrá, em Tambiá, e o carnaval do Esporte Clube Cabo Branco, em Miramar, lugar onde fez mais de 20 carnavais. Foi quando passou a se chamar "Vilô e sua Orquestra".

telefone Severino contou que foi parceiro de grandes orquestras de frevo, a exemplo da orquestra de Severino Araújo, do Maestro Cipó, Guedes Peixoto e Nelson Ferreira, de Pernambuco. "Estou

### CARNAVAL

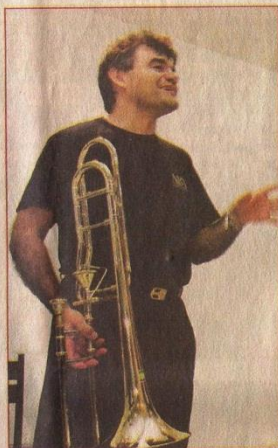
*O Maestro Vilô, como ficou bastante conhecido, teve uma atuação imprescindível com a sua brilhante Orquestra nos carnavais de clube da Paraíba. Era strônimo de grandes bailes*

do e em receber a homenagem", disse o maestro que chega aos 36 anos de carreira e apenas agora recebe o reconhecimento por seus serviços prestados à cultura.

Conhecedor da música e dos instrumentos de sopro ele diz na sua época os carnavais de clube eram mais valorizados e os dois

e Cabo Branco) brigavam pela Orquestra do Maestro Vilô. "Os clubes começavam anunciar suas atrações com seis meses de antecedência", disse. Severino Vilô Filho é casado duas vezes, tem seis filhos, os quais três, Marcos, Márcia e Marcelo Vilô estão seguindo o caminho do pai. - o último, inclusive, com o afastamento do pai por motivos de saúde - é hoje regente da Orquestra de Vilô, tida como símbolo da resistência ao frevo paraibano, característica que elevou o Maestro Vilô a condição de "homenageado especial" da Prêvia Carnavalesca Folia de Rua/2000. O maestro Vilô, como é mais conhecido, é irmão do também maestro Nin (in memória), do saxofonista Geraldo Araújo e tio do regente Roberto

## Músicos e carnavalescos falam da importância de Vilô



GERAÇÕES - Rade Gundis Feitosa e Vital Farias: admiração supra-estilística

O músico Vital Farias diz que a homenagem que fazem agora ao maestro Vilô, apesar de tardia, é muito pertinente. Ele comentou que nunca foi um brincante do carnaval, mas sempre foi um observador. "O carnaval é um pouco de desobediência civil e as orquestras de frevo é o que de melhor acontece na época do carnaval", contou. Vital revela que a família do maestro ainda chega a ser parente da sua. "Esse pessoal

escrever alguns arranjos para a orquestra de Vilô e deu algumas "canjas" nos bailes onde a orquestra dele se apresentava, mas nunca chegou a tocar na orquestra como músico oficial. "Na época em que a orquestra dele fazia sucesso nos bailes daqui eu tocava com o maestro Duda", esclareceu Rade Gundis um dos melhores trombonistas do Estado.

O carnavalesco, Marconi Serpa, que encampa as eleições para a presidência do projeto Folia Rua (evento carnavalesco da cidade), diz que Vilô é uma pessoa que merece destaque durante todo ano por sua força e resistência. Marconi lembra que quando o projeto Folia de Rua começou a tomar uma proporção maior na cidade, a diretoria do bloco Muriçoas do Miramar começou a fazer o resgate das orquestras de frevo e a do maestro Vilô foi a primeira a ser lembrada pelos dirigentes para animar o palco central montado todos os anos na praça das Muriçoas, em Miramar.

O também carnavalesco Roberto Zaccara comenta que brincou e dançou muito ao som da orquestra do maestro Vilô no Clube Cabo Branco por vários anos. "Como também a orquestra do maestro Cipó. Era a melhor coisa que existia no meu tempo", disse.

### INCENTIVO

*Além das "aulas práticas" que dava em cima do palco, Vilô sempre teve uma palavra guardada para estimular os músicos mais jovens, alertando para a importância da disciplina*

que veio do Cariri paraibano são pessoas de muita força e qualidade musical", acrescentou.

O trombonista e professor do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (Demús/UFPB), Rade Gundis Nunes, comentou que o maestro Vilô merece muito a homenagem por ter sido uma pessoa que contribuiu bastante para a preservação da nossa cultura. Ele conta que chegou a

Um bar...eletrizante  
Bebidas geladas e quentes,  
peixes, carnes, frangos e frutos do mar  
com um requinte regional.



Rua Arthur Monteiro de Paiva - Praia da Bessa





**Homenagem como símbolo da cultura  
Pessoense 2006**



**Homenagem do povo de Itambé 2009**





**Maestro Vilô foi Homenageado pelo bloco Carnavalesco Violando a Madrugada 2009**

JORNAL DA PARAIBA

PARAIBA, QUARTA-FEIRA, 27 DE MAIO DE 2009

# Vida & Arte



Em produção 'doc' registra os 30 anos de carreira do músico Paulo Rô

2ª Página

## Lembrando os carnavais de Vilô

Um tributo ao maestro que animou dezenas de folias pessoenses começa hoje no Sesc, com seminário, lançamento de vídeo e CD e apresentações musicais

de RENATO FILHO

Maestro Vilô é um dos personagens da Paraíba que melhor representa aqueles quatro dias, geralmente em fevereiro, em que milhares de brasileiros correm na busca. Natural, então, que um evento em homenagem a ele inclua um seminário sobre o Carnaval pessoense. Um tributo ao maestro começa hoje no Sesc Centro, em João Pessoa, às 19h, com um debate. Mas um momento especial acontece na abertura: o lançamento do documentário Vilô de Adilson Leite, e do CD Maestro Vilô - Quarenta Anos de Folia, de 196.

"Ele foi um grande exemplo de dignidade dentro e fora das palcos", conta o cantor e compositor Adilson Vieira, também produtor do vídeo. "Ele tinha respeito com a música e com os

compositores e, no palco, mostrava humildade de sua orquestra". Adilson Leite, que, além de dirigir editou o doc, se impressionou durante o trabalho. "Conhecia algumas pessoas que tocavam foleto, mas com uma figura como Vilô, pude conhecer a que o foleto faz com as pessoas", disse.

Não toda a vida do maestro foi dedicada ao Carnaval. O diretor procurava um tema para um docu-

mentário e conheceu Roberto Araújo, sobrinho de Vilô, que contou tanto a história do maestro quanto do delicado estado de saúde em que ele já se encontrava.

O vídeo tem 30 minutos de duração.

A produção contou com um depoimento do próprio Maestro Vilô e também de músicos que trabalharam com ele. Com Vilô, foram duas horas de entrevista, gravadas em mini-DV e com uma

equipe que inclui ainda Alfredo Amaral e Nilo Batista.

O Sesc, a Ordem dos Músicos do Brasil, a Funjope e o Sescra apoiaram o evento. O seminário aborda os temas "Carnaval e turismo", "Carnaval de identidade cultural" e "Carnaval: tradição e folia de rua". As apresentações musicais serão às 19h30: a Banda

da Polícia Militar, hoje; amanhã tem o Coral Via Ativa e Edouardo Araújo e Banda; e na sexta, é a vez do JP Sax, do Quarteto de Trombones, do Grupo Otaviano e da Orquestra do Maestro Vilô, que é composta de músicos que trabalharam sob a batuta do maestro Vilô.

Severino Vilô morreu em fevereiro, após nove anos de luta contra a diabetes, que o havia obrigado até a se aposentar de sua orquestra, após mais de 40 anos dedicados ao Carnaval. "Ele seguiu a bandeira das tradições carnavalescas com muita dignidade", diz Adilson Vieira.

Ele era natural de Serra Branca, filho de também maestro Severino Vilô. Por isso a morte em João Pessoa aos 74 anos, mas ainda para trabalhar na área comercial. Só estimulado pelos colegas de trabalho e que entrou para o mundo da música.

Maestro Vilô - Quarenta Anos de Folia, produzido por Marcelo Vilô e Miriam Vilô, filhos do maestro e também músicos, é uma homenagem ao pai que vai desde as marchinhas clássicas até o foleto. Marcelo assina a regência da orquestra, após o adiamento do pai.



### SERVIÇO

**TRIBUTOS AO MAESTRO VILÔ**, no Sesc Centro, Av. de Lacerda, 18, Desembargador Souto Maior, 291 Centro, João Pessoa - tel.: 3206.3116/3206.3160, de hoje à sexta, a partir das 19h. Entrada franca.

### COM A FOLIA NO SANGUE

Maestro Vilô seguiu a bandeira das tradições carnavalescas e foi sucedido pelo filho.

Ana Maria Moraes



O NORTE

João Pessoa, quinta-feira, 27 de maio de 2009

show

EDITORA &gt;&gt; Maria Helena Monteiro (maria.helena.ped@danosassociados.com.br)

# Apaixonado pela folia

Ícone do carnaval da Paraíba, Maestro Vilô recebe homenagens durante toda a semana

William Costa

williamcosta.pb@danosassociados.com.br

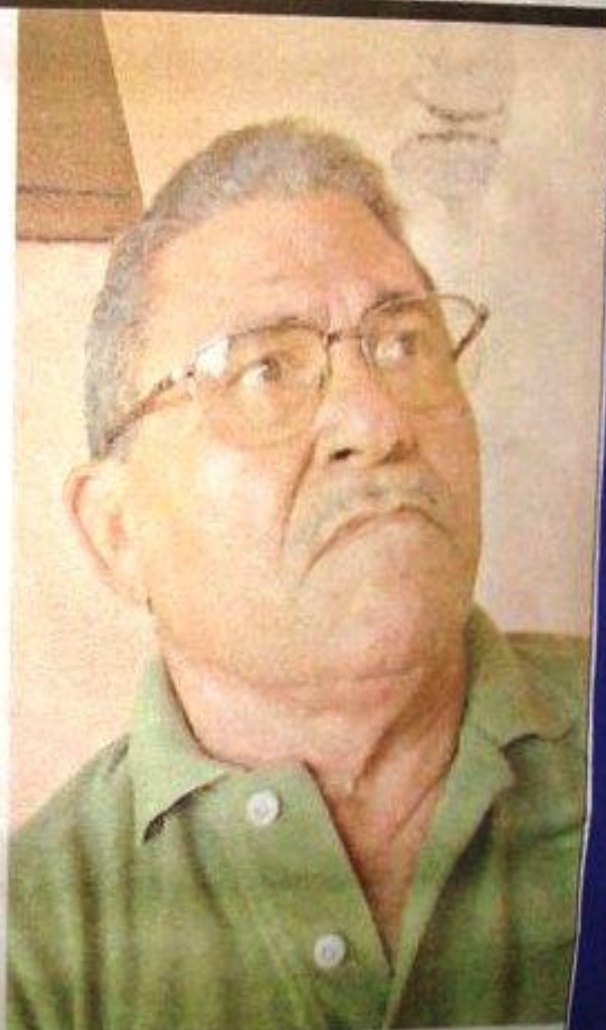
O carnaval de João Pessoa tem poucas figuras emblemáticas. Uma delas era Severino Vilô Filho, o maestro Vilô. Era tão apaixonado pelo reinado de Momo, que elegeu fevereiro, o mais carnavalesco dos meses, para seguir sua viagem definitiva, em uma data que até parece refrão de um frevo rasgado - três do dois de dois mil e nove. Para que ninguém o esqueça, um pool de entidades culturais, sob a batuta de artistas e familiares, está realizando, até a próxima sexta-feira, uma série de homenagens ao maestro.

As homenagens a Vilô foram iniciadas, ontem, com uma Sessão Especial na Câmara Municipal de João Pessoa, proposta pela vereadora Sandra Marrocos (PSB), durante a qual também foram debatidas alternativas para melhorar o carnaval da capital paraibana. Hoje, às 15h, no auditó-

rio do Sesc (Rua Desembargador Souto Maior, 281, Centro), tem início o Seminário Carnaval pessoense, mediado pelo jornalista Gilson Renato, abordando temas como carnaval e turismo; carnaval de identidade cultural; e carnaval tradição e folia de rua.

Hoje também serão lançados, às 19h, na área de lazer do Sesc, o documentário Vilô (em DVD) e o CD *Maestro Vilô: Quarenta anos de frevo*. Em seguida, apresentase a orquestra da Banda da Polícia Militar. O tributo prossegue, amanhã, no Sesc, às 19h, com apresentações do Coral Voz Ativa e Eduardo Araújo e Banda. Na sexta-feira (29), sobem ao palco, no mesmo horário, o quarteto de saxofone JP Sax, o Quarteto de Trombones, o Grupo Oitavando e a Orquestra do Maestro Vilô, cujos componentes tocaram sob a batuta do maestro Vilô.

O cantor e compositor Adeildo Vieira, um dos produtores do DVD Vilô, disse, em entrevista a O Norte, que o maestro foi uma figura de extrema importância para o carnaval de João Pessoa, pois trabalhava com os ritmos tradicionais e mantinha uma relação digna e respeitosa com os profissionais da música. "Basta lembrar que, durante mais de 20 anos, Vilô e sua



Artista é tema de documentário exibido no Sesc

orquestra animaram o carnaval no Cabo Branco, um dos clubes mais importantes de João Pessoa. Várias gerações de paraibanos o têm na memória", ressaltou.

Natural de Serra Branca (PB), Vilô pertencia a uma família musical. Era filho do maestro Severino Vilô, e tio do cantor e com-

positor Roberto Araújo. Sua trajetória musical lhe rendeu várias homenagens, a exemplo do título de Cidadão Pessoaense, concedido pela Câmara Municipal de João Pessoa. O maestro também foi o homenageado especial no primeiro CD da Prêvia Carnavalesca Folia de Rua.





Exibição do Vídeo documentário dos Vilô 40 anos  
de Frevo Produzido por Adeildo Vieira Local  
Auditório do IFPB 2009



**TRIBUTO AO MAESTRO**  
**VILÔ**



Patrocínio:  
GOVERNO DA PARAIBA  
FIC  
oi

Apoio Cultural:  
SEBRAE  
SESC  
João Pessoa  
Ideia  
OMB

**Convite**

A Família Vilô tem a honra de convidá-lo(a) para o **Tributo ao Maestro Vilô**, no qual haverá o lançamento do CD "**Maestro Vilô 40 Anos de Frevo**", que realizar-se-á nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2009 no SESC-Centro PB.

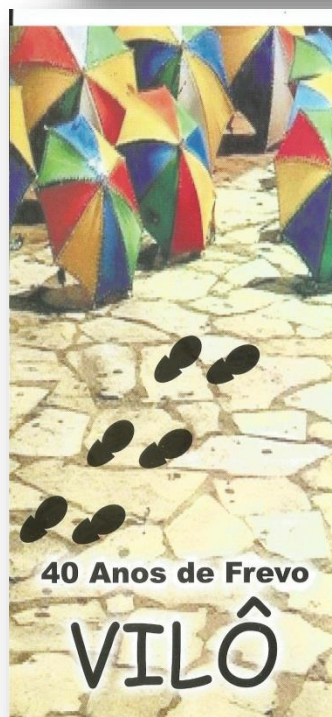
Contamos com a vossa presença na homenagem ao Maestro Vilô e ao Frevo Paraibano.

Família Vilô / Equipe de Produção

Seminários: 15:30 às 17:30  
Shows: 19:30

Patrocínio:  
GOVERNO DA PARAIBA  
FIC  
oi

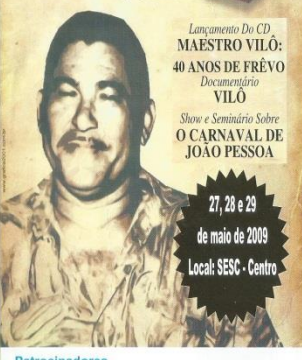
Apoio Cultural:  
SEBRAE  
SESC  
João Pessoa  
Ideia  
OMB



**Patrocinadores**  
GOVERNO DA PARAIBA  
FIC  
oi

**Apoio Cultural**  
SEBRAE  
SESC  
João Pessoa  
Ideia  
OMB

**TRIBUTO AO MAESTRO**  
**VILÔ**



Lançamento Do CD  
**MAESTRO VILÔ:  
40 ANOS DE FREVO**  
Documentário  
**VILÔ**  
Shows e Seminário Sobre  
O CARNAVAL DE  
JOÃO PESSOA

27, 28 e 29  
de maio de 2009  
Local: SESC - Centro

**Patrocinadores**  
GOVERNO DA PARAIBA  
FIC  
oi

**Tributo ao Maestro Vilô 40 Anos de Frevo Evento realizado no Sesc Centro**

### Tributo Ao Maestro Vilô

O maestro Vilô é uma figura emblemática na história da música paraibana, sobretudo quando se trata da cena carnavalesca. Natural da cidade de Serra Branca, este paraibano se notabilizou no universo musical do Estado, numa prática que se traduz em dignidade manifestada nos palcos e nos bastidores por onde passou. A sua consagrada "**Orquestra do Maestro Vilô**" levou, a vários espaços, dentro e fora do Estado, a alegria e um profissionalismo que primava pelo bom gosto musical e pela excelência na sua apresentação, animando um público sempre fiel às tradições de um carnaval movido pelo frevo e demais expressões que fazem da festa de Momo a maior do país.

O maestro Vilô veio a falecer em fevereiro deste ano, deixando um legado de dignidade que inspira a todos que seguem empunhando a batuta que se move a serviço da boa música. Felizmente são muitos os seus seguidores. São músicos, produtores culturais e demais cidadãos que caem na folia embalados no sonho de se manter os traços mais nobres da nossa cultura carnavalesca. Que defendem uma alegria foliá mais independente de um mercado que põe no nosso carnaval uma máscara grotesca - vendida junto com um abadá de cores indesejáveis e sabores excludentes.

Preocupados com o destino do nosso carnaval, resolvemos transformar o lançamento do CD "**Maestro Vilô: Quarenta Anos de Frevo**", produzido com recursos do FIC - Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos, num evento onde homenageamos o saudoso maestro ao mesmo tempo em que discutimos a nossa cena carnavalesca. Estaremos também lançando o vídeo-documentário "**Vilô**", produzido por videastas paraibanos e que narra a bela trajetória do maestro.

Enfim, este evento é realizado sob a luz da história de dignidade do maestro Vilô, portanto traz em sua lógica a esperança da redenção dos nossos carnavais cotidianos, manifestados na nossa alegria brasileira, no respeito à boa música e às tradições que nos elevam. Porque a alegria não tem que estar aliada à inconsequência orquestrada por valores depreciativos do ser humano. Este é o recado do maestro Vilô: a alegria pode ser cidadã.

No mais, é lembrar do maestro como quem ouve um frevo. Deixar-se cair no passo, numa dança que celebra um amanhã embalado por "Vassourinhas".

Adelido Vieira  
Jornalista e compositor

### PROGRAMAÇÃO

I - Seminário sobre o Carnaval Pessoaense (27 à 29 de Maio)

27/05/2009

Tema: Carnaval e Turismo

Local: Auditório do SESC

Horário: 15:00 às 17:30 horas

Mediador: Gilson Renato

Mesa: Elzário Pereira - Sec. De Turismo de João Pessoa

Rodrigo Freire - Presidente da PBTUR

André Piva - Prof. De Turismo da UFPPB

Local: Área de Lazer do SESC

Horário: 19:00 horas

Apresentação: Banda da Polícia Militar de Paraíba

Lançamento do Vídeo-documentário "Vilô"

28/05/2009

Tema: Carnaval e Identidade Cultural

Local: Auditório do SESC

Horário: 15:00 às 17:30 horas

Mediador: Gilson Renato

Mesa: Renato Lima - Secretário de Cultura do Recife

Flávio Tavares - Subsecretário de Cultura da PB

Milton Dornellas - Diretor Executivo Adjunto da Funjope

Local: Área de Lazer do SESC

Horário: 19:30 horas

Banda do 15º BMTZ

Apresentação do Coral Voz Ativa

Edu Araújo e Banda

29/05/2009

Tema: Carnaval Tradição e Carnaval de Rua

Local: Auditório do SESC

Horário: 15:00 às 17:30 horas

Mediador: Gilson Renato

Mesa: Ignês Ayala - Professora da UFPPB

Clóvis Júnior - Pres da Associação Folia de Rua

Lau Siqueira - Poeta

Lançamento do CD Maestro Vilô 40 anos de Frevo

Local: Área de Lazer do SESC

Horário: 19:30 horas

### Apresentações

JP SAX

QUARTETO DE TROMBONES DA PARAIBA

GRUPO OITAVANDO

ORQUESTRA DO MAESTRO VILÔ (composta de músicos que trabalharam sob a batuta do Maestro Vilô)

### Ficha Técnica

CORAL VOZ ATIVA

O grupo surgiu há 15 anos como uma alternativa aos corais tradicionais da cidade, se propondo a fazer um trabalho diferenciado sob vários aspectos. A regência e coordenação geral são do maestro Luiz Carlos Otávio desde a sua criação.

JP SAX

Este quarteto de saxofones, formado por músicos-professores da Universidade da Paraíba, foi considerado por Sivuca como um dos melhores do mundo.

Componentes:

Sax Soprano - João Leite Ferreira  
Sax Alto e Clarinete - José de Arimatéia (Teinha)  
Sax Tenor - Rivaldo Dias  
Sax Barítono - Helene Feliosa (Costinha)

### QUARTETO DE TROMBONES DA PARAIBA

O Quarteto de Trombones da Paraíba, fruto do Curso Internacional de Música da Paraíba de 1990, tem como objetivo divulgar o TROMBONE na música de câmara e levar a todos, música popular brasileira e erudita, para esta formação.

Componentes:

Sandoval Moreno  
Givandro Pereira (Azellona)  
Roberto Angelo (Cabelo)  
Rogério Lima (Burrin)

### GRUPO OITAVANDO

Grupo de Música Popular Brasileira Oitavando Surgiu na banda de música da guarnição federal da Paraíba, tendo como idealizador o saxofonista e arranjador Marcelo Vilor juntamente com o trompetista Denilson Siqueira e o companheiro do Clarinete Luizinho.

Componentes:

Clarinete - José Luiz de Andrade  
Sax Alto - Marcelo Vilor (Camelo)  
Sax Tenor - Luiz Carlos Jr. (Pavêla)  
Trompete - Denilson Siqueira (Tampinha)  
Trombone - Alciran Roque  
Trompa - Elinaem Castro (Castrinho)  
Baxo e Tuba - David Xavier (Fera Gordá)  
Bateria - Herbert José

Produção:

Adelido Vieira  
Ednamay Cirilo  
Kennedy Costa  
Nara Lima  
Gilson Renato  
Gláucia Lima  
Fátima (Maná) Araújo  
Família Vilô











5 ACORDES FINAIS

---

## 5 ACORDES FINAIS...

Ao percorrer, sonoramente, as vozes que nos foram dadas por empréstimo das testemunhas vivas da memória viloriana, nos foi possível traçar algumas peculiaridades da vida e obra do Maestro Vilô destacando-se alguns aspectos como personalidade, capacidade administrativa, e seu lado de amante do frevo.

Do ponto de vista de sua vivência pessoal percebeu-se um Vilô de personalidade forte, de sentimentos múltiplos, ainda que em alguns momentos incompreensíveis era de certo modo um exemplo de honestidade e trabalho, e ao fim um avô muito carinhoso.

Do ponto de vista de capacidade administrativa, mesmo sem nenhuma instrução acadêmica Vilô era um administrador nato, motivador, LIDER, revelador de talentos, a preocupação que ele tinha no bem-estar de seus músicos, no visual da orquestra, os repertórios, a contabilidade, a organização, saber se aquilo estava agradando ao público. Podemos até dizer que os papéis que Vilô desempenhava na orquestra se assemelham com nossos de bibliotecários, pois ele satisfazia os seus usuários internos e externos.

E por fim amante e defensor do frevo que era umas de suas paixões dentre tantas a que ele mais amou, e ver o frevo se calar para as multidões foi muito doloroso, mais para ele com certeza o frevo nunca morreu. Como Capiba costumava dizer em sua música Trombone de Prata “Pode acabar com o petróleo, pode acabar com a vergonha, pode acabar tudo enfim, mais deixe o frevo para mim” enquanto houver alguém que pense, cante, dance o frevo, Vilô estará vivo.

**Ao dar os últimos acordes, não encerramos nossa apresentação apenas modificamos a forma, dando introdução para que o frevo possa continuar em outras páginas da história. Pois a arte do frevar continua, com os que acreditam, que o frevo é a batida de seu coração, e o ritmo que os move.**





## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Pedro Galas. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. Disponível em:  
[http://www.gelbc.com.br/pdf\\_teses/pedro\\_galas.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/pedro_galas.pdf) Acesso em: 28/05/2013

DAMIÃO, Carla Milani. **Sobre o declínio da “Sinceridade”** Filosofia e Autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e Narrativas**: tempo memória e identidade. São Paulo: VI Encontro de História Oral-USP, 2005.

FISHER, Beatriz. **Focault e as Histórias de Vida**. Memoria, conocimiento y utopía. Anuario de la Sociedad Mexicana de História de la Educación. n.1, Janeiro 2004, Maio 2005.

GAYA, Lindolpho; DUPRAT, Rogério. **Os Maestros Premiados**. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Discos, 1968. 1 disco (31:10), 12 Faixas Estéreo 824.850.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. 10. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MEIHY, J.C.S.B. (Org.) . (Re)Introduzindo História Oral No Brasil. 342 p. São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. Manual de História Oral. 4. Ed. 248 p. São Paulo: Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Maria Bernardina Juvenal Freire de. **JOSÉ SIMEÃO LEAL**: escritos de uma trajetória. Tese Doutorado. João Pessoa: PPGL- UFPB, 2009.

RICCEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas – SP. Editora da UNICAMP, 2007.

TAYLOR, R. S. The information sciences. **Library Journal**, v. 88, p. 4161-4162, 1963.  
\_\_\_\_\_. Professional aspects of information science and technology. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 1, p. 15 - 40, 1966.